Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 1973 N. 18213 ANO 53 PREÇO 1$50

A OPERAÇÃO PALESTINIANA EM PARIS

ACORDO PARA LIBERTAR OS QUINZE REFÉNS

•UM AVIÃO À DISPOSIÇÃO DOS ASSALTANTES

PARIS, 6 *(Do nosso correspondente José Gabriel Viegas)* — As últimas notícias fazem prever que terminará bem a operação do «comando» palestiniano que assaltou a Embaixada da Arábia Saudita nesta capital. Foi posto à disposição dos assaltantes, pelo presidente da Síria, um avião que deverá levantar voo do Bourget às 12 e 30.

O «comando» saira da Embaixada saudita às 11 e 30, devendo libertar então as cinco senhoras que deteve como reféns.

Os restantes 10 reféns acompanhá-los-iam na viagem até ao aeroporto. Antes de embarcar no avião, o comando libertara o embaixador do Iraque e os reféns que não são cidadãos da Arábia Saudita. O destino do avião é ainda desconhecido, mas pensa-se que o termo da viagem será a Argélia ou a Síria.

Havia grande tensão. Os palestinianos passaram a noite sem dormir e mostraram-se extremamente enervados e esgotados.

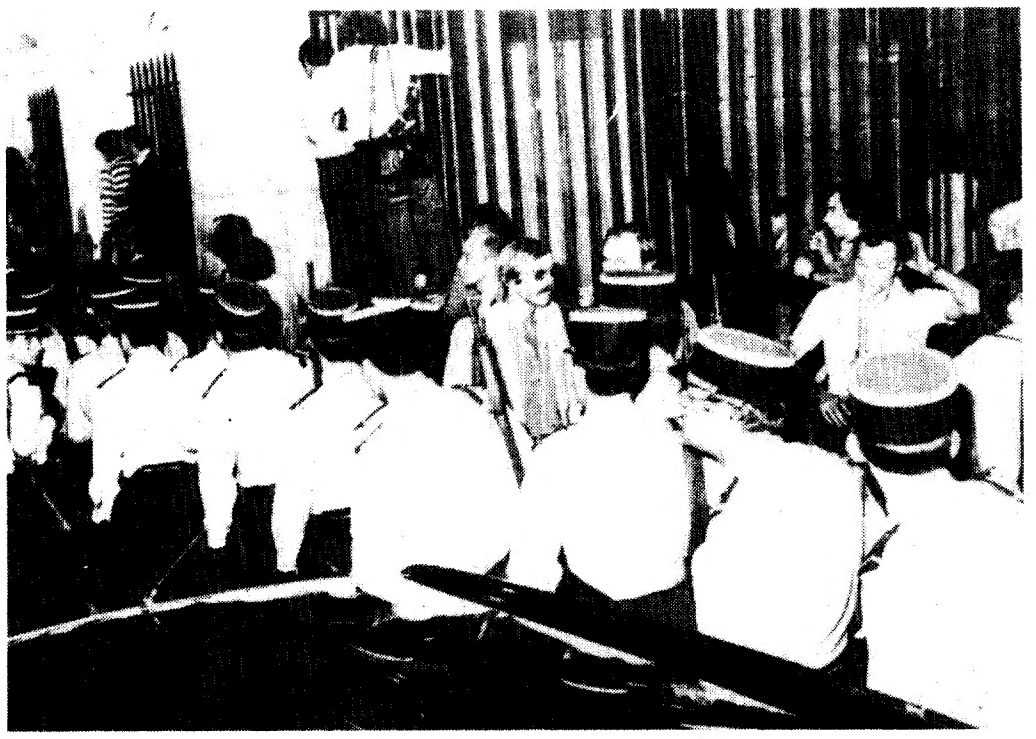
Esta manhã, entre as 9 e 30 e as 10 horas, viveram-se momentos dramáticos. Os reféns gritavam das janelas a pedir que se fornecesse imediatamente um avião aos seus captores. Os palestinianos ameaçavam matar às 10 horas, dois reféns, se não lhes fosse facultado o avião. Na rua, os pais e as mães de duas raparigas dirigiram-se aos gritos aos jornalistas a suplicar que se arranjasse um avião.

Finalmente parece ter-se chegado a um acordo. As negociações com o «comando» palestiniano foram conduzidas pelos embaixadores árabes em Paris. Do lado francês, a preocupação essencial era evitar um novo Munique. As autoridades francesas não intervieram nas negociações, declarando que aceitariam as condições que a Arábia Saudita aprovasse, por considerarem que os reféns estavam detidos em edifício que goza de extraterritorialidade.

As autoridades francesas exigiam apenas que os reféns franceses e os que não são cidadãos da Arábia Saudita fossem libertados à saída da Embaixada, o que o «comando» recusou. Por fim, acordou-se que as mulheres seriam libertadas à saída da Embaixada e os outros reféns no Bourget.

No momento em que telefono, de um prédio fronteiro à Embaixada, a polícia está a afastar os jornalistas. Dentro de minutos, deverá partir para o aeroporto um autocarro com os palestinianos e os reféns. Os assaltantes exigiram que não haja polícia no trajecto para o Bourget nem câmaras de televisão e que não sejam seguidos por automóveis. Ameaçam fazer explodir o autocarro, no caso de observarem qualquer movimento suspeito. Embora haja esperança de que tudo corra bem a tensão persiste e ainda se receia o pior.

O problema foi constantemente acompanhado pelo presidente Georges Pompidou. A situação do Governo francês é considerada muito delicada, devido às boas relações que procura manter com todos os países árabes.



Armados de espingardas, polícias parisienses montam guarda permanente à embaixada saudita, na Rua André Pascal, preparados para todas as eventualidades. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

CASO WATERGATE

Nixon promete manter uma posição dura

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — O presidente Nixon anunciou na quarta-feira que vai dirigir, na segunda-feira, segunda mensagem ao Congresso a respeito do Estado da União, a fim de o convidar, no final de um ano "muito desanimador" no plano interno, a aprovar medidas urgentes para lutar contra a inflação, manter uma defesa nacional poderosa, combater a crise da energia e resolver certos problemas domésticos como o alojamento.

Na sua mensagem, Nixon põe o Congresso de sobreaviso contra uma diminuição do orçamento da defesa que enfraqueceria, pensa ele, a posição dos Estados Unidos nas suas negociações com a União Soviética para a redução mútua e equilibrada das tropas na Europa e a limitação dos armamentos nucleares ofensivos. Os Estados Unidos não devem abordar as novas negociações em preparação "numa posição de segundo plano" — sublinhou Nixon.

Quanto ao caso de Watergate, Nixon anunciou que vai manter a sua posição dura no que se refere às gravações das conversas presidenciais reclamadas pelos investigadores para não pôr em perigo o carácter confidêncial destas conversações.

Finalmente, Nixon pensa que recuperará a confiança dos seus concidadãos graças às medidas "construtivas" que vai propôr ao Congresso.

Defesa da criação de um parque marítimo na Baía de Sesimbra

«A criação do Parque Marítimo da Baía de Sesimbra é um assunto que tem de interessar profundamente, e pelos mais diversos motivos, todos os portugueses, como efectivamente já interessa a todos os povos que, desde a Irlanda até ao sul de Marrocos, tem no mar uma das origens da sua subsistência económica, se não da sua existência» — afirma-se a abrir a primeira circular de uma comissão (criada no âmbito da Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra) que luta pela promulgação oficial do Parque Marítimo. Na carta em que nos faz a sua apresentação (e que acompanha a referida circular) a comissão, agradecendo o interesse que ao «Diário de Lisboa» tem merecido o grave problema da pesca na costa portuguesa, salienta que o assunto da criação do Parque é de «interesse vital para o nosso País e outros países da Europa». E informa, simultaneamente, que o governador civil do distrito de Setúbal foi o «primeiro a apoiar a consti-

Continua na pag. 11

EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS

"SUPLEMENTO LITERÁRIO"

Três novos documentos vêm juntar-se hoje ao «dossier» da Orquestra Gulbenkian: um depoimento de Jorge Peixinho (expressamente dirigido aos leitores do «Diário de Lisboa»), uma resposta de António de Oliveira e Silva à nota do conselho de administração da Fundação e uma carta do Sindicato Nacional dos Músicos...

Outros assuntos: uma entrevista com Arrabal e artigos de Fernando Luso Soares, Melly Novaes Coelho, Augusto da Costa Dias, Arnaldo Saraiva, José-Augusto França e José Luís Porfírio.

PRÓ E CONTRA ALLENDE

Santiago do Chile foi abalada por incidentes que começaram com duas manifestações rivais de mulheres, pró e contra o governo de Allende, que se faziam acompanhar de «tropas de choque» constituídas por jovens com capacetes. Os dois grupos defrontaram-se na Avenida Almeida, depois da manifestação hostil ter gritado que o presidente se devia demitir enquanto lenços brancos eram agitados num gesto de despedida. A polícia, empregando gases lacrimógeneos e carros de água separou os dois grupos (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

DL/GERAL

LER PARA VIVER MELHOR

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
cultura à sua mão

Escuro como o Túmulo onde Jaz o Meu Amigo
de Malcolm Lowry
Um dos mais importantes livros dos últimos tempos em todo o mundo!
O livro do ano!

Três livros da Colecção "EUROPA AMÉRICA JUVENIL"
● **Aventura entre os Vulcões**
Willard Price
● **A Estrada de São Carlos**
Eduard Klein
No Chile, uma epopeia humana e social.
Para jovens dos 8 aos 80!
● **O Cidadão Bonaparte**
Claude Manceron
Napoleão é uma personagem da história que muitos ainda desconhecem.

Colecção «Europa-América Juvenil»
AVENTURAS QUE EDUCAM

ESTÁ PREPARADO
PARA EDUCAR OS SEUS FILHOS?

«Biblioteca dos Pais»,
de Publicações Europa-América
Dois últimos lançamentos:
● **A ESCOLA INFANTIL — Lazarine Bergeret**
● **AVERSÃO À ESCOLA — Marie Gabriel**

Nos nossos dias,
estagnar é morrer.
Colecção «SABER»
Cem livros para o seu progresso
Dois últimos lançamentos:
● **A GENÉTICA — Janine Beisson**
● **A FORMAÇÃO CONTÍNUA DOS ADULTOS — Pierre Goguelin**

Obras editadas por Publicações Europa América

A venda em todas as livrarias ou, directamente, enviando-nos o seguinte cupão de encomenda:

Enviem me, contra reembolso, os seguintes livros assinalados com um [ ]

N.º 3116	*Escuro como o Túmulo*	90$
N.º 19 035	*Aventura entre os Vulcões*	50$
N.º 19 034	*Estrada de São Carlos*	50$
N.º 19 033	*O Cidadão Bonaparte*	50$

Publicações Europa América
Apartado 8-Mem Martins

N.º 40 205	*A Escola Infantil*	35$
N.º 40 206	*Aversão à Escola*	30$
N.º 10 029	*A Genética*	35$
N.º 10 030	*A Formação Contínua dos Adultos*	35$

Nome _____
Morada _____
Profissão _____

CHARQUINHO E PALMEIRAS SEM ESCOLAS

Esqueceram-se que nos dormitórios de Lisboa também nascem crianças

Nos fundos da cidade, com traseiras para o cemitério de Benfica, ergueu a Câmara há 10 anos o bairro do Charquinho. Foram construídas sete ruas com prédios de cinco e seis pisos para empregados camarários e particulares. Mas não plantaram escolas, num bairro em que vivem umas 10 mil pessoas. Nem escolas, nem parques infantis, nem jardins de infância, nem infantários, nem centros de enfermagem...

Para ir à escola as crianças têm que palmilhar dois quilómetros e atravessar a perigosa estrada de Benfica.

Para brincarem no bairro, as crianças não têm onde, e a pouca relva existe junto aos prédios não pode ser pisada...

Enfim, esqueceram-se que nos dormitórios de Lisboa também nascem crianças. E o mal que no Charquinho nascem muitas crianças.

O Charquinho, metade bairro camarário, metade construção particular, fica colado ao bairro das Palmeiras, todo particular e, que, claro também não tem escolas, nem parques, nem jardins infantis, nem sítio algum que pertença às crianças.

Ao todo são umas 30.000 pessoas que vivem em Lisboa, ao fundo, à direita de quem segue pela estrada de Benfica, em bairros que, como se costuma dizer, não têm as infra-estruturas necessárias. Ou seja, os planos de urbanização de há 10 anos não previam existência de crianças, e o Ministério da Educação Nacional de agora ou não tem dinheiro ou desconhece a situação.

Mas, com crianças ou sem crianças, as rendas, essas já dobraram a esquina dos três contos, ali no Charquinho e no bairro das Palmeiras.

DE 6 A 12 DE SETEMBRO
NO RESTAURANTE DO CASINO ÀS 23 E 1H.
GRUPO C - M/14 ANOS

EM ESTREIA EM PORTUGAL
O GRUPO VOCAL-INSTRUMENTAL INGLÊS
TOUCH OF VELVET

OS SURPREENDENTES ILUSIONISTAS
ALAIN DENIS & MONICA BELL

O BALLET
DAYGO DANCERS

E O CONJUNTO DE
MÁRIO DE JESUS
COM A CANTORA INGLESA
JAY SOUTH

SALA DE MÁQUINAS
Acesso livre a m/ de 21 anos
SALA DE JOGOS
DIÁRIAMENTE DAS 17 ÀS 3 H.

CASINO DE ALVOR

Exposição de empregados dos C.T.T.

Num salão do andar principal do Ateneu Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, está patente ao público, até sábado, uma exposição de artes plásticas, fotografia e passatempos, organizada pelo Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos C. T. T.

O certame integra 33 trabalhos de artes plásticas e passatempos e 20 fotografias a preto e branco e a cores, da autoria de empregados dos Correios e Telecomunicações. O júri que procedeu à elecção designará os trabalhos premiados, os quais figurarão numa exposição internacional dos organismos turísticos e culturais dos C. T. T., a inaugurar no Palácio Foz, em 8 de Outubro próximo.

DL/OPINIÃO

AS VOZES DA BRANDOA

Que o título não engane: não é de fantasmas que se trata, mas de gente verdadeira, com a carne e os ossos que sustentam a energia, a força de vontade, a inteligência, sem as quais, aliás, o mais sólido corpo vale o que vale o fogo-fátuo instável e de suspeita proveniência... As vozes da Brandoa são as de um grupo de residentes que desde há tempos se constituiu em Comissão para o Desenvolvimento e Progresso do lugar, classificação indefinível de um aglomerado que nasceu nas condições de todos sabidas e que, se pelo número dos seus habitantes (cerca de 25 mil) justificava o título de cidade, nem o nome de aldeia lhe está próprio se tivermos em conta a carência das suas infra-estruturas. Quanto se refira a arruamentos, espaços verdes, cobertura sanitária, serviços, água canalizada, e outras coisas mais, ou não existe de todo, ou não satisfaz as necessidades mínimas. E é precisamente por isso que se juntaram as vozes da Brandoa, que não são de almas do outro mundo, mas de gente deste, sacrificada mais que de justiça, se sacrifícios assim podem ser justos...

Agora representou a Comissão à Câmara Municipal de Oeiras as suas razões de discordância da decisão daquela autarquia de marcar para a primeira quinta-feira de cada mês uma feira que ali se realizava duas vezes por mês, no primeiro e terceiro domingos. Diz a Comissão: «É (...) sabido que a Brandoa não está, neste momento, equipada com comércio local em termos de garantir uma perfeita cobertura das necessidades da população do Bairro. Embora haja alguns estabelecimentos aceitáveis, estes são manifestamente insuficientes para tão grande população, e a medida agora tomada vem, a curto prazo, extinguir um benefício local de que a população na generalidade usufrui e do qual precisará por mais algum tempo». E justifica a declaração através de uma evidência que a Câmara de Oeiras não pode desconhecer: «É sobejamente conhecido que a população da Brandoa é constituída por trabalhadores activos que saem cedo para os empregos e voltam para casa já tarde, não podendo vir a servir-se da feira (...) quando esta vier a realizar-se à quinta-feira (...)». É clara a ponderação do raciocínio e consoladora a ausência do folclorismo que costuma intrometer-se nestes casos de feiras e mercados. Na Brandoa, a feira é uma necessidade social e é como tal que os residentes a analisam, sabendo eles próprios que ela perderá a sua razão de ser a partir do momento em que o comércio garanta «a perfeita cobertura das necessidades da população do Bairro».

Que decisão venha a tomar a Câmara Municipal de Oeiras acerca do que nesta exposição se representa, não sabemos. Outras representações dirigiu a Comissão à mesma Câmara, e em todas elas expôs matéria de interesse para os habitantes. Ora, precisamente, nas incidências deste ponto desejaríamos prosseguir e concluir o comentário de hoje.

É pelos resultados que se julgam os méritos dos empreendimentos humanos, e é certo e sabido que os residentes da Brandoa que constituem a Comissão serão tanto mais reconhecidos pelos seus conterrâneos quanto mais êxitos registarem na luta. O nosso voto é de que não sejam precisamente os habitantes da Brandoa a contribuir para tais desânimos, e que, pelo contrário, reforcem, por uma constante solidariedade, a acção eminentemente cívica da Comissão que os representa.

E deixando agora a Brandoa e as suas vozes de gente viva, recordamos as ocasiões em que neste mesmo lugar aludimos à necessidade da constituição de grupos cívicos por toda a parte, capazes de actuarem ao nível do bairro, da freguesia, do concelho, junto das autoridades e por elas reconhecidos. Recordado isto, tornemos à Brandoa. Para lhe agradecer o exemplo.

Os europeus perturbados

Os dirigentes europeus desejariam que o presidente Nixon adiasse a sua visita à Europa até 20 próximo ano — é o que se afirma em círculos diplomáticos de Londres.

E diz-se porquê: os europeus estão perturbados pelos últimos acontecimentos na América do Norte e não se consideram aptos, no seu actual estado de espírito, a empreender conversações cruciais com o presidente norte-americano, que vem ao seu encontro no propósito de dar nova forma às futuras relações transatlânticas.

Iniciar prematuramente negociações vitais sobre uma nova Carta do Atlântico pode, do ponto de vista europeu, ser mais prejudicial do que benéfico.

Além disso, entendem que alguns meses de atraso só podem servir para ajudar a restituir à imagem de Nixon na Europa algo da sua fisionomia anterior ao escândalo Watergate.

Crê-se aqui, além disso que a acção do novo secretário de Estado, Henry Kissisnger, poderá contribuir em grande parte para colocar as relações entre as duas margens do Atlântico numa base construtiva. Mas é preciso que se lhe dê tempo para tanto.

Informações que chegaram a semana passada às chancelarias europeias diziam que Nixon tenciona fazer a sua viagem à Europa em fins de Outubro. Kissinger viria antes, para as sondagens preliminares.

Estas notícias foram recebidas com evidente frieza nas capitais europeias. Verificou-se um silêncio embaraçado em todos os grandes centros oficiais da Europa. Mas nos círculos diplomáticos foi-se mais longe: deu-se claramente a entender que a visita presidencial ofereceria muito melhores perspectivas se fosse adiada, pelo menos, até ao próximo ano.

Questão territorial

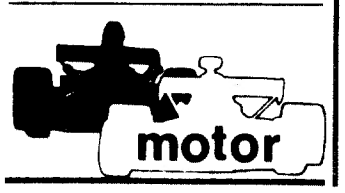
O Japão não tomará parte em quaisquer negociações sobre o sistema de segurança asiático, proposto pela URSS, enquanto não estiver resolvida a disputa àcerca das ilhas Curilhas — declarou em Tóquio um alto funcionário do ministério dos Negócios Estrangeiros.

Watru Owada, director-geral do departamento de assuntos europeus e da Oceania, naquele ministério, declarou a uma comissão do Parlamento que a questão territorial deve ser resolvida antes que o Japão possa pensar seriamente no chamado conceito de Brejnev acerca de um sistema de segurança colectiva na Asia.

O Japão deseja que a URSS restitua quatro ilhas do grupo das Curilhas, exactamente a norte de Hokaido, ilhas que foram entregues à União Soviética pelo acordo de Yalta, após a segunda guerra mundial.

Owada acrescentou que a China deve fazer parte de qualquer sistema de segurança asiático e «a menos que a China participe, o Japão nao participará».

E mais, «dado que a URSS não é um país asiático — como ficou assente durante a conferência afro-asiática de 1955, em Bandung — a participação dos Estados Unidos também teria de ser considerada, caso se pretenda incluir algum país não asiático».



QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

O ATESTADO

Dizia eu à leitora que nos contou aquelas coisas de um juíz poder ser substituído por um comerciante mas nunca por uma mulher licenciada em direito — por ser uma mulher —, dizia eu que isso fazia parte desta antiga canção que todos sabemos de cor e salteado e onde a mulher faz figura de rima fraca.

Evidência, apenas; não carreavam as minhas palavras nenhum elemento que pretendesse aproximar-se, sequer, do que pudesse passar por conselho ou solução. Evidência apenas apontada, apoio a quem se indignava, e alguma pena de que a hoje de novo tão referida «emancipação da mulher» pouco tenha avançado, afinal, desde os primeiros passos dados pelas pioneiras (também chamadas sufragistas).

Isto porque as próprias mulheres... (A maioria delas...).

Nas reticências estavam incluídos não só os combates que as mulheres **não travam**, como a contrariedade com que por vezes exercem a profissão escolhida.

Acredito que comecem o curso com certo entusiasmo e o terminem com satisfação. Mas depois... depois... se, encontrado o marido, puderem ser só esposa-mãe-dona de casa... (Fazer as camisolas para os filhos, os petiscos para o homem — «então agora com a falta de pessoal, o que há a tratar numa casa»).

E como prova apresento as declarações de uma médica de Lisboa acerca do trabalho feminino. Neste caso omito o seu nome por não concordar com ela.

«... Trabalho de noite duas vezes por mês, das oito da noite às oito da manhã. Não, não gosto. Dá origem a um dispêndio muito maior de energias físicas e psicológicas. No trabalho de noite observo o doente em muito piores circunstâncias do que durante o dia, claro».

«Em cada noite de serviço sou acordada três, quatro vezes em média. Mas nos hospitais com muito movimento nocturno o médico pode nem chegar a dormir. É uma agravante muito pesada na vida profissional. Nos Hospitais civis acabaram com as folgas no dia seguinte àquele em que se trabalha de noite. Isto significa que se a pessoa tiver passado toda a noite levantada não pode de maneira nenhuma prestar assistência capaz aos doentes da enfermaria».

«É difícil uma médica ser uma profissional eficiente e boa mãe de família. O problema agrava-se ainda mais com o trabalho nocturno. Os filhos sentem a falta da mãe na primeira refeição da manhã e porventura durante a noite, se houver caso disso. Quando se não tem empregada doméstica, como acontece com colegas minhas, tem de se ir para casa a correr depois da noite de trabalho e não se pode ter a estabilidade emocional necessária para uma refeição agradável, imprescindível para a própria estabilidade emocional das crianças. Tenho mesmo experiência, com uma das minhas filhas, de perturbações de comportamento por não me ter sido possível, durante um mês, estar presente ao acordar e à primeira refeição».

«Quanto ao marido, bom, é sempre desagradável não dormir com ele... E há ainda o problema do isolamento, pois à noite não tenho colegas comigo para me ajudarem».

Confesso que vários pontos deste depoimento me deixam confusa.

Os dois primeiros parágrafos podiam, penso, ser subscritos por qualquer médico sem especificação de sexo.

Trabalhar de noite é muito duro em qualquer profissão pelo maior dispêndio de energia que nunca é suficientemente compensada com as horas de sono que se consigam durante o dia.

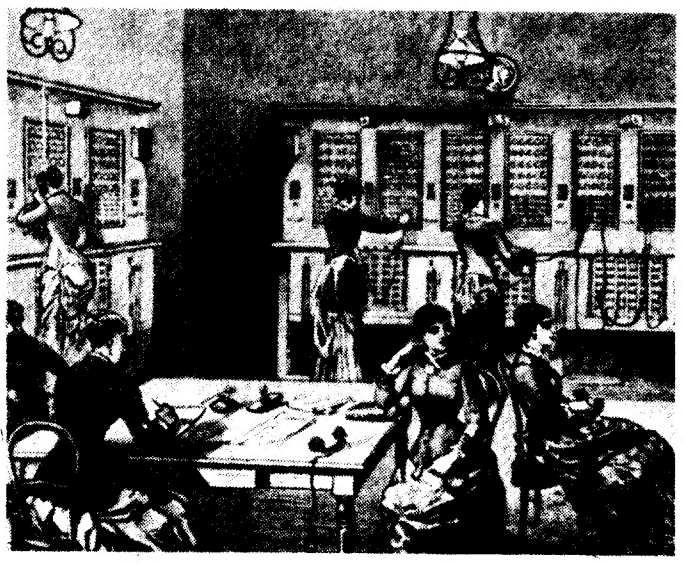
E como quem entra no hospital de noite vai com certeza em perigo de vida, mais se exige ao médico do que a qualquer outro trabalhador. (Também a alegria de salvar será maior do que a satisfação de qualquer outra tarefa bem feita).

O que não entendo são as declarações seguintes e o que implícito se calcula.

1.º — «Os filhos sentem a falta da mãe na primeira refeição da manhã (e durante a noite se houver caso disso)».

Duas vezes por mês ausente ao pequeno almoço dos filhos não parece muito. (Quando os pais vão viajar estão ausentes muitas manhãs seguidas).

Será muito se a mãe tiver



querido mantê-los completamente dependentes de si — mas aí o erro é dela. Porque essa espécie de mães que têm de fazer elas próprias TUDO — quer trabalhem ou não fora de casa — vivem num permanente **stress**, corrente de tensão que projectam em seu redor e que atinge a estabilidade emocional das crianças — e dos outros adultos.

Não, não creio que crianças já crescidinhas, subentende-se, sofram pela ausência da mãe médica duas noites por mês (e numa casa onde há empregada doméstica, como dá a entender, — e há o Pai).

Sobretudo se:

. 1.º — A refeição da manhã for composta pelos pequenos pacotes, em triângulo, de leite pasteurizado cujo canto a mais velha corta com a tesoura de bicos rombos. Cada uma das meninas enfia a palhinha de cor que a mãe deixou à noite em cima da mesa da cozinha, e bebe. Se lhes apetecer comer pão com manteiga, preparam-no, se não lhes apetecer, não comem.

2.º — A mãe lhes contar nessa noite, à hora de deitar, como salvou aquele rapazinho atropelado, e aquela menina que entornou água a ferver nas pernas porque mexeu na panela que estava em cima do fogão, e aquela outra que engoliu o líquido de uma garrafa...

Todas as crianças gostam de se sentir «arripiadas» pelas histórias que os adultos lhes contam. Neste caso até são histórias de proveito e exemplo, e em que a mãe toma parte na figura de herói.

Que maior exaltação e bem-estar podem as meninas sentir no lusco-fusco da manhã ao beberem o seu leite sozinhas antes de se arranjarem e partirem para a escola? («Quem estará a mãe a tratar neste momento?»).

E o Pai, no meio disto tudo?

O pai de quem não se fala como pai, só como marido, porque «é sempre desagradável não dormir a seu lado».

Mas estas mesmas palavras explicam que ele dorme em casa, não é marinheiro nem caixeiro viajante. Então não pode o pai substituir a mãe nessas duas manhãs por mês — tal como as mães se habituaram — ai delas — a substituirem o pai, a autoridade do pai, o amor do pai, na ausência dele, porque foi para a guerra, por exemplo?

Esse diálogo a sós com as suas filhas não lhe seria gostoso e fecundo? Não lhe traria momentos de descoberta e ternura que em geral lhe são furtados?

Se se tivesse estabelecido esta sorte de equilíbrio naquela casa — ambos os pais sendo gente em função dos filhos e em função deles próprios — não creio que a ausência da mãe, durante um mês, ao acordar das filhas, tivesse provocado as tais perturbações de comportamento. Falta sempre saber muita coisa, mas eu falo unicamente sobre as razões dadas.

Quanto ao problema do isolamento («pois à noite não tenho colega comigo para me ajudar»), esse deixa-me completamente desorientada.

O que quer dizer, **aqui**, a palavra isolamento?

. São poucos os médicos em cada serviço, são poucos os que ficam «de banco», em cada noite, chegando a trabalhar sozinhos com os enfermeiros e as enfermeiras. Mas, isolamento? No meio do movimento nocturno, que no próprio dizer da entrevistada não deixa o médico recostar-se nem por minutos — isolamento?

. Há qualquer coisa aqui que está errada. Exprimiu-se mal a senhora ou eu compreendo mal. Oxalá não se refira a falta de companhia, falta da presença contínua de um dos seus pares, do apoio de uma equipe. Porque companhia, presença e apoio é o médico em acção que tem que as dar e é ao dá-las que tudo recebe. Se na plena actividade a que um serviço de «banco» obriga, o médico se entrega a essa espécie de nostalgias, é porque «não está lá», ou está, contrariado. Almejando, para lá do justo repouso, por tranquilidade, alheamento, e dormência — ao arrepio da profissão que escolheu.

É como que um atestado que a pessoa passa a si própria. Atestado de quê? Ora, sabem tão bem como eu.

DL/GERAL

NO DOURO

Estradas que não servem

. . **Santa Cruz do Douro** — Há dezenas de anos que se abriu a estrada para Viariz, mas até agora (e já lá vão bastantes anos) nada se fez para concluir esta obra, que deveria terminar no Martírio.

Deste modo, continuam isoladas muitas povoações, pois o piso é perfeitamente impraticável e torna-se um perigo levar para ali automóveis. Não se compreende este abandono lamentável! A notícia de que as estradas municipais passariam para o domínio do Estado causou grande entusiasmo nesta região, antevendo-se os possíveis benefícios.

Contudo, o tempo passou e nada. Também se continua à espera de uma estrada que ligue o Abelhal ao Arco. Ao princípio, os trabalhos começaram a ser feitos nos dois sentidos convergentes, para uma conclusão acelerada. Em breve foram interrompidos e nada dá a entender que eles recomecem. Pelo menos a esta estrada já se viu o princípio e o fim: falta só o meio e esse parece demorar.

Entretanto, prossegue a abertura de novas estradas municipais. Não seria conveniente terminar aquelas vias em que já se investiu algum dinheiro?

. . Estiveram recentemente nesta freguesia alguns elementos da Junta de Colonização Interna, tendo sido ventilados estes e outros problemas locais e que entravam por completo o desenvolvimento desta zona.

A AGRICULTURA ESTÁ A MORRER

. . A agricultura está a morrer na região de Santa Cruz do Douro. Enquanto a vida sobe assustadoramente, o preço dos produtos agrícolas nesta zona desce bastante. O milho que se vendia o ano passado a 45$00 os 16 kilos, paga-se agora a 33$00. Para quem vai o lucro? Falta uma organização agrícola que estabeleça um preço decente para os produtos e que garanta a sua fácil colocação. Ninguém vai cultivar as terras por desporto!

ELECTRICIDADE: PARA QUANDO?

. . Para quando a instalação de luz eléctrica no lugar de Paredes, no concelho de Baião? Os habitantes desta localidade já ofereceram cerca de 100 contos para as despesas. Mesmo assim, o seu pedido ainda não foi ouvido. Durante quantos mais anos, ficará esta localidade às escuras?

CURSOS NOCTURNOS

Continua-se a aguardar a criação de cursos nocturnos de adultos em Santa Cruz do Douro. Numa altura em que o Governo tanto se empenha em tornar o ensino acessível a todos, nesta localidade, parece que essa medida ainda não foi adoptada. Os cursos nocturnos não devem estar incluidos no programa de «desenvolvimento» desta região.

Matrículas para os Cursos de Saúde Pública

As matrículas para os Cursos de Saúde Pública, Medicina do Trabalho e Administração Hospitalar deverão ser feitas de 15 a 30 de Setembro no Instituto Nacional de Saúde, na Av. das Telheiras ou no Campo Santana — segundo informação do Ministério da Saúde e Assistência.

O dr. Ferreira de Almeida assina o livro de posse.

NOVOS DIRIGENTES DOS HOSPITAIS CIVIS

"DIFERENTE ATITUDE MENTAL" CONTRA "CARENCIAS GRAVES"

A Comissão Directora e Instaladora dos Hospitais Civis de Lisboa tem desde esta manhã dois novos membros. As **«carências múltiplas e graves»** e a **«arrancada para o renarcer»** da instituição dominaram os discursos do acto de posse, no salão nobre do Hospital de S. José (**«talvez a maior instituição hospitalar do mundo»**, nas palavras do presidente da Comissão). Os empossados são os drs. Mateus Marques e Ferreira de Almeida.

«Não vale a pena calcular a distância a que estaremos das estruturas que poderão permitir-nos ser um hospital funcional, activo, dinâmico, moderno, com todas as implicações e valências que a designação significa», afirmou o dr. Alfredo Franco, presidente da Comissão e primeiro orador da cerimónia. **«Estamos a fazer todos os esforços para que essas distâncias dominuam rapidamente, mas o êxito da caminhada não depende só de nós. Talvez mesmo que as condições intramuros sejam as mais fáceis de resolver e corrigir. Esperamos firmemente que as que nos são estranhas sejam resolvidas»**, sublinhou.

O Governo deu **«imediata aprovação»** à escolha dos dois novos elementos da Comissão, segundo revelou o mesmo dirigente hospitalar, no início do discurso em que diria: **«o hospital público tem missões que nenhuma outra entidade pode substituir. Por isso me impressiona a ligeireza com que assuntos de tal monta por vezes são tratados»**.

Depois de descrever as condições do serviço de urgência, a que está destinada a «quase totalidade do Hospital de S. José», a introdução de «unidades de tratamento de ponta» e a nova concepção de «centro hospitalar», o dr. Alfredo Franco, referindo-se aos progressos das técnicas de diagnóstico e terapêutica, afirmou: **«em medicina, a máquina não substitui o homem mas, ao contrário, exigiu mais trabalho humano, em número e qualidade. Às ideias velhas de hospital-asilo, passivo, beneficente, protector, social, sucedeu o conceito actual de hospital de função disgnóstico, terapêutica, reabilitadora, activo e dinámico, empresa de carácter social»**.

«Procurando devolver rapidamente o doente a comunidade, reintegrando-o profissional, psicológica e socialmente, o hospital moderno transforma-se no que alguns autores designam como centro de produção de saúde», disse ainda.

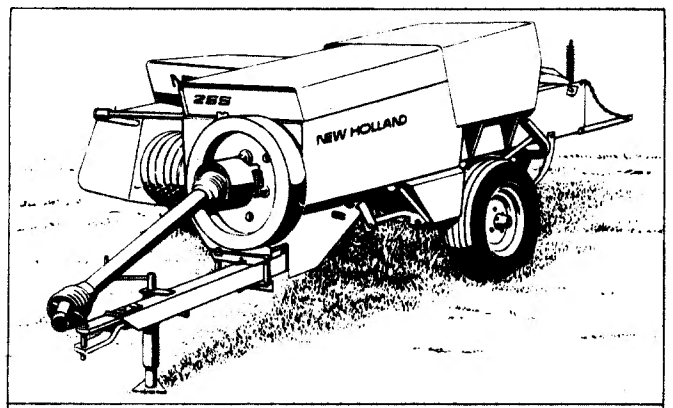
Discursam depois os empossados. O dr. Ferreira de Almeida declarou ter vindo a sentir **«muito agudamente, dia após dia, as carências múltiplas e graves com que diariamente nos debatemos nas nossas enfermarias junto ao leito dos doentes que nos são confiados»**.

«Nesta perspectiva», prosseguiu, **«ciente da tonalidade do clima psicológico dominante nestes hospitais, penso que se torna verdadeiramente urgente, depois do notável saneamento financeiro que durante o último ano foi possível realizar, corrigir as carências funcionais mais gritantes, pondo rapidamente em execução soluções que foram, entretanto, laboriosamente discutidas e ponderadas, de modo a restaurar no corpo clínico e em todos os que aqui trabalham a indispensável confiança na acção dos dirigentes e a permitir, assim, o difícil mas seguramente possível renascer de uma diferente atitude mental marcada pela esperança e talvez até pelo entusiasmo»**.

«Alguns terão sido irremediavelmente vencidos pelo desespero e pelo derrotismo, mas a maioria, creio, poderá ainda encontrar em si alento para mais uma arrancada se puder constatar, em breve prazo, realizações positivas», afirmou o dr. Ferreira de Almeida, acrescentando:

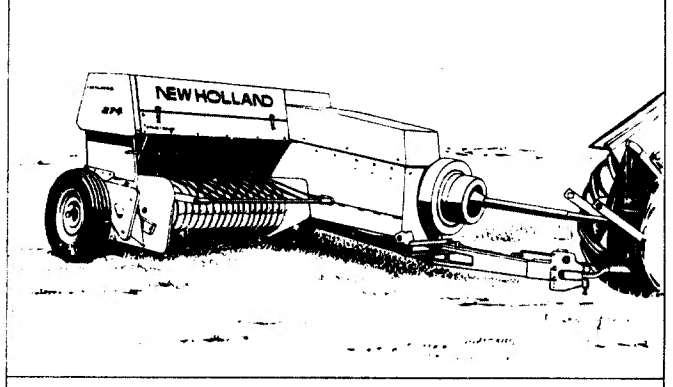
— **«Este renascer exigirá, naturalmente, uma mais ampla audiência e colaboração do corpo clínico, possivelmente através de um conselho consultivo de características adequadas ao regime de instalação em que ora vivemos, no qual participem elementos das gerações mais jovens — mais ambiciosas, menos comprometidas e, acima de tudo, menos experimentadas por sucessivas e dolorosas decepções»**.

ENFARDADEIRAS NEW HOLLAND



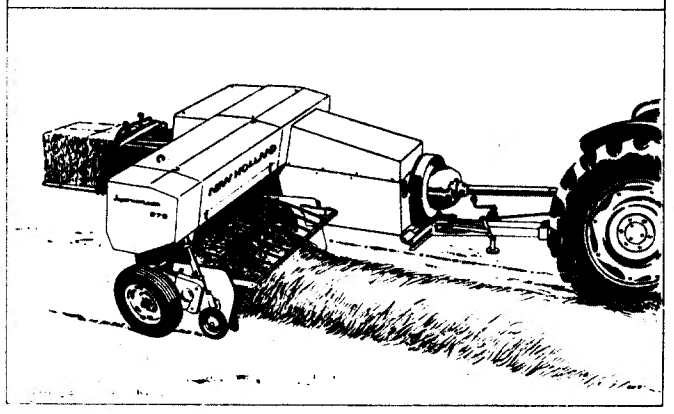
NH265

Faz fardos densos e ligeiros, passa em toda a parte: atador a fio



NH274

A enfardadeira para vários fins com características para fins especiais. 68 pancadas por minuto. Atador a fio ou a arame



NH276

A enfardadeira com grande rendimento que reune todas as características que V. só encontrara nas enfardadeiras New Holland. Atador a fio ou a arame 80 pancadas por minuto

J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
ao serviço da lavoura
SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA
AZINHAGA DOS LAMEIROS (ESTRADA DE CHELAS) LISBOA 4 - TEL. 76 19 58

MOCAR, S. A. R. L.
DEPARTAMENTO DE VIATURAS USADAS
R. D. Luís de Noronha, 26
LISBOA

Veículos usados provenientes de trocas:

Alfa Romeo 1300-GTV Junior	de 1972
Alfa Romeo 1300-GTV Junior	de 1971
Alfa Romeo 1300-GTV Junior	de 1969
Alfa Romeo 1750-Berlina	de 1970
Alfa Romeo 1750-Berlina	de 1969
Honda 600-L	de 1973
Peugeot 404-Coupé	de 1968
Rover 3500 (ex. autom.)	de 1970
Morris-Cooper S (mecânicamente novo preparado para competição)	de 1966
Austin-Cooper S	de 1968

E MUITOS OUTROS MODELOS, TODOS REVISTOS.

Aceitam-se trocas.

Facilidades de pagamento

ENG. ROGÉRIO MARTINS:

NÃO AO SPORTING

Gorou-se a tentativa de João Rocha, no sentido de ter na vice-presidência da sua direcção, o eng. Rogério Martins efectivamente, depois da entrevista desta manhã entre o conhecido financeiro e o vice-governador do Banco de Fomento, segundo fonte bem informada, foi compreendida e aceite a impossibilidade do eng. Rogério Martins aceitar o convite.

Cantina da Faculdade de Medicina

Foi entregue à Direcção-Geral da Fazenda Pública, com sessão simultânea ao Ministério da Educação Nacional, o edifício destinado à cantina da Faculdade de Medicina de Lisboa, por se encontrar já concluído

TV DL/ESPECTÁCULOS

...E SALVE-SE AO MENOS A BOA DISPOSIÇÃO

«Livros e Autores», uma das rubricas literárias da televisão portuguesa aponta, em geral, com a mira baixa. Mas quando acerta — acerta mesmo.

Assim aconteceu ontem com a apresentação a todo o distintíssimo público português do prof. Amaro Quintas, catedrático de Pernambuco a cuja História, diz-nos, se tem dedicado particularmente. Actividade que justifica em pleno a sua presença em «Livros e Autores».

A ligação do prof. Amaro Quintas a Portugal explica-se, para utilizar as suas próprias palavras, por razões históricas as quais provaram ser de três ordens: seus avós paternos eram do Minho; seus avós maternos eram do Algarve; e sua filha está casada com um português. Não há várias culturas — dir-nos-ia — mas sim uma cultura: a luso-brasileira.

Neste momento, o convidado ilustre de «Livros e Autores» está investigando as relações entre Pernambuco e Napoleão.

A questão, como se entende, com dificuldade se troca por miúdos, tão complexa é a sua trama. Temendo embora trair um que outro pormenor da pesquisa do professor brasileiro, arriscar-me-ei a um digesto: estuda ele dois períodos revolucionários pernambucanos, em 1801 e 1817. O primeiro movimento tendia a libertar-se do domínio metropolitano com a ajuda de Napoleão. Movimento abafado, documentos desaparecidos durante a devassa e agora quer-se que é deles.

O segundo movimento aconteceu em Pernambuco, se concluisse vitorioso, pretendia libertar Napoleão da ilha de Santa Helena. Não frutificou.

Pena. Estamos a ver no cinemascópio da memória os barcos de guerra pernambucanos a tomar a ilha de abordagem, depois de afrontar as marinhas, por certo conjugadas, da França, da Inglaterra, da Grande Rússia — para levar consigo o Imperador da mão ao peito. O tema presta-se para uma antecipação do passado — e talvez Hollywood, nos seus bons velhos (e novos) tempos, não desdenhasse agarrar nele pela cauda.

A História — comenta com pertinência Amaro Quintas — *não se faz com «ses», não se faz com condicionais.* Não se coíbe, porém, de sonhar um pouco, de armar ele também uma trapa de «ses»: *Se o primeiro plano tivesse saído vitorioso, ou o segundo, claro que uma transmutação muito grande se teria dado na História Universal: o cenário político passaria da Europa para Pernambuco. Napoleão iria exercer tutela naquela República; certo iria interferir na América. Se em 1917 tivesse escapado de Santa Helena e se se tivesse abrigado em Pernambuco, a guerra mudaria daqui para lá; não há dúvida que o «pivot» da História se modificaria.*

Parabéns a «Livros e Autores» por esta oportunidade que nos proporcionou de passarmos alguns instantes de indiscritível prazer espiritual, na companhia do prof. Amaro Quintas.

NO REINO DO FRASEADO NEVOENTO

Outro tema de grande alcance tratado na tal rubrica foi o dos prémios. Luís Cajão ocupou-se disso, com aquela pomada literária que é segredo de algumas pessoas quando abordam pueris banalidades ou carapuças que cada qual enfia depois nas cabeças que entender.

Gostaríamos de ouvi-lo a pôr os pontos nos is, quer dizer, gostaríamos de vê-lo a comprometer-se com a palavra exacta na intenção exacta. Porque, bem vistas as coisas, tudo quanto ele disse é verdade. Só não sabemos é qual será a verdade dele — e não é curial mover-lhe aqui um processo de intenção, muito embora os literatos escolhidos para falar sobre a matéria induza a fazer luz num determinado sentido.

Diz Cajão: *Quantas vezes, por força de ideologias políticas, ou de meras conveniências de grupo, não se exalta a mediocridade, explora o mau gosto, acirra a ignorância, perverta o leitor?*

Cá por mim, vou nisso.

Diz ele mais: *Há prémios que prestigiam; outros que apenas detraem e outros ainda que irremediavelmente comprometem o júri.*

Correcto.

E depois: *Cabalas internacionais têm levado a Estocolmo e porventura a outras paragens menos nórdicas, escritores que de modo algum mereciam. E não raro com propósitos de todo alheios à literatura. O que não deixa, é claro, de ter graça.*

Tudo certo. Não haverá nesta roda ninguém que discorde das palavras de Cajão. Estamos, no entanto, em pleno fraseado nevoento.

Depois de dizer o que disse, nas calmas, foi pedir a opinião sobre os prémios literários a dois escritores: Nuno de Miranda e João Maia.

O primeiro, ganhador confesso de dois prémios da Agência Geral do Ultramar, bordou considerações sobre ser intelectual local ou intelectual «tout court». O segundo, numa exposição toda construída de um pessoalíssimo jeito, contou: *Vimos no passado muitos prémios literários que, de facto, foram desmentidos pela sucessividade das eras.* Na sua opinião, *os júris responsáveis é que hão-de valorizar os prémios.* Por exemplo, o prémio da S.E.I.T. que recebeu, foi-lhe atribuído unanimemente por Cabral do Nascimento, Américo Cortez Pinto e Natércia Freire. Sente-se, portanto, muito feliz. Uma tirada de grande alcance: *Os artistas, os escritores, são aqueles que justificam a existência no tempo, das nacionalidades que concorrem para uma civilização promovente do Homem.*

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A CARTA DO DIA

«Antes de mais, com que espécie de gente é que contacta o sr. Ribeiro? Olhe que cá pelas minhas bandas, as gentes são de opinião contrária á opinião contrária que aquele senhor tem. Isso de se pretender generalizar opiniões individuais é muito grave, além de anti-jornalistico e anti-democrático.»

FERNANDO MOTA (PORTO)

«Aí de nós, Mário Castrim, se a crítica desaparecesse! Se os atingidos nem se impressionam quando ressalta a verdade crítica — porque, por falta de inteligência e de possibilidades mantém a teimosia em que se escudam... — o que aconteceria se não fossem criticados?

«Contínuem pois os críticos, dentro daquela conduta de jornalistas conscientes, já que, como escreveu Napoleão», a consciência é asilo inviolável da liberdade do homem». Deixemos os inconscientes que não sabem agir nem defender-se... dentro da razão.

ANTÓNIO GUIMARÃES (PENAFIEL)

«Tenho a certeza, de que, se muitas pessoas pudessem, Mário Castrim, já não era crítico. Porquê? Porquê, se essas tais pessoas não têm coragem de criticar em público?»

M. P. (PINHEL)

«Li e reli a carta do sr. Ribeiro. Estava-se perante um estilo «demodé», da época da «caça ás bruxas», das insinuações, da trama, do misturar alhos com bugalhos, neste caso misturar temas como o sr. Luís Francisco Rebello e o cavaleiro D. Zoio, com possíveis e ulteriores complicações e problemas, etc. Poder-se-ia aplicar este neo-aforismo: «Diz-me como escreves, dir-te-ei quem és»...»

MIGUEL BONEFRU RICARDO (FARO)

«Mário Castrim só destrói ou procura destruir aquilo que não presta e combate aquilo que é obsoleto ou fastidioso. No fim de contas, com os seus sarcasmos e com as suas ferroadas, é mais construtivo e mais salutar do que aqueles panegiristas profissionais figuras que aparecem pelos nossos «écrans» E daí talvez agradassem a duas ou três centenas de pessoas pouco exigentes...o que não podem, nem lhes deviam consentir, era impor a sua presença, a milhões de telespectadores e entrarem-nos pela casa dentro sem cerimónia e sem serem desejadas».

HUGO LOBO.

Congresso das mulheres

LOURENÇO MARQUES, 6 (L) — Sob a presidência da dr.ª Deolinda Martins, professora da universidade de Loureno Marques, prosseguiram na manhã de ontem os trabalhos do IV Congresso das Mulheres da Africa Austral, na Escola Técnica Calouste Gulbenkian, em Lourenço Marques.

A educadora de infância Mádalena Dias dissertou sobre uma experiência de educação sanitária na Madeira, a enfermeira monitora Angelina Mkwavarara referiu-se à situação da enfermagem na Rodésia. O papel do trabalho social na psiquiatria foi o tema da comunicação da sr.ª Le Roux dos Serviços Sociais da República da Africa do Sul, que na segunda metade da manhã assumiu a presidência do Plenário. A representante moçambicana, D. Alda de Almeida, falou sobre educação e cultura, a sr.ª J. Raath da Africa do Sul focou a cooperação e trabalho de equipa no campo social, a sr.ª Betty Mtero, da Rodésia, salientou a promção da educação do adulto através do processo de desenvolvimento comunitário, a sr.ª. Watkins, da Africa do Sul, pronunciou-se acerca da assistência á criança através da educação.

De tarde, o Congresso dedicou a sua actividade à discussão de grupo, versando os temas apresentados ontem e hoje.

Pelas 19 horas, as congressistas foram obsequiadas com uma recepção oferecida pela Câmara Municipal de Lourenço Marques.

motor

berimbau
o que vai ser?

JF
CLIMATIZAÇÃO
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
Trv. Fabrica dos Pentes, 8
Tel. 654165 · LISBOA

motor motor

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz ARAZEDE

ESPIRAL

um apartamento,
um belo local
no estoril,
um rumo certo
para
os seus "tempos livres"

No Vale do Sol, o Touring Club de Portugal tem óptimos apartamentos, que combinam a intimidade que você deseja com um eficiente serviço de hotel. Sem esquecer a "tal" fondue, cabeça de cartaz do restaurante...

APARTHOTEL VALE DO SOL – ESTORIL

RESERVAS
719181/2/3

TCP

touring club de portugal

DL/ESPECTÁCULOS

Carlos Paulo em «Brincadeiras»

REGRESSO (BREVE) DA "COMUNA"

Depois do seu êxito na América do Sul, a Comuna volta a apresentar-se a partir de hoje em Lisboa com «Brincadeiras», durante um curto período de espectáculos (na Av. Almirante Reis, 155-A), antes de se deslocar à Polónia e, de novo, à América Latina.

Romy Schneider meia idade

Romy Schneider vai participar no quarto filme de Jean-Claude Brialy, intitulado «Un amour de pluie», cuja rodagem começou na região de Vittel.

A actriz desempenha o papel de uma turista de meia-idade que vive com um jovem boémio um romance de amor em que os dias de sol alternam com os de chuva. Figuram ainda no elenco Suzanne Flon, Nino Castelnuovo e El Glaoui, filho de Cecile Aubry.

LANCASTER

Burt Lancaster vai desempenhar o papel principal do filme «The Midnight Man», de que ele é o autor do argumento, juntamente com Roland Kibbee.

EXPOSIÇÃO

Está ainda em fase de organização uma exposição sob o título «Um Livro para o Cinema», que pretende estimular a procura de obras literárias para adaptação ao cinema.

Entre outros espectáculos incluídos na iniciativa haverá projecções de filmes inéditos extraídos de romances célebres, tais como películas dos realizadores Bevilacqua, Pasolini, Robe Grillet, Maier Kluge e Romain Gary e uma retrospectiva de obras-primas também adaptadas de composições literárias. Entre os países convidados figuram o Japão, a Inglaterra, a França, a Suécia, a Alemanha Federal, os Estados Unidos e a União Soviética, além da Itália.

CHABROL

O realizador Claude Chabrol está a terminar as filmagens da sua última película, que conta com a participação dos actores Fábio Testi, Lou Castel, Michel Duchaussoy, Viviane Romance, Roger Garel e Mariangela Melato, relata as peripécias de um grupo de anarquistas, que usa o nome de «Nada» e que rapta um embaixador norte-americano, exigindo um resgate pela libertação do mesmo. Mas a desunião lavra entre os terroristas.

HOMENAGEM ÀS MULHERES

«The girl in my life» é o título de uma nova série norte-americana que se destina, segundo afirmou o realizador Tom Naud, a prestar homenagem às mulheres que durante a sua vida ajudaram alguém, sem esperar por isso uma recompensa.

CINEMA NO MUNDO

«NOVO CINEMA»

Vai decorrer em Trento de 12 a 19 de Setembro uma projecção internacional do novo cinema. Conta-se com a participação do cinema soviético, do polaco, e do húngaro, os quais apresentam respectivamente «O Comissário», de Nikolai Mascenko, considerada como a melhor de quinze películas das Repúblicas soviéticas, projectadas durante o Seminário Internacional de Cinema realizado em Moscovo, «De Parte a Parte», de Grzegorz Krolikiewz, que relata um episódio dos anos trinta, e o filme de Marta Meszaros «Respirar Livremente», que se refere à condição das mulheres na sociedade contemporânea.

NEWMAN

Vai entrar em rodagem o filme «The Sting», interpretado por Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw.

KEITH

Earl Bellamy é o director de «The Brian Keith», cujo desempenho na série para a televisão «Henrique VIII» tornou famoso.

NOVOS DISCOS

"Sérgio Mendes e Brasil 77"

Sérgio Mendes partiu do Brasil em 1965 em direcção aos Estados Unidos com um grupo de músicos, oriundo das experiências jazzísticas de Sérgio, portadores dos sons então em voga no Brasil.

O grupo não era, certamente, só mais um conjunto «pop» ou «rock». Formado em Ipanema (Rio de Janeiro), impressionou de tal maneira as entidades oficiais brasileiras que o Governo, a expensas suas, levou Sérgio Mendes aos Estados Unidos para actuar no Carnegie Hall num concerto de música brasileira.

Mendes manteve o grupo nos Estados Unidos, gravou dois LP's e fez experiências com novos elementos e ideias. Foi o princípio.

O seu primeiro LP foi lançado em fins de 1966, e o clássico «Mas que Nada» single extraído do LP, ajudou o grupo a atingir o estrelato internacional. Sérgio Mendes obteve até agora cinco discos de Ouro (LP's), um número elevado de êxitos em «single» e inumeráveis êxitos em concertos ao vivo.

Sérgio Mendes considera «Simplicidade» como a chave do seu sucesso.

O single «Som de Sérgio Mendes» cresceu desde a simples Bossa Nova dos anos sessenta, até a uma das mais sofisticadas formas de música da actualidade.

A sua música é uma fusão do estilo latino e americano, criando um som que é disciplinado mas ao mesmo tempo dinâmico e poderoso. O nome é agora «Brasil 77» e o seu som está impresso em Discos Bell.

A Bell reuniu Sérgio Mendes com o produtor Bones Howe, já galardoado com um prémio «Grammy», produtor de diversos êxitos dos 5th Dimension, Elvis Presley e «Association». Quando se conheceram, Howe era o técnico de som na gravação do single «Mas que Nada», primeiro sucesso de Sérgio. Agora, Bones produz o primeiro LP de «Brasil 77» intitulado «Love Music».

«O grupo não mudou», diz Sérgio Mendes **«mas há um afluxo de novas ideias. Brasil 66 foi sempre conservador sob o ponto de vista de estrutura musical.**

Isto faz parte do som Pop, Vocês sabem: simplicidade. Estamos orgulhosos de dentro desta simplicidade sermos criadores. Eu entendo que a música é uma arte internacional e actualmente o nosso trabalho reflete melhor essa situação. O nosso som brasileiro/americano tornou-se famoso em todo o mundo, agora tentamos sons e ritmos dos lugares que nos aceitaram no passado.

Canções em diferentes estilos e ritmos atestam a influência dos diferentes músicos todos criadores e incansáveis na busca do novo. As duas raparigas do grupo estão sempre presentes aos ensaios. Acredito no seu valor não só como instrumentistas extras mas também como vocalistas».

«Brasil 66» é o passado, mas o passado assegura o futuro. «Brasil 77», nome, espírito, ideias e música é o futuro.

"OS 10 MAIS" (Da Agência EFE)

Numa estatística organizada pela Agência EFE são os seguintes os dez discos mais vendidos a semana passada em cada um dos países indicados:

ESPANHA

1 — «Un dia te perdere», Tony Landa
2 — «The Beatles 1962/1966»
3 — «Shambala», Three Dog Night
4 — «Goodmorning Heartache», Diana Ross
5 — «Como um pueblo vacio», Bernardo Xose
6 — «Living in the Material Worl», George Harrison
7 — «Pueblos Hombres», Vino Tinto
8 — «Joya de Mujer», Seals and Crofts
9 — «The Beatles 1967/1970»
10 — «May be this time», Liza Minelli.

FRANÇA

1 — «J'ai Un Probleme», Silvie Vartan/Halliday
2 — «La Maladie d'Amour», Michel Sardou
3 — «Chante», Michel Fugain
4 — «Mais je t'Aime», Maire Laforet
5 — «Si tu ne me laisse pas tomber», Gerard Lenorman
6 — «Si tu savais», Christian Adams
7 — «You», Pierre Charby
8 — «La Drague», Bedos-Daumier
9 — «Le bel amour», Alain Barrière
10 — «Black Young Lover», Michel Laurent.

ITÁLIA

1 — (2) «Pazza Idea», Patty Bravo
2 — (3) «Sperche Ti Amo», Camaleonti
3 — (1) «Sempre», Gabriella Ferri
4 — (4) «Mimuetto», Mia Martini
5 — (5) «My Love», Paul McCarteney and Wings
6 — (6) «Daniel», Elton John
7 — (7) «Io, Domani», Marcella
8 — (11) «Amore Bello», Claudio Baglioni
9 — (14) «Io e te per altri giorni», Pooh
10 — (8) «Give me Love», George Harrison.

BÉLGICA

1 — (9) «Hurt», Bobby Vinton
2 — (2) «Rote Tosen», Freddy Breck
3 — (—) «One Is One», Nick Mackenzie
4 — (—) «Angeline», Peter en de Rockets
5 — (10) «Alright-Alright», Mungo Jerry
6 — (—) «I'm The Leader of the gang», Garry Glitter
7 — (—) «Is Er Een Ander», John Terra
8 — (—) «One nd One», Medicine Head
9 — (7) «Gynny como Lately», Albert West
10 — (1) «Ring Ring», Bjorn Benny Anna En Frieda.

Cursos internacionais da Costa do Sol

A Junta de Turismo da Costa do Sol informa:

Estão a decorrer os XII Cursos Musicais Internacionais, de Férias, promovidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol, que este ano atraíram ao nosso País artistas de numerosos países. O seu êxito está bem patente nas opiniões de alunos e professores.

Devemos registar o facto de este ano terem vindo quatro professores novos, facto que revela um desejo de renovação: Adrian Aesbacher (piano), de Zurique; António Janigro (violoncelo), de Milão; Irmgard Seefried (lied e ópera), de Viena; e Rémi Stricker (estética musical).

Os restantes professores são: Helena Costa (piano), Sandor Vegh (violino e música de câmara); Raul Sanchez (Genebra) e Ronald Purcell («A Idade de Ouro de Vihuela).

Campolide em festa

O grupo de teatro do Campolide Atlético Clube estreia no dia 15, às 22 horas, na sede da colectividade, o seu terceiro espectáculo. Trata-se da «Farsa do Advogado Pathelin», de autor anónimo do século quinze.

A encenação do espectáculo pertence a José Martins, actor do Grupo de Campolide, que assim se estreia como encenador. A «Farsa do Advogado Pathelin» voltará a estar em cena no dia seguinte ao da estreia, no mesmo local.

DL/ESPECTÁCULOS

Ada de Castro em novo "L.P."

Festa bonita, para lançamento do novo «L.P.» de Ada de Castro, meteu (logicamente) fado pela popular intérprete e aplausos (merecidos) da trintena de convidados da firma Valentim de Carvalho, reunidos em redor da criadora de «Adeus».

Hugo Lourenço, Mário Martins e Vítor Cunha (que vemos na imagem a rodear Ada de Castro e os seus guitarristas José Maria Nóbrega e António Chaínho) esmeraram-se: Ada de Castro recebeu (da Imprensa e da Rádio) novo incentivo para a sua carreira, agora em fase decisiva. E o «L.P.» é testemunha do trabalho da fadista, através das suas interpretações de composições de Luís Simão-Nóbrega e Sousa («A Severa que me diga»), Maria de Lurdes de Carvalho em parceria com a própria Ada («Sem ti sou palavra sem razão»), António José-Jorge Machado («Meu amor é forcado», «Só morre quem vive», «Andei por mil caminhos» e «Dizem que dizes»), Frederico de Brito-Nóbrega e Sousa («Foi Deus que assim quiz»), Maria de Lurdes Carvalho-Max («Eu sou filha de Lisboa» e da dupla Eduardo Damas-Manuel Paião «Meu amigo é assim», «Rua da Esperança», «De onde as vezes se não espera» e «Rua dos passos perdidos»). Os arranjos pertencem a Jorge Machado e Ferrer Trindade.

Quais os limites da publicidade na rádio?

. . A publicidade que inunda a rádio e determinados programas em particular, levou o nosso leitor Manuel Ferreira a enviar-nos a seguinte carta:

. «Habituei-me, desde há algum tempo, a ouvir rádio entre as 19 e 30, aproximadamente, e a hora de me deitar. (Acrescento, como atestado de perfeita sanidade mental, que nunca me habituei a ver televisão).

. . Tornei-me assim, ouvinte «crónico» do «Espaço 3P». Digo «crónico» porque o fui realmente: frequentes vezes contactei telefonicamente o R. C. P. para felicitar os responsáveis por uma «avis rara» no nosso país: **«Rádio».**

. . Acontecia «rádio» no R. C. P.: uma programação cuidada apresentou, por exemplo, **«Beatles — 10 anos depois», «Leo Ferré», «A Música que nos vem de França», «Em páginas de antologia do éter»...**

. . «Beatles — 10 anos depois» teve uma audiência (leia-se também aceitação) que poucas rubricas da rádio devem ter alcançado (como exemplo, quantos discos chegaram ao «Espaço 3P» emprestados por ouvintes do programa?)

. . Não é isto sinal de aceitação por parte do público?

. . Qual foi a reacção de «3P»?

. . Muito simplesmente (esta lógica!) julgaram ter descoberto a galinha dos ovos de oiro e o «Espaço 3P» empraiou, empublicitou e... encravou!

. . **Bras dessous, bras dessous**, o sr Joel Nelson e o sr. Nuno Martins vestiram calção de banho (rádio de fato de banho) e o sr. N. M. que se não banhava (em O. M.) na onda dos detergentes, mergulhou (em F. M.) na «onda dos turismos».

O máximo de publicidade no máximo de tempo! Patrocinadores e música! **Panem et circenses**! R. C. P. ou R. T. P.?

. . É certo que a rádio comercial vive da publicidade, mas será que:

. . A publicidade só compensa por atacado? Um programa coberto com uma boa manta, com boa produção e boa realização, não tem maior audiência e, consequentemente, maior interesse comercial e publicitário que um programa coberto por uma manta de farrapos? Não é possível seleccionar anunciantes? Os senhores J. N. e N. M. têm assim tanta consideração por aqueles que directa (os anunciantes) e indirectamente (os ouvintes) os subsidiam, que se dêem ao luxo de «brincar à rádio»? O R. C. P. não tem poderes para controlar os programas produzidos por empresas que, alugando um microfone, alugam também o nome da maior estação comercial portuguesa? O R. C. P. tem um prestígio a defender. Quem o defende?

. . Também aqui, cifrão não é sinónimo de prestígio...»

byly
DESODORIZANTE
Com uma a duas aplicações nas axilas e nos pés está protegida para uma semana experimente..

berimbau
...é que é bom!

ÚLTIMOS DIAS
O melhor espectáculo que vi em toda a minha vida «ARRABAL»
CEMITÉRIO DE AUTOMÓVEIS
apresentação da
COMPANHIA RUTH ESCOBAR
Diariamente às 21.45 h.
Dando 50% de desconto às 4.as e 5.as feiras
Av. República, 676
CASCAIS — Telef. 28856
Grupo D - M. 18 anos

Quando for viajar
lembre-se que a STAR lhe pode reservar e emitir bilhetes para qualquer parte do Mundo.
Podemos poupar-lhe um tempo precioso, sempre que precisar de
PASSAGENS
de avião, de barco, de autocarro ou de comboio, rigorosamente aos preços oficiais. Proporcionamos-lhe também o aluguer de automóveis com ou sem condutor em Portugal e em todo o Mundo.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
ESTREIA!
HOJE ÀS 21.30
...uma ameaça de morte!
O SELO DOURADO
PENNY GOLD
RANK FILMES
intrigante caso criminal desorienta a polícia britânica
JAMES BOOTH · FRANCESCA ANNIS · NICKY HENSON
JOSS ACKLAND · RICHARD HEFFER · SUE LLOYD · JOSEPH O'CONOR · UNA STUBBS
COLORIDO
GRUPO C 14 ANOS

cerveja em Si melhor

saborosíssima!

TEAM 73 CC 01

DL/GERAL

ar•co CENTRO DE ARTE E COMUNICAÇÃO VISUAL

R. de Santiago, 18—Telefs. 872749-863355—LISBOA
Autorizado pelo Ministério da Educação Nacional

ABERTURA DAS INSCRIÇÕES A 3 DE SETEMBRO

DESIGN, PINTURA, FOTOGRAFIA, CINEMA, SERIGRAFIA, DESENHO, ESCULTURA, ESTÉTICA, COR, HISTÓRIA DE ARTE, AUDIOVISUAIS, TÊXTEIS, COMUNICAÇÃO GRÁFICA.

EM CADA CURSO VÁRIOS PERCURSOS

Morreu à beira da estrada por falta de socorros

Durante mais de meia hora, José Joaquim Nunes Rosa Nito, de 40 anos, implorou em vão auxílio aos automobilistas que passavam para a sua filha de 12 anos, Teresa Baptista Nito, que estava a esvair-se em sangue.

Um dos condutores, porém, apesar de não ter parado telefonou da cabine mais próxima para os bombeiros. Quando a ambulância chegou era já demasiado tarde: Teresa morreu a caminho do hospital.

O acidente ocorreu no troço de estrada entre Castelo Branco e Vila Velha de Ródão, quando o automóvel conduzido por José Joaquim Nito para se desviar de outro veículo encostou-se demasiado à berma da estrada, despistou-se e foi enfeixar-se numa árvore.

A excepção do condutor todos os outros ocupantes do veículo sofreram graves ferimentos e encontram-se internados no hospital de Castelo Branco. Trata-se da esposa do dono do automóvel, Maria Fernanda Baptista de 31 anos, uma irmã Maria Joana Nunes de 45 anos e o marido desta, Leonardo José Sidima de 47 anos.

Arrematação de empreitadas

O concurso público para arrematação das empreitadas de construção da E. N. 264, E. N. 242 e E. N. 2 realizaram-se hoje, ao princípio da tarde, na sede da J. A. E., em Almada.

No decorrer do concurso foram arrematadas as obras para a variante de Ourique, no distrito de Beja (EN 264), para a supressão da passagem de nível em S. Martinho do Porto (EN 242) e para a variante de Ferreira do Alentejo (EN 2).

Não se realiza hoje o concurso para arrematação da empreitada da EN 350 — pavimentação entre Madeirã e Alto da Cava.

TAKY

Depila até a raiz

A navalha corta à superfície

o TAKY aveluda a pele
a navalha irrita a pele

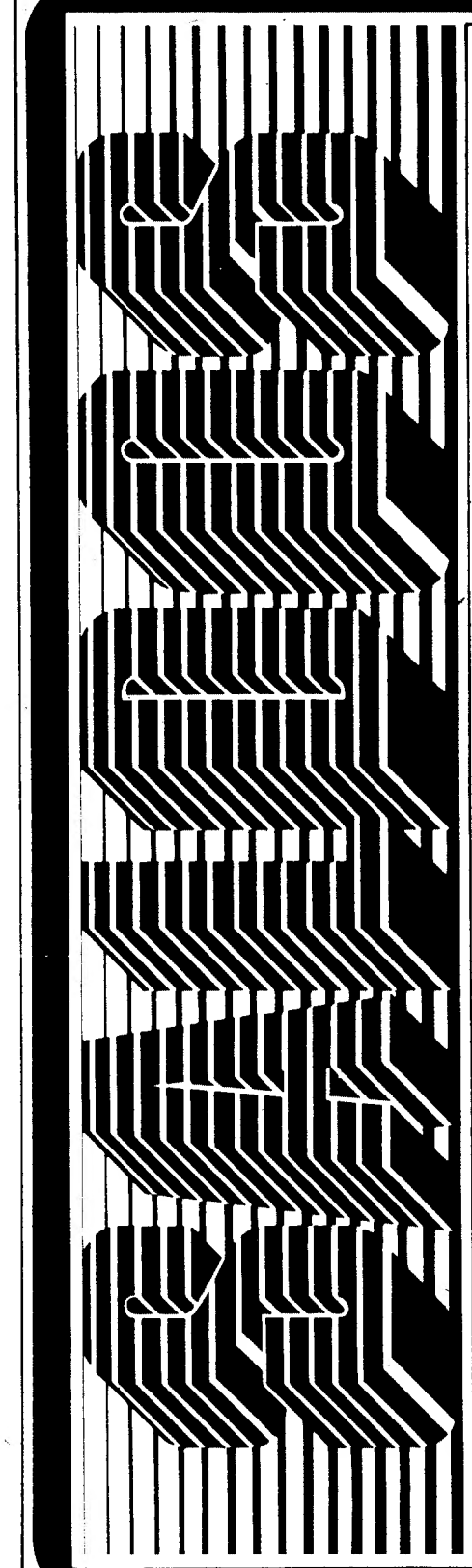
berimbau
o que vai ser?

Bolsa de lona: quem perdeu?

Encontra-se em poder da Polícia Judiciária, 5ª secção, 2ª brigada, uma bolsa de lona tipo campismo, apreendida a um indivíduo que diz tê-la encontrado nas imediações da estação do Rossio, nesta cidade. A mencionada bolsa contém diversos objectos que se julgam furtados ou perdidos.

Entre eles: diversa roupa para homem, toalhas, um cinto em cabedal, um estojo de barbear, um lenço tipo cachecol, duas carteiras em cabedal, um binóculo, um baralho de cartas, um agrafador, um rolo de cordel, um saco de plástico contendo detergente, uma caixa com botões de punho, uma capa em plástico, um saco em plástico com algumas chaves de boca, um colchão de campismo com fecho de correr, algumas peças de estojo de desenho, passaportes em nome de Gerhavol Klingherg e Ursula Klinberg e ainda alguns objectos de menos valor.

Pede-se a quem se julgue com direito a alguns destes objectos o favor de se dirigir à secção acima mencionada.



Lojas Lanidor
uma só semana e...
...pronto!
acabam-se os saldos!

porque na realidade
não se trata
de vulgares saldos
de fim-de-estação...
são sim,
modelos lindíssimos,
exclusivos
alguns deles
das mais famosas casas
da moda internacional!
por isso este ano
as LOJAS LANIDOR
não podem
manter mais do que
uma semana
este ritmo fantástico
de saldos!

é já no dia 11
que acabam
os saldos LANIDOR!

Lojas Lanidor
LISBOA — Rua da Prata, 268
Rua Saraiva de Carvalho, 171
Av. de Roma, 22-A · Av. João Vasco, 37
ALMADA — Rua Olivença, 4-A e 4-B
SETÚBAL — Rua Dr. Paula Borba, 53
AMADORA — Rua Elias Garcia, 366-B
MONTIJO — Rua Cândido dos Reis, 86 /88
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 158

Dr. José Lopes Teodoro dos Santos

Missa do 30.° Dia

Olímpia Brandão Lopes participa que amanhã, dia 7, pelas 11,30, será celebrada missa do 30.° dia na igreja de S. João de Deus, em Lisboa, pelo eterno descanso da alma de seu filho, agradecendo a todas as pessoas das suas relações que se dignarem assistir a este piedoso acto.

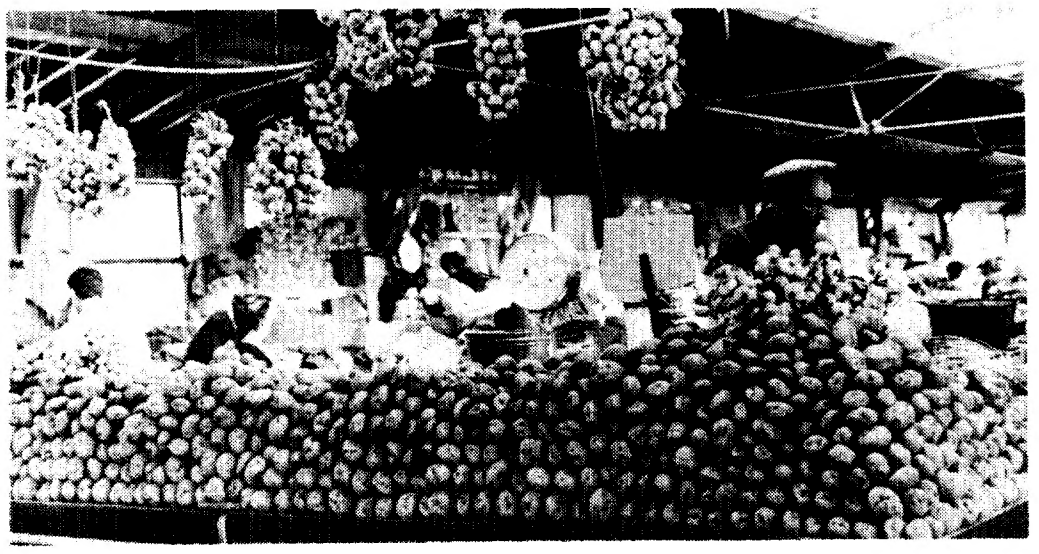
Dr. José Lopes Teodoro dos Santos

Missa do 30.° Dia

O Conselho de Administração da Estoril-Sol, SARL, participa que amanhã, dia 7, serão celebradas missas de 30.° dia, nas igrejas de S. João de Deus, em Lisboa e de Santo António do Estoril, respectivamente às 11,30 e 19,30, sufragando a alma do Dr. José Lopes Teodoro dos Santos, que foi administrador desta Sociedade.

MANHÃ NA PRAÇA

O CORAÇÃO ESTÁ CARO!



«Andamos a correr de um lado para o outro. Até deitamos os bofes pela boca a ver se conseguimos arranjar a comida mais em conta. É impossível! Os preços correm mais depressa do que nós. É uma luta desleal e em que saímos sempre vencidas. Agora por bofes, já viu qual é o preço dos bofes de porco e de vaca? Estão respectivamente a 20$00 e a 19$00. Que se há-de fazer?» — argumentava uma cliente junto ao talho.

Também os fígados não são todos iguais, isto é, os preços. O fígado de vaca está a 48$00, o de vitela a 50$00, o de porco a 50$00 e o de borrego a 51$00.

A fressura de porco encontra-se a 39$80, o rim a 56$00, a lingua de carneiro a 16$00. Os apreciadores de carne de porco ainda podem comprar a cabeça a 12$50, o chispe a 19$50 e o rabo a 37$50.

«Lombo de porco nem já me lembro do sabor. A 90$00 nem dava para cheirar. Olhe vamos comendo uns franguinhos de aviário que sempre temos a sensação de estar a comer um bocado de carne; às vezes parece borracha mas enfim!» — dizia outra cliente que comprava um quilo de sardinha (a 10$00).

Nas **«pedras»** de peixe, os algarismos tornam-se cada vez mais problemáticos para as donas-de-casa. O carapau a 7$00, a pescada a 16$00, a lula a 50$00 (?) e o cação também a 50$00.

A hortaliça também continua cara. Ora vejamos: o tomate pode-se comprar a 6 ou a 7$00, a cenoura a 9 e a 8$00, a cebola a 15$00, cada alface a 2$50, as azeitonas a 12$50 e o pepino a 9$00.

As vendedeiras, de braços trocados, conversavam animadamente. O negócio estava realmente fraco. **«Agora é uma época muito má para vender. Está tudo em férias e as pessoas vêm cada vez menos ao mercado. Está tudo muito caro — dizem. Mas se elas tivessem de comprar as coisas para as ter nas pedras já sabiam como era. Isto está mal para todos. Com este sistema de vida não nos aguentamos»** — exclamavam.

Por último a fruta. As uvas a 9$00, a banana a 11$00 os pêssegos a 13$00, as laranjas a 12$30, as maçãs a 10$50 e os pêros a 6$50. Isto na Praça 24 de Julho. Na do Rato (outra que apresentamos para melhor exemplo) a situação não era muito diferente.

Assim, praticavam-se nela os seguintes preços de alimentos crus: cebolas, 2$00, 3$50/kg; batatas, 2$80; agriões, 1$50 o molho; couve-flor, 20$00 e 22$50 cada; pimentos, 4$00 e 5$00; pepino, 3 e 5$00; cenouras, 6$00 e 9$00; alho a 20$00 o kg; tomate, 5$00 e 7$00; batata roxa, 2$90; feijão verde, 10,9 e 12$00/kg; alface francesa, 3$00; alface a 1$00 e 2$00; feijão maduro catarino, 10$00 kg; couve portuguesa, 3$00 e 5$00; couve lombarda, 6,8 e 10$00; grelos, 7$50 o molho; nabo a 2$50 cada e a 3$00; espinafres, 6 e 7$00; nabiças entre 1$50 e 5$00 o molho; beterraba, 1$00 cada. Peras, 7$50, 7$80 e 10$50; limões, 12$00; pêros, 6$50; laranjas, 10$60; uvas, 8$00, 8$30 e 9$00; figos, 6$50; pêssegos, 11$50, 12$50 e 15$00; reineta, 7$00, 10$00 e 13$00; beringelas, 7$00; melancia, 4$50; melão, 5$90; ananás, 29$00; pepino, 7$00; tremoços, 4$50 o litro; azeitonas, 16$00/kg (Elvas), 13$00 (pretas, da Beira Baixa), 10$00 (pretas do Alentejo), 13$00 (mistas da Beira Baixa).

Nos peixes, o carapau vendia-se a 36, 34, 38, 32, 42$00; carapau negrão a 8,10 e 12$50; chicharro a 9 e a 10; sardinha a 12, 13, 13$40, 13$90 e 14$00; peixe-espada a 12, 25 e 27$80, 28, 29 e 29$90; pescada branca a 38, 66 e 72$00; filetes de pescada congelada a 35$70; pescada negra a 16 e 16$90; pescadinha a 32$00; pargo a 28, 30 e 60$00; rabos de pargo a 29$50; lulas a 54$00; polvo a 17$00; chocos a 28$90; faneca a 22 e 32$00; ruivo (cabeça) a 13$90; dourada a 17$80 e 19$80; camarão preto a 20 e 24$00; tainha a 10$00; cherne (pargo mulato ou pombos) a 9$60; robalo a 90$00; ameijoa a 68$00; nero a 16$00; safio a 36$00; cartas a 52$00; imperador a 45$00; pregados a 50$00; xaputa a 15$80; gorás a 48 e 58$00; linguado a 100$00, 90$00 e 74$00 o quilo.

"DIÁRIO DE LISBOA"

Fizeram, ultimamente, transcrições do «Diário de Lisboa» os prezados colegas «Independência de Águeda» (artigos acerca da intervenção financeira do Estado na C.P. e do Colóquio sobre Problemas Florestais); «Gazeta do Sul» («Sinais de violência», de A. Pereira da Silva, e «O semáforo e o automobilista»); «O Ilhavense» («A miséria do Nordeste» e «Católicos») e «Jornal do Fundão» (textos noticiosos do julgamento de João Abel Manta e do nosso director).

Igualmente se referiram ao nosso jornal, entre outros, os prezados colegas «O Setubalense», «Voz Portucalense» e «Jornal do Barreiro».

Viagem de antigos alunos de Coimbra

Chega amanhã a Lisboa, às 9 horas, uma embaixada da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra seguindo nesse mesmo dia, de avião, para o Funchal e Açores, às 15 e 30 após o almoço no Carregado.

A embaixada é constituída por 50 pessoas e nelas se integram todos os elementos da direcção daquela colectividade, prof. Ribeiro Gomes, dr. Carlos Figueiredo Nunes, dr. Hernâni Marques e sr. Gastão Jorge de Oliveira Martins. O regresso está previsto para o dia 16.

O CELBI (CELULOSE BEIRA INDUSTRIAL, S. A. R. L.)

ADMITE:

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

ADJUNTO DO CHEFE DOS SERVIÇOS DE CONSERVAÇÃO ELÉCTRICA E INSTRUMENTOS

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

— Conhecimentos de Inglês

— Idade compreendida entre 25 e 30 anos

As respostas, acompanhadas de «curriculum vitae» e indicando o vencimento pretendido, devem ser dirigidas com a maior brevidade possível aos

SERVIÇOS DO PESSOAL — CELBI — Figueira da Foz

- A Celbi é a maior produtora portuguesa de pasta de celulose branqueada, com uma capacidade actual de aproximadamente 150 mil T/ano de pasta papeleira de eucalipto.
- A sua Fábrica de Leirosa é uma moderna unidade industrial com os mais recentes processos de fabrico, tendo o investimento inicial da parte fabril ultrapassado 1 milhão de contos.
- Tem ao seu serviço cerca de 540 colaboradores, todos empregados mensais. Para eles a empresa construiu na Figueira da Foz um ample conjunto habitacional de rendas económicas.
- A Celbi oferece as melhores possibilidades de qualificação profissional numa indústria de futuro e de projecção internacional.

NACIONAL

NOVO PROCESSO EM TRIBUNAL

O CASO DOS DÓLARES FALSOS

A propósito das investigações sobre dólares falsos que há algum tempo circularam no país comunica a Polícia Judiciária:

«Na sequência das investigações sobre moeda falsa a que tem vindo a proceder a Polícia Judiciária mais um processo concluído, agora, contra nacionais portugueses, foi remetido a Tribunal.

Com efeito, em 20 de Março de 1973, foi a Polícia Judiciária alertada relativamente à passagem de notas falsas de 10,50 e 1000 dólares USA, em Lisboa e arredores, com especial incidência em casas de comércio de objectos de ouro e produtos de consumo.

Referenciados inicialmente os indivíduos implicados pelas suas características somáticas, foram identificados em 26 de Março de 1973, como passadores das referidas notas, LEONARDO AUGUSTO DIAS «o Nabo», solteiro, de 38 anos, natural de Rebordeo-Vinhais e ROGERIO NUNES, «o Miss», solteiro, de 49 anos, natural de Socorro-Lisboa, ambos residentes nesta cidade.

Envidados esforços para a sua localização e captura apurou-se que ambos, procurando furtar-se à acção policial, refugiaram-se na margem sul do Tejo, em esconderijo previamente escolhido para esse fim, contando nesta situação sobretudo com o apoio directo de mais 2 indivíduos que se encontram presentemente no regime de liberdade provisória sob caução a aguardar julgamento.

Em 3 de Abril foram ambos, «Nabo» e «Miss», detidos por esta Polícia bem como o terceiro elemento do grupo, JAIME CASTANHEIRA DA ASSUNÇÃO, casado, empregado de escritório, natural e residente em Lisboa.

Este último era tido no grupo por «engenheiro» e tratado como tal, revelando-se durante a investigação como o elemento particualrmente actuante na fase de aquisição da moeda transaccioanda, estabelecendo para isso o contacto com Londres, fonte ou origem da mesma.

Com a actividade dos citados passadores foram lesadas diversas casas, num montante de cerca de 3000 dólares, quantia resultante não só da soma dos valores dos produtos adquiridos assim como dos trocos recebidos em dinheiro português.

A Polícia Judiciária além de grande parte das notas, aprendeu a quase totalidade dos objectos de ouro (no valor de dezenas de contos), ilicitamente obtidos.

Recorda-se ainda e a propósito que nessa mesma altura investigava-se a actividade de vários súbditos britânicos, vindos de Londres e detidos em Portugal, igualmente pela passagem de dólares falsos, processo que aguarda julgamento, como é do conhecimento público.

Por último acrescenta-se que outros fenómenos isolados, de menor monta, de passagem de dólares falsos têm sido detectados por esta Polícia que continua no prosseguimento das investigações, chamando-se por isso a atenção de todo o público, das casas comerciais e, especialmente, dos estabelecimentos bancários para a necessidade de, em casos idênticos, entraram em imediato contacto com a Polícia Judiciária porquanto qualquer atraso da participação pode acarretar sérias dificuldades à investigação.

Capitais e Mercados Financeiros

Na sede da Associação Industrial Portuguesa realizam-se, hoje e amanhã, duas reuniões dos grupos de trabalho do B.I.A.C. (Comissão Consultiva Industrial junto da O.C.D.E., organismo internacional privado em que o nosso país está representado pela A.I.P.).

As reuniões que, agora, se realizam em Lisboa a convite da Associação Industrial Portuguesa respeitam ao grupo de peritos do B.I.A.C. sobre Movimentos de Capitais e Mercados Financeiros e ao grupo «ad hoc» que está a organizar uma missão de estudo aos mercados financeiros do Sueste Asiático.

O primeiro grupo, presidido pelo dr. P. J. Van der Burg, reune hoje para examinar problemas da actividade monetária e financeira internacional bem como de cada país membro do B.I.A.C.

O grupo de peritos do B.I.A.C. sobre Movimentos de Capitais e Mercados Financeiros tem, alias, dedicado particular atenção aos problemas da emissão e transacção de títulos. Por outro lado, o grupo tem acompanhado, com preocupação, as recentes crises monetárias e a intensificação de controlos cambiais.

A A.I.P. participa neste grupo de trabalho através do dr. João Amoêdo, na qualidade de representante da sua Secção Bancária.

Amanhã, reune a missão que, no Sueste Asiático, estudará os mercados financeiros locais e regionais, com vista a contribuir para a formação naquela zona de novos mercados de capitais, através de um esforço coordenado do sector empresarial dos 23 membros da O.C.D.E. Concretamente, a missão pretende promover a difusão de condições mais favoráveis para o desenvolvimento industrial da economia do Sueste Asiático mediante uma melhor utilização das poupanças internas e do estímulo ao investimento externo.

EXTERNATO JOSÉ RÉGIO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
CICLO PREPARATÓRIO — LICEU
LABORATÓRIOS PRÓPRIOS
Familiares de alunos — Descontos especiais — Militares
Rua Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 minutos do Metro-Anjos) — Telefs. 56 18 97 / 56 12 68
Expediente: 16 às 21.30 horas

CEPELT
CLASSES E LIÇÕES PARTICULARES
MANHÃ — TARDE — NOITE
SÁBADOS LIVRES
RUA D. ESTEFÂNIA, 48-TELEF. 4 29 59

PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

INTERMOBEL

NOTÁRIO LIC. LUÍS MARTINS DE CAMPOS FERREIRA

CERTIFICO que fiz extrair a presente fotocópia que vai conforme o original lavrado no livro de notas para ESCRITURAS DIVERSAS, deste Cartório, número E-75 de folhas uma a folhas quatro, verso.

Lisboa, aos vinte e dois de Agosto de mil noventos e setenta e três.

O 2.º Ajudante do Cartório,

Maria Tomásia da Conceição Alfaia

DIVISÃO, CESSÕES DE QUOTAS E EXONERAÇÃO DE GERENTE

No dia vinte e um do mês de Agosto de mil novecentos e setenta e três, no Primeiro Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Maria do Patrocínio Duarte Pina Geraldes Monsaco, primeiro ajudante deste Cartório, no pleno exercício de funções notariais, em virtude do respectivo notário, Licenciado Luís Martins de Campos Ferreira, se encontrar afastado do serviço para efeitos de aposentação, compareceram como outorgantes:

Primeiro Eng.º João Zabelo Balseiro, casado com D. Maria de Fátima Morgado Zabelo Balseiro, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, natural da freguesia de Sarilhos Grandes, concelho do Montijo, com residência habitual na Rua D. Estefânia, número cento e cinquenta e um, quinto andar, lado direito, em Lisboa.

Segundo Eng.º Manuel Correia da Costa Antunes, casado com D. Maria Rita Soromenho Viana Baptista da Costa Antunes, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, natural da freguesia de São Julião, desta cidade, com residência habitual na Estrada do Calhariz de Benfica, número cinco, terceiro andar, em Lisboa.

Terceiro Dr.ª D. Luísa Pereira Ryder da Costa ou Luísa Alice Pereira Ryder da Costa, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, desta cidade, com residência habitual na Rua Bulhão Pato, número cinco, quarto andar, lado direito, em Lisboa, casada com o sexto outorgante sob o regime da comunhão geral, segundo declarou.

Quarto D. Maria Celina de Sousa Ferreira de Almeida Meleças Curado, natural da freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, com residência habitual na Praça Pasteur, número dez, segundo andar, lado esquerdo, em Lisboa, casada com o sétimo outorgante, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou.

Quinto João Ferreira de Almeida Meleças, natural da dita freguesia de Alverca do Ribatejo, casado com D. Maria da Conceição de Sousa Soares Andrea de Almeida Meleças, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, com residência habitual na Vivenda Eolo, número quinze, rés-do-chão, Quinta de Santa Rita, em São João do Estoril, freguesia do Estoril, concelho de Cascais, que intervém por si e como procurador de Victor Fernando da Costa Panaca, casado com Ilca Maria Antunes Paixão da Costa Panaca, mas dela separado judicialmente de pessoas e bens, natural da freguesia e concelho de Vila Nova da Barquinha, com residência habitual na Praça Aires de Ornelas, número três, sexto andar, F, em Lisboa, nos termos da procuração adiante mencionada.

Sexto Eng.º José António de Carvalho Escarameia, casado com a terceira outorgante e com ela residente, natural da freguesia de São Salvador de Aramenha, concelho de Marvão.

Sétimo — Alfredo Alves Martins Curado, casado com a quarta outorgante e com ela residente, natural da freguesia dos Anjos, desta cidade.

E pelo primeiro outorgante foi dito:

Que possui uma quota de duzentos mil escudos na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada Intermobel Móveis Modernos, Limitada, com sede em Lisboa, na Estrada da Luz, números cento e dezasseis-B e cento e dezasseis-C, constituída por escritura de quinze de Março de mil noventos e setenta e dois, a folhas setenta e sete, verso, do livro D-dois mil quinhentos e cinquenta e seis, deste Cartório com o capital de um milhão e duzentos mil escudos, da qual são também sócios o segundo e a terceira outorgantes, cada um com uma quota de duzentos mil escudos, a quarta com uma quota de cinquenta mil escudos, o quinto com uma quota de cem mil escudos e o representado deste com uma quota de cinquenta mil escudos.

Que, pela presente escritura e devidamente autorizado nos termos do artigo quarto do pacto social, divide a sua referida quota em cinco, uma de cinquenta mil escudos que cede ao segundo outorgante, Manuel Correia da Costa Antunes, uma de cinquenta mil escudos que cede à terceira outorgante Luísa Pereira Ryder da Costa uma de vinte e cinco mil escudos que cede à quarta outorgante, Maria Celina de Sousa Ferreira de Almeida Meleças Curado, uma de cinquenta mil escudos que cede ao quinto João Ferreira de Almeida Meleças, e uma de vinte e cinco mil escudos que cede ao representado deste, Victor Fernando da Costa Panaca;

Que faz as cessões por preços iguais aos valores nominais das quotas cedidas, que já recebeu dos cessionários;

Que se exonera de gerente da sociedade.

Pelo segundo, terceiro, quarta e quinto outorgantes, nas qualidades em que intervêm, foi dito:

Que aceitam as cessões, nos termos exarados.

Pelo sexto e sétimo outorgantes foi dito:

Que autorizam suas respectivas mulheres a outorgar esta escritura.

Fica arquivada uma procuração conferida ao quinto outorgante por Victor Fernando da Costa Panaca, donde verifiquei ter o procurador os poderes necessários para intervir nesta escritura.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos bilhetes de identidade, respectivamente, números:

1 361 608, passado em 26 de Novembro de 1971; 1 204 121, passado em 29 de Junho de 1971; 237 664, passado em 18 de Dezembro de 1968; 1 396 579, passado em 27 de Abril de 1972; 14 415, passado em 23 de Maio de 1966 pela Direcção dos Serviços de Identificação de Lisboa, bem como o terceiro e os restantes pelo Arquivo de Identificação de Lisboa: 574 600, passado em 4 de Novembro de 1963, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; e 1 216 072, passado em 8 de Fevereiro de 1966, pela Direcção dos Serviços de Identificação de Lisboa.

Foi feita aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea de todos, a leitura desta escritura e a explicação do seu conteudo.

O Primeiro Ajudante,

M. P. D. P. G. Monsaco

estúdio
AMANHÃ ÀS 21.45
entre a realidade actual do sertão
e a imagem fantasista do passado
antónio luta em nome dos seus conceitos contraditórios
da moral e da justiça e acaba por descobrir
o rosto dos seus verdadeiros inimigos.

Prémio da melhor realização no Festival de Cannes
ANTÓNIO DAS MORTES
um filme
um realizador
GLAUBER ROCHA
EM COMPLEMENTO
AS HURDES
de LUIS BUÑUEL
O MELHOR FILME DO ANO
lauro antónio diário de lisboa 31/12/72
animatógrafo
GRUPO D (18 ANOS)

BRILHANTES
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DL/NACIONAL

Equiparação de habilitações no Ensino Superior

Foi definida pelo Ministério da Educação Nacional a equiparação de habilitações do ensino superior, para efeitos de sequência de estudos.

Na Faculdade de Letras, e no que se refere à licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, a aprovação nas disciplinas de História da Antiguidade Oriental (semestral), História da Antiguidade Clássica (semestral), História Medieval (anual), História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa (anual), e Epigrafia (semestral), é equiparada, respectivamente, à aprovação nas seguintes disciplinas da licenciatura em História: História da Antiguidade Oriental(semestral), História da Civilização Grega (semestral, História da Idade Média(anual), História da Expensão Portuguesa, e Epigrafia (semestral).

Na Faculdade de Direito, a aprovação nas disciplinas Economia I e Economia II, da Faculdade de Economia, e Finanças, da mesma Faculdade, é equiparada, respectivamente, à aprovação nas seguintes disciplinas: Economia Política I, Economia Política II e Finanças públicas.

No Instituto Superior de Economia, a aprovação nas disciplinas Geografia Económica Portuguesa, Introdução ao Estudo do Direito e Estudo Descritivo das Instituições de Direito Civil, e Direito Fiscal, todas da Faculdade de Economia, é equiparada, respectivamente, à aprovação nas disciplinas Introdução ao Estudo das Ciências Sociais, Noções Fundamentais de Direito e Regime Fiscal da Empresa.

Na Faculdade de Economia, a aprovação nas disciplinas Matemáticas Gerais, Análise Matemática, e Estatística, todas do antigo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, é equiparado, respectivamente, à aprovação nas disciplinas Matemáticas Gerais, Análise Infinitesimal I, e Estatística.

No Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas, a aprovação na disciplina Direito Internacional Público — Regime da Sociedade das Nações, do antigo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, é equiparada à aprovção na disciplina Direito Internacional.

BAÍA DE SESIMBRA

A criação de um parque marítimo

Continuação da Pag. 1

tuição da comissão e a manifestar o reconhecimento do interesse nacional do problema».

CLOSTERMANN

Após as palavras de abertura acima transcrita, diz-se na circular:

. «A questão foi levantada por Pierre Clostermann, grande especialista da vida marítima, e figura internacional com prestígio em vários domínios, desde o da aviação até ao da literatura.

Pierre Clostermann expôs publicamente a questão numa conferência coloquial realizada este Verão com os pescadores de Sesimbra.

A questão é a seguinte:

a) A «baía de Sesimbra», definida ao norte pela embocadura do Tejo e ao sul pelo Cabo de Sines, constitui o último dos três viveiros que povoam todos os mares da costa atlântica, desde a Irlanda até ao norte de África.

b) Naturalmente entende-se por viveiro aquela região marítima que, dotada de características apropriadas, oferece aos peixes as condições necessárias para a desova e crescimento.

c) Dos três viveiros referidos, o de Nantes (França) foi destruído no final do século passado pela pesca de arrasto; em Nantes se abasteciam as indústrias de conservas de peixe com centro naquela região. O de Vigo, de há 10 anos a esta parte entrou — devido à poluição industrial das águas — num processo de destruição hoje irreversível. O de Sesimbra, embora a sua existência esteja seriamente ameaçada pela pesca do arrasto, pela poluição dos rios Tejo e Sado, e pela indiscriminada apanha de algas, ainda pode ser reconstituido.

d) Caso desapareça o viveiro de Sesimbra, todo o peixe acabará por desaparecer das costas ocidentais europeias e norte-africanas, no desenvolvimento de um processo que já oferece patentes resultados na crise da indústria conserveira na cada vez maior escassez de peixe nacional nos mercados, com o consequente aumento de custo, e até no desaparecimento de algumas espécies, como o atum, a albacora e a corvina, e na raridade de outras, como o carapau e a sardinha. Toda a gente terá a consciência da gravidade, não só económica, mas também biológica e antinatural, de tal situação que só é motivada pelos actos e cegos interesses da efémera ambição humana.

PRESERVAR O QUE RESTA

e) A única, imprescindível, inevitável conclusão a tirar é a de imposição urgentíssima de preservar o que resta do viveiro que é a baía de Sesimbra, e promover com as condições necessárias, a reconstituição plena desse viveiro. Para isso é necessário que o Governo crie o «Parque Marítimo de Sesimbra».

f) A designação de «Parque Marítimo» é a adoptada, em casos análogos, para a defesa de uma região dos mares. Assim aconteceu, por exemplo, com o Parque Marítimo das Baleares, promulgado pelo Governo espanhol com o fim de preservar a fauna e a flora daquela região marítima.

g) A criação do Parque Marítimo da baía de Sesimbra implica:

. 1 — proibição da pesca de arrasto em toda a área do parque;

. 2 — proibição de apanha de algas;

. 3 — proibição da caça submarina;

. 4 — intensificação dos impedimentos à poluição industrial dos rios Tejo e Sado.

h) Com estas medidas, o sr. Clostermann, com a sua autoridade científica, os pescadores de Sesimbra, com a sua autoridade tradicional, e os industriais conserveiros, com a sua autoridade prática, concluem que no prazo de 10 anos estará reconstituído o riquíssimo viveiro natural da baía de Sesimbra.

i) Constitui-se em Sesimbra uma comissão para lutar pela reconstituição daquele viveiro, solicitando do Governo a criação do Parque Marítimo de Sesimbra.

Nessa comissão figuram diversas personalidades, sob a presidência honorária de Pierre Clostermann; a ela se associaram já personalidades de prestígio nacional em diversos domínios».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim dos Santos MONTEMOR-O-VELHO

Alegria em Ermesinde

Finalmente, distribuição domiciliária de água

PORTO . Algumas zonas da populosa freguesia de Ermesinde vão passar a dispor de água em todos os domicílios, facto que alegra toda a gente, o que é compreensível, pois nos dias que correm quase não se acredita que determinadas zonas do país ainda não estejam devidamente estruturadas, como se impõe, não só no que diz respeito a água mas também a luz eléctrica.

Os depósitos já se encontram cheios e muito possivelmente ainda esta semana serão abertas as torneiras para se verificar a pressão dos canos. Proceder-se-á, depois, à devida desinfecção.

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29 — LISBOA — Telef. 50473

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO PARA OS PROFISSIONAIS DO RAMO DE ARMAZENISTAS DE PAPEL

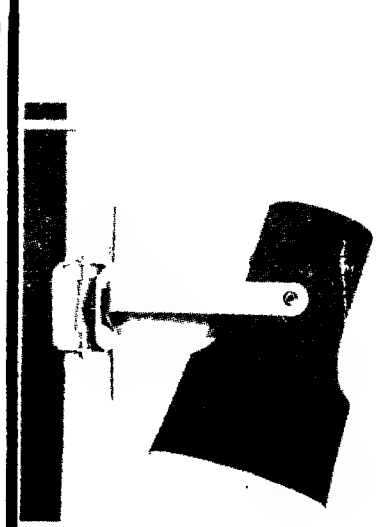
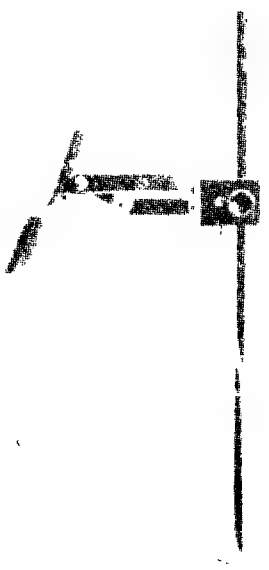
Realiza-se no próximo dia 7, sexta-feira, pelas 21,30 horas, na sede do Sindicato uma reunião com todos os profissionais do RAMO DE ARMAZENISTAS DE PAPEL para discutir e dar conhecimento da decisão arbitral do CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO.

Lisboa, 6 de Setembro de 1973

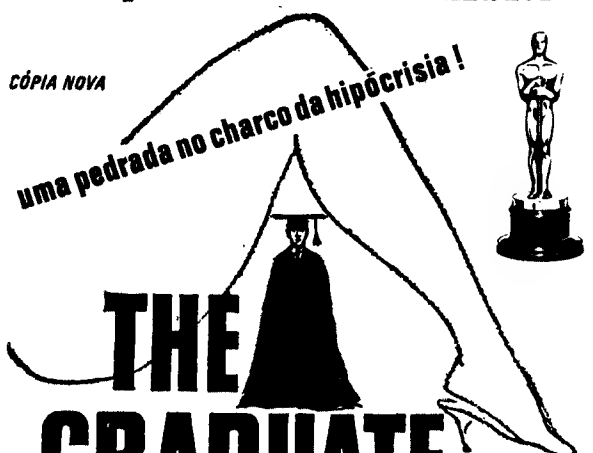
A DIRECÇÃO

RADICAL
MARGA
O oftalmologista fará muito pelos seus olhos...

...MARGA OCULISTA fará o resto!
FORNECEDOR DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA
OCULISTA MARGA | AV. DUQUE DE LOULÉ, 97-1º LISBOA | TEL 55 38 49

EMELLI
RUA DE S.tª JUSTA, 97 - 99
LISBOA


CANDEEIROS SUECOS
-- EM EXPOSIÇÃO --

IMPÉRIO
10.ª SEMANA
NA ESTREIA EM LISBOA
Oscar para o Melhor Realizador
CÓPIA NOVA
uma pedrada no charco da hipócrisia!


THE GRADUATE
United Artists
A PRIMEIRA NOITE
ANNE BANCROFT · DUSTIN HOFFMAN · KATHARINE ROSS
ARGUMENTO DE CALDER WILLINGHAM e BUCK HENRY
CANÇÕES DE PAUL SIMON
CANTADAS POR SIMON e GARFUNKEL
PRODUTOR LAWRENCE TURMAN
REALIZADOR MIKE NICHOLS
TECHNICOLOR® PANAVISION®
GRUPO D 18 ANOS

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1880
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

DL/ESTRANGEIRO

CIMEIRA DOS NÃO-ALINHADOS

KAUNDA TEME UM ATAQUE DA RODÉSIA E ÁFRICA DO SUL

ARGEL, 6 (UPI-ANI) — O presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia, afirmou ontem que a Africa do Sul e a Rodésia concentraram forças militares ao longo das fronteiras, preparando-se para um ataque «à mais pequena desculpa».

Kaunda dirigiu-se a mais de 50 chefes de Estado e de Governo na abertura da conferência cimeira dos Países Não-Alinhados, reunida em «Club des Pins», um subúrbio de Argel.

O anfitrião da conferência, Houari Boumedienne, presidente da Argélia, proferiu o discurso inaugural, no qual indirectamnete pediu o corte de relações dos países não alinhados com Israel, pela sua contínua ocupação de terras árabes.

Kaunda referiu-se à concentração de tropas enquanto falava sobre «colonialismo e domínio de minorias brancas na Africa» como um dos maiores problemas que a cimeira deve tratar.

A cerimónia inaugural foi adiada por duas horas devido a conversações informais entre os dirigentes, numa sala anexa à de conferências, que tem uma capacidade de 2.000 lugares.

Os dirigentes e outros delegados de 75 países da Africa, Ásia, América do Sul e Europa encaminharam-se em seguida para a grande sala, em pequenos grupos, tendo sido saudados com aplausos, dos quais os maiores foram para o chefe do Governo cubano, Fidel Castro.

A reunião iniciou-se às 19 horas TMG (vinte em Lisboa), com o discurso de Kaunda, como presidente da anterior cimeira, que se efectuara em Lusaka.

Boumedienne fez o seu apelo para uma quebra com Israel louvando a recente decisão de seis países africanos restringirem os seus laços diplomáticos com o Estado judaico em acto de solidariedade com os árabes.

«O apoio ao povo palestiniano é um dever» — afirmou Boumedienne. Tanto Boumedienne como Kaunda saudaram o desanuviamento Este-Oeste, mas sublinharam que este desanuviamento não pode beneficiar o mundo a menos que se estenda às áreas em conflito do Médio Oriente, da Africa e do Sueste Asiático.

«A limitação do desanuviamento ao mundo insdustrializado não trará paz internacional» — disse Boumedienne.

Sem mencionar nomes, Boumedienne afirmou que as grandes potências continuam a exercer pressões políticas e económicas sobre as nações pequenas, estabelecendo esferas de influência. Referiu-se o presidente a recentes notícias de planos norte-americanos de intervenção militar no Golfo Pérsico, para protecção às fontes petrolíferas, se necessário.

«Não poderá haver paz verdadeira no mundo enquanto não for eliminada a ideia de custódia (das grandes potências)» — afirmou.

Boumedienne ofereceu um programa de acção para os grupos não-alinhados que inclui:

. — salvaguarda da independência nacional, continuando com o desenvolvimento e afastando pressões económicas estrangeiras como as praticadas por companhias multinacionais;

. — ajuda aos guerrilheiros, tanto política como material;

. — evitar alianças com as grandes potências e eliminar as bases militares;

. — estabelecer relações internacionais na base de completa igualdade entre os povos;

. — procurar um melhor acordo nas futuras conversações internacionais sobre comércio multilateral e reformas monetárias;

. — aumento de cooperação entre os países não-alinhados em todos os campos.

No Médio Oriente, Kaunda disse que os Estados Unidos e a União Soviética deveriam unir os seus esforços para ajudar as partes conflituosas a atingir um junto, pacífico e permanente acordo.

Kaunda pediu, também, restrições na produção de matérias-primas nos países não-alinhados, incluindo o petróleo.

«Devemos coordenar seriamente os nossos esforços na conservação e utilização cuidadosa dos recursos do mundo. Não devemos explorar hoje, às cegas e sem cuidado, o que virá a ser a base da nossa vivência no futuro» — acrescentou o presidente.

Os oradores que se seguiram foram o primeiro-ministro indiano, senhora Indira Ghandi, o presidente do Egipto, Anwar Sadat, o presidente da Serra Leoa, Siaka Stevens, o ministro de Estado chileno Hernan Santa Cruz, o presidente dos Camarões, Ahmadu Ahidjo, e o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, que está presente na cimeira como convidado.

Ahidjo apelou para os dois vietnames no sentido de aplicarem com mais lealdade» o acordo de Paris que pôs fim à guerra.

E pediu, também, a reinstalação no camboja do «Governo legítimo» do príncipe Sihanouk.

A conferência elegeu Boumedienne para o lugar de presidente e 14 países para o preenchimento das vice-presidências — Jugoslávia, Sri Lanka (Ceilão), Cuba, Tanzânia, Nepal, Somália, Koweit, República do Zaire, Perú Senegal, Malásia, Libéria, Síria e Guiana.

Na cerimónia inaugural da cimeria dos não-alinhados, a mesa da presidência, onde se vêem (da esquerda para a direita) o secretário geral da conferência, Ait Chaalal, da Argélia, o secretário geral da ONU, Kurt Waldheim, Kenneth Kaunda, presidente da conferência e da Zambia, e Hourai Bormedienne presidente argelino, surge em atitude de recolhimento. Durante a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros fora aprovado fazer um minuto de silêncio por um dirigente africano recentemente morto. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

O ASSALTO À EMBAIXADA: 12 ULTIMATOS EM 24 HORAS

PARIS, 6 (FP) — Em 24 horas, os membros do comando árabe que ocuparam ontem de manhã a embaixada da Arábia Saudita em Paris, fizeram doze ultimatos, sem, no entanto, executarem nenhum.

Sucessivamente, os seis membros do comando pediram: a libertação do palestiniano-jordano Abu Daub, preso em Amã por tentativa de golpe de Estado em Fevereiro findo, a presença na embaixada de embaixadores árabes como «garantia» da sua partida de França por avião, e o envio de carrinhas para a evacuação.

Entre os reféns que os palestinianos retiveram na embaixada saudita em Paris conta-se a mulher do célebre espeleólogo francês Michel Siffre, que há um ano saiu de uma grita no Texas depoiis de lá ter estado 205 dias. A mulher de Siffre, Natalie, empregara-se recentemente como secretária na embaixada. Siffre está já em Paris, tendo regressado de Nice onde se encontrava a escrever um livro sobre a sua aventura no Texas. O espeleólogo declarou-se pronto a tomar o lugar da mulher. A telefoto mostra o casal em 1971. Natalie tem actualmente 21 anos. (UPI-Telimprensa-DL)

De todas as vezes, o comando ameaçou fazer explodir a embaixada ou executar um dos reféns, mas as ameaças não foram dirigidas às autoridades francesas. Foram-no aos diplomatas árabes, que vieram negociar uma solução pacífica para a operação do comando.

O terror manifestado pelos reféns e sobretudo a tentativa de suicídio de um deles, que abriu as veias de um braço e foi tirado por uma janela ontem à noite, veio tornar mais críveis as ameaças feitas.

O comando conseguiu obter negociações com os dirigentes árabes reunidos em Argel na conferência dos não-alinhados, o fornecimento de comida, de medicamentos para o coração e de uma carrinha para seguirem para o aeroporto, onde, segundo o que lhes prometeram, os esperaria um avião.

Entretanto, a União Geral dos Estudantes Palestinianos em França denunciou ontem com vigor o acto do comando que ocupou a embaixada da Arábia Saudita. Um comunicado, a União declara: «Denunciamos os actos destes grupos de anarquistas que se intitulam da resistência palestiniana e que, por detrás de frases patrióticas, nada mais fazem do que vibrar golpes na luta de libertação nacional do nosso povo».

O DETIDO DA JORDÂNIA

BEIRUTE, 6 (FP) — Abou Daud, cuja libertação é pedida por um «comando» entrincheirado desde ontem na embaixada da Arábia Saudita, em Paris, encontra-se detido na Jordânia desde 15 de Fevereiro último. Membro do conselho revolucionário da «Fatah», foi uma das principais figuras da «batalha de Amã, em Setembro de 1970, quando comandava a milícia palestiniana.

Muito mais homem de acção do que responsável político, preparava-se para entrar em território ocupado quando, segundo afirmou a Resistência palestina, os serviços secretos jordanos de colaboração com os serviços israelitas o interceptaram co o seu gruo, em 15 de Fevereiro.

As autoridades jordanas deram uma versão diferente do caso ao indicarem que «um grupo de pessoas fora capturado quando tentava passar para a Jordânia com o propósito de cometerem actos contra a segurança do Estado».

A condenação de Abu Daud a morte deu imediatamente lugar a uma vaga de protestonb mundo árabe.

Quando da ocupação da embaixada saudita em Kartum, de 1 a 4 de Março, o comando da «Setembro Negro» inclui Abu Daud na lista das pessoas cuja libertação exigia.

Em 14 de Março o rei Hussein comutou a pena de morte de Abu Daud em prisão perpétua.

Quebra da libra

. LONDRES, 6 (R.) — A libra esterlina sofreu uma quebra de 2,5 por cento na abertura do mercado de Londres esta manha em relação ao fecho de ontem á noite.

Este foi o terceiro dia consecutivo em que a libra baixou em consequência do saldo negativo da balança de comércio britânica no segundo trimestre deste ano. A tendência para descer acentuou-se quando em vários pontos da Europa os possuidores de libras começaram a vendê-las.

Segundo os cambistas, o Banco da Inglaterra foi ontem forçado a intervir.

Um Nixon vigiado

. WASGHINGTON, 6 — (UPI-ANI) — O presidente Nixon ordenou aos serviços secretos que mantivessem vigiado o telefone do seu irmão, Donald Nixon, por mais de um ano, durante o seu primeiro mandato — anuncia o «Washington Post», acrescentando que essa informação lhe tinha sido fornecida por investigadores federais e uma fonte da Casa Branca.

A causa aparente de tal vigilância teria sido o receio do presidente de que os negócios do seu irmão pudessem causar embaraços ao Governo.

Situação "preocupante" no Golfo Pérsico

ARGEL, 6 (R.) — Uma intervenção militar «imperialista» contra regiões produtoras de petróleo, poderá estar iminente — segundo disse a noite passada em Argel o presidente Houari Boumedienne.

Inaugurando a quarta conferência cimeira dos países não-alinhados, o presidente argelino disse que a situação no Golfo Pérsico é «preocupante» e faz perigar a paz regional e a paz mundial.

«As ameaças que surgem no horizonte parecem vaticinar uma possível intervenção militar dirigida contra regiões produtoras de petróleo, segundo o já velho e bem conhecido método imperialista».

No grande salão de conferências do Palácio das Nações, perto de Argel, escutaram as palavras de Boumedienne 13 chefes de Estado de países árabes.

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

Nixon criticou Israel e os árabes por não haver progressos no conflito do Médio Oriente

WASHINGTON, 6 (R.) — Israel encontra-se hoje perante a perspectiva de sofrer pressões americanas para tentar solucionar a crise do Médio Oriente, o que permitiria afastar a ameaça de um conflito com os países árabes produtores de petróleo, os quais têm na sua mão a chave de uma grande parte do abastecimento dos Estados Unidos e da Europa.

O presidente Nixon durante uma conferência de Imprensa, ontem, na Casa Branca, criticou inesperadamente Israel pelo facto de não haver progressos no sentido de uma solução pacífica do conflito do Médio-Oriente. No entanto, criticou também os árabes e avisou-os de que têm muito a perder se levarem a cabo as suas ameaças de reduzir a produção de petróleo a fim de pressionarem os Estados Unidos.

Foi esta, no entanto, a primeira vez que o presidente Nixon publicamente censurou Israel ao dizer que «ambas as partes têm culpa» do impasse em que a situação se encontra. Esse impasse começa a impacientar os árabes e levou já a Líbia a nacionalizar a maioria do capital das companhias americanas instaladas naquele país ao mesmo tempo que a Arábia Saudita ameaça também utilizar o seu petróleo como arma política para que os Estados Unidos modifiquem a posição que até agora têm mantido de apoio incondicional a Israel.

Embora Nixon tenha salientado que os Estados Unidos continuam empenhados em defender Israel, assegurando a sobrevivência do Estado judaico, deu uma indicação clara ao Governo de Telavive de que espera da sua parte uma iniciativa para a solução do conflito com os árabes.

Ao mesmo tempo, procurou intimidar os árabes acenando-lhes com a perspectiva de perderem os seus mercados caso utilizem o petróleo como arma política.

As palavras do presidente mostraram, no entanto, que ele se encontra preocupado com a perspectiva de serem cortados ou reduzidos os fornecimentos de petróleo árabe.

Se a Arábia Saudita puser em prática a sua ameaça de reduzir a produção em um milhão de barris por dia, isso provocará imediatamente escassez mundial de petróleo e agravará a crise do combustível que os Estados Unidos já defrontam.

Nos primeiros seis meses deste ano os americanos compraram 20 por cento do petróleo total importado aos países árabes e por seu turno o Japão encontra-se quase inteiramente dependente do petróleo do Médio Oriente.

O presidente revelou ontem ter pedido ao dr. Henry Kissinger, o seu novo secretário de Estado, para dar a maior prioridade às tentativas de solução do conflito israelo-árabe.

«Ambas as partes têm culpa e ambas precisam de entrar em negociações. Nós não somos a favor de Israel nem a favor dos árabes. Nem sequer nos inclinamos mais para os árabes porque eles têm petróleo e Israel não tem. Nós estamos apenas interessados na paz», disse o presidente que não abordou qualquer outro problema internacional durante a conferência de Imprensa transmitida pela televisão.

Esta foi a segunda conferência que deu à Imprensa nos últimos quinze dias, depois de um período de cinco meses em que não recebeu jornalistas por causa do clima criado pelo caso Watergate. O reatamento dos contactos com a Imprensa parece destinar-se a restaurar a confiança do público na Casa Branca, fortemente abalada pelo escândalo.

Funcionários da Casa Branca dizem que o presidente se mostra convencido de que o público aceitou o seu desmentido de cumplicidade no caso Watergate e de que a sua popularidade, depois de atingir o ponto mais baixo de sempre, vai começar a aumentar novamente. Assim, mais confiante, Nixon dará conferências de Imprensa cada vez mais frequentes expondo-se ao contacto com os eleitores em discursos e visitas pelo país.

Nixon, cuja capacidade como estadista chegou a ser posta em causa devido ao critério com que escolheu os seus mais íntimos colaboradores, pretendeu atirar sobre o Congresso a responsabilidade pelo facto da máquina governamental estar a funcionar em más condições, não conseguindo que sejam aprovadas as medidas legislativas que apresenta.

Anunciou, por outro lado, que na próxima segunda-feira vai enviar ao Congresso a sua mensagem sobre o Estado da União na qual mencionará o problema da inflação, a crise de energia, os gastos desnecessários e a necessidade de manter um forte dispositivo militar como dissuasor para persuadir Moscovo a negociar uma redução mútua de armamento.

Duas expressões do presidente Nixon (condescendente e acusador) durante a conferência de Imprensa que ontem à tarde proferiu na Casa Branca e na qual advertiu os Estados árabes de que poderiam perder os mercados de petróleo se continuassem com os aumentos de preço e as nacionalizações, como tem sucedido ultimamente (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

CORTADA A ÚLTIMA VIA TERRESTRE DE ACESSO A PHNOM PENH

PHNOM PENH, 6 — (UPI-ANI, F.P. e R) — Os comunistas cortaram a auto-estrada número cinco, a última via terrestre de abastecimento a Phnom Penh — anunciou o alto comando do Camboja.

Restam agora apenas duas vias de abastecimento à capital do país: o rio Mekong, a partir do Vietname do Sul, e o aeroporto de Pochintong, que serve a capital do país.

Esta nova emergência ameaça agravar consideravelmente os problemas de abastecimento que começam a fazer-se sentir na capital Khmer.

O alto comando anunciou também que foram mortos dois civis e sete outros feridos em consequência de um ataque de morteiros lançado por forças comunistas contra Kompong Cham, a terceira maior cidade do Camboja.

Outra cidade que esteve debaixo do fogo de artilharia foi Prey Ven, a 45 km a leste de Phnom Penh. Não ha conhecimento de vítimas.

ÚLTIMAS

FOI IDENTIFICADO O MORTO A TIRO

Ao fechar esta edição do «Diário de Lisboa» chegou-nos a identificação do rapaz morto a tiro, durante o assalto ao restaurante «Churrasqueira», do Campo Grande, caso que noutro local noticiamos. Trata-se de Pedro Luís Neto Lima, de 17 anos, padeiro filho de Luís Gomes de Lima e de Rosa Gomes Neto, natural de Setúbal, e residente numa barraca nas imediações da Rua Francisco Stromp, ao Estádio de Alvalade.

Traficante preso

NOVA IORQUE, 6 (UPI-ANI) — A pedido do Governo dos Estados Unidos, a polícia italiana deteve, ontem, em Roma, um cidadão italiano, considerado o principal traficante de narcóticos a nível internacional, que se suspeita ter distribuído anualmente várias toneladas de heroína dentro da área de Nova Iorque — anunciou Robert Morse, procurador norte-americano.

O chefe da secção de narcóticos, Thomas Puccio, declarou que Felice Bonnett, de 43 anos, teria possivelmente fornecido metade da porção de heroína distribuída, desde 1970, por três das cinco famílias da zona novaiorquina da Mafia, em quantidade que terá alcançado «várias toneladas», negando-se porém a mencionar quais das cinco famílias da Mafia estariam envolvidas.

NOTARIADO PORTUGUÊS

PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

INTERMUR

NOTÁRIO
LIC. LUÍS MARTINS DE CAMPOS FERREIRA

CERTIFICO que fiz extrair a presente fotocópia que vai conforme o original lavrado do livro de notas para ESCRITURAS DIVERSAS, deste Cartório, número D-dois mil quinhentos e setenta de folhas cinquenta e três verso a folhas cinquenta e sete.

Lisboa, aos vinte e dois de Agosto de mil novecentos e setenta e três.

O 2.º Ajudante do Cartório,
Maria Tomásia da Conceição Alfaia

DIVISÃO E CESSÕES DE QUOTAS

No dia vinte e um do mês de Agosto de mil novecentos e setenta e três, no Primeiro Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Maria do Patrocínio Duarte Pina Geraldes Monsaco, primeiro ajudante deste Cartório, no pleno exercício de funções notariais, em virtude do respectivo notário, Licenciado Luís Martins de Campos Ferreira, se encontrar afastado do serviço para efeitos de aposentação, compareceram como outorgantes:

Primeiro Luís Pires Fernandes, casado, natural da freguesia e concelho de Sardoal, com residência habitual na Rua Pedro Álvares Cabral, número dezassete, em Linda-a-Velha, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, que intervém como administrador e em representação da sociedade anónima de responsabilidade limitada, denominada «Edifer Construções Pires Coelho & Fernandes, S. A. R. L.», com sede em Venda Nova, freguesia de Amadora, concelho de Oeiras, na Rua das Fontainhas, no uso dos poderes que lhe foram conferidos na reunião do conselho de administração da mesma sociedade, realizada em catorze de Março deste ano, nos termos da fotocópia da respectiva acta adiante mencionada.

Segundo João Ferreira de Almeida Melleças, casado, natural da freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, com residência habitual na Vivenda Folo, número quinze, rés-do-chão, Quinta de Santa Rita, em São João do Estoril, freguesia do Estoril, concelho de Cascais, que intervém como gerente e em representação das sociedades comerciais por quotas de responsabilidade limitada, denominadas «Loal Revestimentos Modernos, Limitada», com sede em Lisboa, na Avenida António Augusto de Aguiar, número cento e vinte e quatro A, e «Interpares Sociedade de Produtos Químicos para a Construção, Limitada», com sede em Lisboa, na Rua da Alegria, número treze, no uso dos poderes que lhe foram conferidos nas reuniões das assembleias gerais das mesmas sociedades, ambas realizadas em dois de Junho deste ano, nos termos das fotocópias das respectivas actas adiante referidas.

Terceiro Ismael Marques Borges, casado com Maria Fernanda do Carmo Rosa Marques Borges, sob o regime da comunhão geral, natural da freguesia de Campo Grande, desta cidade, com residência habitual na Avenida da Igreja, número quarenta e nove, segundo andar, lado direito, em Lisboa.

Quarto Álvaro Reis Lacerda, casado com Maria Regina do Nascimento Lacerda, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, natural da freguesia e concelho de Calheta, com residência habitual na Rua Prior Coutinho, número trinta e sete, terceiro andar, nesta cidade.

E pelo primeiro outorgante foi dito: Que a sua representada, as representadas do segundo outorgante e ainda o quarto são os únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada Intermur Revestimentos Murais e Impermeabilizantes, Limitada, com sede em Lisboa, na Estrada da Luz, número cento e dezasseis, letras B e C, constituída por escritura de trinta de Março de mil novecentos e sessenta e oito, lavrada a folhas cinquenta e seis, verso, do livro B-cento e dezoito, deste Cartório, com o capital de quinhentos mil escudos.

Que nesta sociedade possui a sua representada uma quota do valor nominal de cento e cinquenta mil escudos;

Que pela presente escritura e na qualidade em que intervém, divide a quota da sua representada em três, uma de setenta e cinco mil escudos que, pelo preço de duzentos e vinte e cinco mil escudos cede à representada no segundo Loal Revestimentos Modernos, Limitada; uma de cinquenta mil escudos que, pelo preço de cento e cinquenta mil escudos cede à também representada do segundo Interpares Sociedade de Produtos Químicos para a Construção, Limitada; e uma de vinte e cinco mil escudos que, pelo preço de setenta e cinco mil escudos cede ao terceiro outorgante Ismael Marques Borges, importâncias estas que declara já ter recebido dos cessionários. Pelos segundo e terceiro outorgantes, nas qualidades em que intervêm, foi dito:

Que aceitam as cessões, nos termos exarados e que a sociedade não tem bens imóveis, o que afirmam sob sua inteira responsabilidade.

Disse o quarto outorgante: Que, como único restante sócio da sociedade autoriza a divisão e cessões efectuadas.

Ficam arquivados os seguintes documentos:

a) fotocópia da acta número sessenta e oito, do conselho de administração de Edifer Construções Pires Coelho & Fernandes, S. A. R. L.;

b) fotocópia da acta da assembleia geral da Loal Revestimentos Modernos, Limitada; e

c) fotocópia da acta da assembleia geral da Interpares - Sociedade de Produtos Químicos para a Construção, Limitada:

Destes documentos verifiquei a qualidade e os poderes que legitimam a intervenção do primeiro e segundo outorgantes, nesta escritura.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos bilhetes de identidade, respectivamente, números: 447 623, passado em 16 de Setembro de 1967; 14 415, passado em 23 de Maio de 1966; 38 817, passado em 29 de Setembro de 1967, todos pela Direcção dos Serviços de Identificação de Lisboa; e 159 133 passado em 13 de Abril de 1973, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

Foi feita aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea de todos a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo.

O Primeiro Ajudante
M. P. D. P. G. Monsaco

SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO • SEMI-INTERNATO

CICLO PREPARATÓRIO - LICEAL

★ INEXCEDÍVEL CORPO DOCENTE
★ INSTALAÇÕES FUNCIONAIS

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (à Estefânia)
Telef.. Secrt. 45310 — Direcção 537532

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Festas na Moita

De 8 a 10 de Setembro terá lugar na Moita do Ribatejo as Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Do programa fazem parte as tradicionais corridas de toiros, largadas, concurso de barcos engalanados, espectáculos de variedades e concertos por várias bandas.

A encerrar as festas, realiza-se uma sessão de fogo de artifício em que serão lançados milhares de foguetes.

GUSTAVO MALHEIRO FOI A ENTERRAR

PORTO, 6 — Para o cemiterio de Agramonte realizou-se o funeral do jornalista Gustavo Malheiro, falecido apos prolongado sofrimento na sua residência nesta cidade. Gustavo Malheiro, de 64 anos, era redactor do nosso prezado colega «O Comércio do Porto», a cujo serviço se encontrava há mais de 30 anos.

Era casado com a sr.ª D. Adelina Palhares da Silva Malheiro, pai da menina Maria de Fátima Palhares Malheiro e irmão das sras. D. Beatriz, D. Emília e D. Corina Sanches Malheiro e do sr. Eduardo Sanches Malheiro.

No funeral, que se realizou após exéquias solenes, incorporam-se o director de «O Comércio do Porto», o respectivo corpo redatorial e muitos elementos de outras secções daquele nosso prezado colega.

FANTÁSTICA LIQUIDAÇÃO

GRANDES NOVIDADES

MÓVEIS P/COZINHA

QUARTOS P/JOVENS (fora de produção)

MESAS, CADEIRAS, CANDEEIROS, QUADROS, CAMAS CASAL, TOUCADORES, BELICHES, MESAS DE CABECEIRA, GUARDA FATOS, ETC.

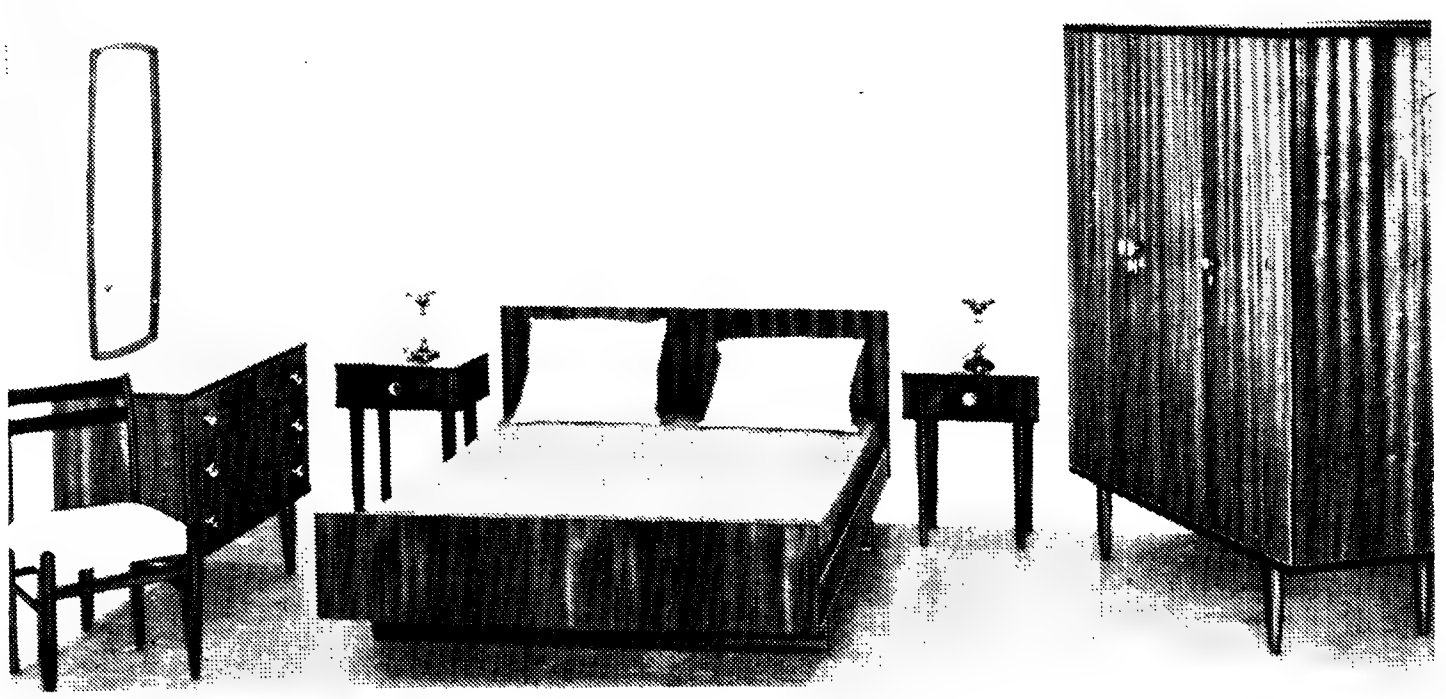
Grande empresa importadora de móveis salda os seus apartados de balanço, refugos de seguros etc.

Rua: D. Estefânia, 47 — L I S B O A

JF
MECÂNICA
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
Trv. Fabrica dos Pentes 8
Tel. 55465 · LISBOA

VINHO VERDE
ADEGA COOP DE BAIÃO
BAIÃO
branco
tinto
e
palhete
UM VINHO SUAVE DELICADO E DISTINTO MARCADO PELAS CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS DE UMA REGIÃO ÚNICA NO MUNDO
UM VINHO PARA OS APRECIADORES

Aos noivos!



Façam a vossa viagem de núpcias no vosso próprio automóvel, um MORRIS "marina"

Informe-se na Dardo desta sensacional campanha. Além da formidável oferta ainda obtêm preços baixíssimos, em mobílias de quarto com colchão de molas Climax, o máximo em molas. Facilidades de pagamento surpreendentes.

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.º de Maio 146-A

e no Stand DARDO
da Feira Popular de Lisboa

Dardo
Electrodomésticos - Mobílias

MENORES PREÇOS - MAIORES FACILIDADES

Um forno de cal em Rio de Mouro leva os moradores locais a recear por incêndios

«Existe um forno de cal em Rio de Mouro — escreveu-nos um grupo de moradores naquela localidade — que pode pôr em perigo um extenso eucaliptal existente nas proximidades, bem como um vasto vinheiral que lhe é vizinho.»

O forno, de facto, existe. Situa-se num local designado por Quinta da Serra e encontra-se em laboração há cerca de doze anos. E seu proprietário o fabricante de cal Manuel Guerreiro Costa, rediente na Rinchoa, que vende o produto fabricado entre eucaptos e pinheiros a vários construtores civis.

Pessoa a par da actividade do forno disse-nos que, de quinze em quinze dias, «saem do forno sessenta mil quilos de cal.»

O calcáreo transformado pelo fogo procede de Pêro Pinheiro e a lenha para a demorada combustão é transportada das redondezas para o forno. A transformação co calcáreo em cal verifica-se de dois em dois meses, «pelo que o perigo de incendio nos eucaliptos e nos pinheiros não é diário».

Além disso, quando o forno está em laboração, «o topo é coberto por uma espessa capa de lama que só permite a saída de fumo e não de faúlhas».

Sosseguem, no entanto, os moradores de Rio de Mouro: o forno vai ser retirado dali, uma vez que a quinta vai ser urbanizada por uma empresa construtora. Busca-se, presentemente, local seguro para o instalar.

Dizem os leitores

Esquiadores exibicionistas não respeitam a vida alheia no Portinho da Arrábida

A propósito de acidentes nas praias recebemos a seguinte carta do nosso leitor Pedro Jorge Pinto:

«O «acidente» em Portugal é uma capa que cobre muita «inconsciência» perfeitamente consciente. Seja ela («inconsciência») a nível profissional ou durante os tempos livres. Sobre a profissional não estou apto a pronunciar-me por falta de dados e contacto directo com o meio operário. Sobre a que vou falar, vejo-a e corro os riscos a que qualquer veraneante se sujeita.

Concretamente passou-se comigo e com alguns amigos no Portinho da Arrábida no último fim-de-semana e tem-se passado e passar-se-à (até quando...) com toda a gente na maioria das praias do país.

Trata-se da «inconsciência» (que eu não considero como tal mas sim como DESPREZO ABSOLUTO porque conheço de perto o carácter dos **criminosos** em questão) dos meninos que conduzem barcos a motor. Conduzem os barcos e os respectivos esquiadores aquáticos SEM O MÍNIMO DE RESPEITO pelas pessoas que tomam banho na praia.

Para andarem com os esquiadores, escolhem qualquer lugar na praia, haja ou não crianças ou adultos a nadar a 1 ou 2 metros dos barcos (isto é culpa das autoridades competentes, pois DEVE haver uma zona para barcos, delimitada com bóias e onde seria proibido nadar). Esta zona não existe na Arrábida. Mas o mais grave é quando passam a uma velocidade CRIMINOSA a 10 e até menos metros da praia com o respectivo esquiador para se exibirem cabotinamente para os amigos. Passam a 1 ou 2 metros das cabeças das **crianças** e outras pessoas, que por exemplo podem mergulhar uns segundos antes e quando vêm à tona levam com o barco em cima. As pessoas calam-se e dizem baixinho — NÃO HA DIREITO —, mas eu não me quis calar e GRITO PARA O VOSSO JORNAL: Há que parar imediatamente com actos criminosos como estes. Qualquer dia morre alguém e vem nos jornais que houve mais um «acidente» nas praias de Portugal.

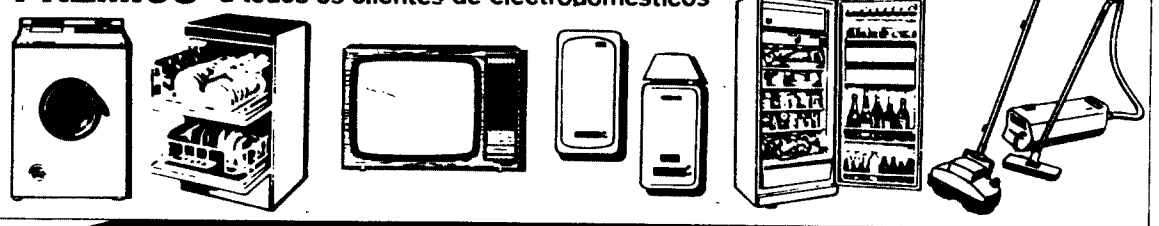
1947 1972 Dardo 25 anos

CORAJOSA INAUGURAÇÃO DE NOVA LOJA Dardo EM PLENO VERÃO

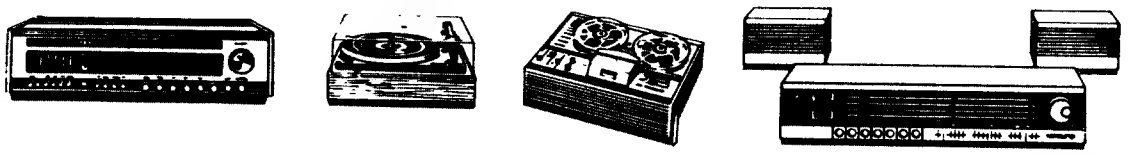
RUA GONÇALVES CRESPO, 26 - A (AO CIMO DO CONDE REDONDO)

UMA OPORTUNIDADE PARA TODA A GENTE

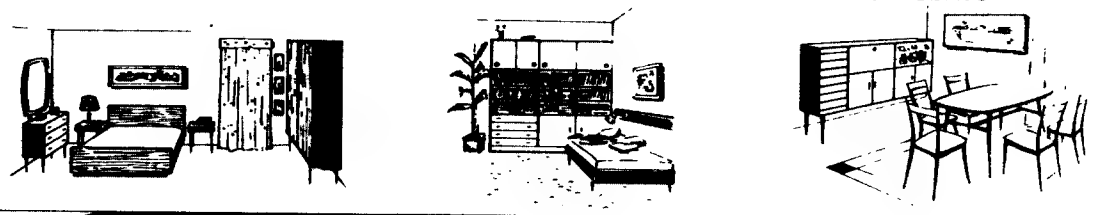
PRÉMIOS a todos os clientes de electrodomésticos



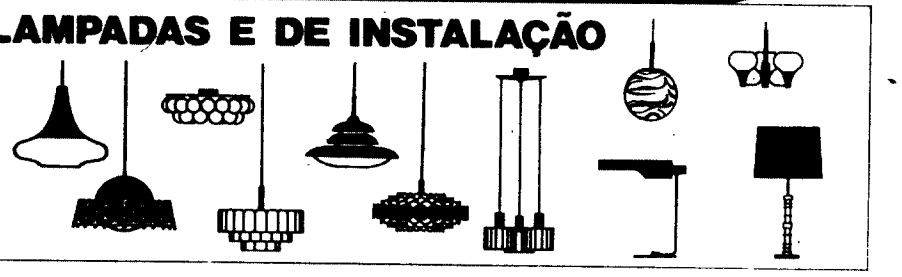
OFERTA DE DISCOS OU CASSETTES
a todos os clientes de equipamento musical, gira-discos, gravadores, reprodutores, HI-FI, etc.



CHANCE DE UM AUTOMÓVEL a todos os clientes de mobílias



OFERTA DE LAMPADAS E DE INSTALAÇÃO
a todos os clientes de candeeiros (rigorosa selecção dos últimos modelos lançados nas grandes capitais europeias)



UMA ATREVIDA DISCOTECA com os mais recentes lançamentos, à disposição de todos os clientes. Posters recentemente chegados de Londres, Paris e Tóquio.

Dardo Electrodomésticos - Mobílias

MENORES PREÇOS
MAIORES FACILIDADES

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124 - B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1º de Maio, 146 - A
Rua Gonçalves Crespo, 26 - A
Stand DARDO (Feira Popular)

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A
Rua Angelina Vidal, 63
Lisboa

DL/DESPORTOS

O Sporting "goleou" o Nancy

Mesmo sem poder contar com Pazalde e Dinis (lesionados) o Sportinf (de Mário Lino) foi a Nancy (França) derrotar categoricamente o clube local, por 5-2 (três entos de Marinho e os restantes a cargo de Nelson). Eis como formou o «onze» do Sporting: Botelho Damas); Manaca, Bastos, Alhinho Baltasar (Carlos Pereira); Fraguio, Vagner e Tome; Marinho, Nelon e Chico.

Belas exibições de Alhinho (o melhor em campo), Botelho, Bastos, Manaca, Baltasar, Vagner, Tome e do trio de ataque. A equipa egressa a Lisboa cerca das 16 e 30 le hoje

ORIENTAL

Em Marvila, perante grande interesse do seu publico mas num campo pessimamente iluminado (o que, desde logo, o condena para a prática de futebol nocturno) o Oriental «cilindrou» o Badajoz, derrotando-o por 5-1 (tentos de Quim, Hector, Sapinho, José Carlos e Luciano). O Oriental (do jóvem treinador Pedro Gomes) alinhou assim: Gomes; Armando (João Ventura), Mafra, José Manuel e João António; José Carlos (Amilcar), Hector (Leonel) e Quim; Armando Luis, Móia (Artur) e Sapinho (Luciano). Sapinho e Moia form os orientalistas em maior evidência.

BARREIRENSE

O brasileiro Fontoura, que não interessou ao Sporting, assinou contrato com o Barreirense, dirigido pelo seu compatriota Sousa Arantes, a fazer uma má campanha: 13 golos sofridos e nenhum conseguido em três jogos consecutivos.

BELENENSES

Foi concedida a dupla nacionalidade aos luso-brasileiros Eliseu e Toninho, novos reforços belenenses. Ao mesmo tempo o clube do Restelo informou Luis Carlos de que ele não é desejado por Scopelli no «team», daí que tenha de escolher o rumo futuro entre três hipóteses: uma colectividade do Norte, o Peniche ou um clube belga.

EUSÉBIO

Eusébio retomou a sua preparação normal, parecendo que existe boa possibilidade de alinhar no domingo, no Bessa, pelo menos durante algum tempo do jogo contra o Boavista.

«MUNDIAL»

Decidido: a partida Irlanda-Bulgaria (decisiva para o nosso grupo no «Mundial») sera jogada em Sheffield (Inglaterra). Menos um problema (portanto) para os bulgaros...

CRUYFF

Cruyff estreou-se no Barcelona, contribuindo decisivamente para a «goleada» (6-0) proporcionada aos belgas do Cercle de Bruges. O holandês fez dois golos e passou três: foi o delírio entre a multidão (90 mil pessoas que, só de uma vez, pagaram a quinta parte do preço da transferência de Cruyff para Barcelona).

«SURURU»

Escândalo em Mérida (Espanha): além de vencido por 0-6, o Torres Novas viu serem expulsos os seus jogadores Alexandre, Zeca e Carvalho, após uma quase «batalha campal»...

IMPUGNAÇÃO

Em extenso comunicado, a Associação de Futebol de Coimbra apresenta o seu ponto de vista em relação ao acto de impugnação do ultimo Congresso federativo, que só não está oficializado porque falta o depósito de 750 escudos na Federação... Entretanto, mesmo com a espada de Demócles pendente sobre si, iniciou-se o «Torneio de Competência». Primeiros resultados: União de Lamas, 2-Alba, 1; Seixal, 1-Nazarenos, 0 e Alhandra, 0-Joventude, 0. De anotar as expulsões de Albano (Alba) e Coimbra (Lamas).

«TAÇA U.E.F.A.»

A U. E. F. A. ja concordou: o Belenenses jogará com o Wolverhampton no dia 26 do corrente, em Lisboa, enquanto o Vitória de Setúbal esgrimirá com o Beerschot no dia 12 (em Setúbal) e a 26 (em Antuérpia).

PREPARAÇÃO

Em desafio particular, a Alevanha Ocidental foi a Moscovo bater a Rússia por 1-0 (golo de Gerd Mueller). Por cá, também prossegue a preparação dos clubes: ontem, em Lamego, a colectividade local foi vencida pela Ovarense, por 1-0.

Um espanhol (de olhos fechados) está fora deste lance, levado a melhor pelo orientalista José António.

Dia 16

AUTÓDROMO DO ESTORIL

Fantástico espectáculo de

SIDE-CARS

O ENG. ROGÉRIO MARTINS NO SPORTING?

Tudo parece indicar vir a ser o eng. Rogério Matins (antigo Secretário de Estado da Indústria e actual vice-governador do Banco de Fomento) o novo vice-presidente do Sporting. Foi ontem que João Rocha lhe dirigiu o convite, tudo fazendo prever que amanhã venha a ser já eleito (juntamente com o restante elenco directivo do clube de Alvalade) na Assembleia-Geral especialmente convocada para o efeito.

HÓQUEI EM PATINS

Resultados da jornada de ontem de metropolitano da 1.ª Divisão:

ZONA NORTE — Ac. Espinho-Fânzeres, 4-7; Académico-Oliveirense, 7-2; F. C. Porto-I. Sagres, 1-3; Sanjoanense-Aguias, 12-1; Carvalhos-Valongo, 8-3.

ZONA SUL — C. Ourique-Paredes, 6-5; Oeiras-Sporting, 3-5; Sintra-Cascais, 8-8; Paço de Arcos-Benfica, 4-6; C.U.F.-Estremoz, 7-1.

TÉNIS

Resultados da 2.ª jornada do 1.º Torneio Internacional de Juniores do Estoril:

SINGULARES — E. Stenninger v. Vasco Melo, por 6-1 e 6-0; Luis Filipe v. R. Carvalho, por 6-2; Eddie Pinto v. Luis Macara Lopes, por 6-0 e 6-1; Uli Heyne v. Mário Azevedo Gomes, por 6-2 e 6-0; J. Grantgean v. Gonçalo Velez, por 6-2 e 6-0; Simon Abrahamson v. L. Corrêa Barros, por 6-0 e 6-2; Daniel Frere v. Saraga Leal, por 6-1 e 6-0; António Camara v. Filipe S. Franco, por 6-4 e 6-2.

PARES — Aregon-Pinto v. Zoltan-Mitos, por f. c.; Cabezas-Vasquez v. Serra-Lencastre, por 6-1 e 6-2; Franco-Carvalho v. Morey-Garcia, por f. c.; Graham-Cruz v. Frie-Abrahamson, por 7-5 e 6-0; D. Freve Grantjean v. U. Heyne-Guettner, por 7-5 e 6-3; Hoeng-Lescano v. L. Cruz-A. Camara, por 6-0 e 6-0; J. Lisboa-L. Filipe v. Canebra-Mir, por f. c.; Rasmussen-Jenson v. Norbaeck-Stenninger, por 3-6, 6-4 e 6-3.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 1 DA 13ª ÉPOCA "9 SET. 73"

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. FARENSE-CUF	53	36	15	6	4	2	
2. ORIENTAL-MONTIJO	70	27	7	8	3	1	
3. BELENENSES-PORTO	57	36	11	7	4	1	
4. LIXO -GUIMARAES	63	31	10	7	4	1	
5. BOAVISTA-BENFICA	1	10	88	1	1	10	
6. SETÚBAL-SPORTING	49	35	20	6	4	2	
7. BARREIRENSE-ACADÉMICA	58	29	17	7	3	2	
8. BELENENSES-OLIVEIRENSE	89	13	2	10	1	1	
9. GRANADA-REAL MADRID	12	19	73	1	2	9	
10. MÁLAGA-REAL SOCIEDAD	53	35	12	7	1	1	
11. ATLÉTICO BILBAU-ESPANHOL	73	24	1	8	1	1	
12. OVIEDO-LAS PALMAS	66	27	11	8		1	
13. ATLÉTICO MADRID-VALENCIA	90	13	1	10	1	1	

a) No caso de ao Artº. 10º, do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na ordem do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

111 121 112 1111

Bondiazinho, x11 121 112 x11; Brado Africano Desporto, 1x121 112 1xxx; Brado Africano Ronga, 2xx x2x 112 1xxx; Domingo Alegre, 22x 12x 112 1x1; Jornal Desportivo, 11x x2 112 21x1; Passatempo, 2x1, 2x 112 x12x; Revista Desportiva, x1x x21 xx2 211x; Noticiário Desportivo, 112 122 x11 1111; Roteiro Sonoro, 111 121 112 x111; Terceiro Programa, 121 x22 212 x1x1; 20 Ponto D, 2x1 11x 112 1111; Renovação, 111 12x x1x xx11; Diário, xx1 122 x12 x121; Notícias da Beira, xx1 22x 212 x1x1; Quelimane 73, x11 x22 x12 x1x1; Onda Desportiva, 212, 12x 111 1111; Folha de Tondela, 11x 12x 1x2 1111; Beira Baixa, 1x1 x2x xx2 x111; Boa Nova, xx2 222 122 xx11; Brados do Alentejo, 221 121 211 2111; Cardeal Saraiva, 11x 1xx 112 1x11; Cavalgada do Ritmo, x11 121 x12 1x11; O Concelho de Estarreja, x11 x21 11x 1111; Correio de Coimbra, 111 x21 112 2x11; Correio do Vouga, 111 122 112 1111; A Defesa, x11 122 x12 x1x1; Diário dos Açores, 212 x22 1x2 x111; DIEP, x12 x22 112 1111; Eco de Estremoz, x1x 12x 1112 1x11; Ecos do Desporto, 121 122 212 x111; Fórmula Jota, 111 x21 112 1211; Último Palpite, x11 22x 122 x111; Diário de Lisboa, x1x 12x 2xx* 1111; Emissor Regional da Guiné, 111 121 112 xxx1; Estrela da Manhã, 11x x21 x12 x1x1; Folha de Domingo, 111 12x 111 x111; Gazeta das Caldas, 1x1 121 212 x1x1; Gazeta do Sul, 1xx 121 1x2 2x11; Imagens Piedenses, 1xx 122 xx1 x1x1; Jornal da Beira, xx1 x22 11x 11x1; O Jornal de Felgueiras, 11x 121 112 x111; O Jornal da Lixa, 22x x2x 212 1121; Jornal de Santo Tirso, x12 121 x12 1x11; Jornal de Sintra, 1x1 12x 1x2 11x1; Jornal do Sul, 111 12x xx2 x1xx; Jornal de Viseu, 111 121 x12 2111; Linhas de Elvas, 111 122 xxx 111x; Norte Desportivo, 1xx x2x 11x x111; Notícias de Évora, 11x 12x 112 111x; Notícias de Felgueiras, xx1 x21 x12 1x11; Povo Algarvio, 111 121 112 x1x1; Rádio Altitude, 111 12x 112 1111; Rádio Oceano, x11 x2x 112 1x11; Renovação, xxx 122 112 1111; Revista de Som, 211 12x 11x 1111; O Telégrafo, xx1 12x 112 x111; Gazeta do Zêzere, 11x 12x 112 2xx1; A Voz de Domingo, 1xx 11x 112 1111; Voz de Lamego, 111 122 x12 1111; Peça que não maça, x11 22x x12 1111; Auto Rádio, 11x x11 11x 11x1; Estúdio 64, 1xx xx1 x1x 11x1; Jornal de Notícias, x11 x21 x1x 1121; Miscelânia Musical, 111 111 11x xx21; Montra do Êxito, 112 x22 211 x111; Música e Desporto, 1x1 22x 112 x111; Placard Desportivo, 121 121 112 x121; O Primeiro de Janeiro, 11x 121 11x 1211; Programa da Manhã, 1xx 1x1 212 1x1x; Programa Sem Nome, 212 121 11x 1111; Quadrante Desportivo, x11 121 x12 11x1; Quadrante Norte, 1x1 121 212 x121; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Resenha Desportiva, xx1 x22 x12 x1x1; Só Rádio, xxx 1x2 x11 1xxx; Boletim Desportivo, x1x x21 21x 11x1; O Comércio do Porto, 111 1x1 112 1111; Placard Desportivo Açores, x11 1x1 112 x111; Clube do Ar, 121 221 112 1111; Diário do Porto, 212 221 2x1 x111; Ritmo e Amizade, xxx xxx 21x 211x; Correio do Minho, 111 xx1 x12 1x11; Diário de Coimbra, x1x 121 x1x 1111; Diário do Minho, 111 12x 112 x111; Diário do Sul, 211 x2x x12 1121; Ecos de Cacia, 111 x21 111 121x; Litoral, x11 12x 112 1111; Mosaico, x12 x21 112 1121; Notícias de Chaves, x11 x21 xx1 21x1; Póvoa de Lanhoso, x1x 121 112 1x11; O Comércio de Leixões, 111 12x 112 x1x1; Às 10 Espere por Nós, x12 xxx x1x 1x2x; Manchete Desportiva, 2xx 22x 212 1x11; Penalti, x11 x21 11x 1111; Dos fracos não reza a história, 2x1 22x 112 2222; Jornal da Graça, 11x 121 111 1111; Presença Coimbrã, 11x 121 212 x111; Rádio Sports, 111 111 11x 1111; Reconquista, x1x 121 x12 21x1; Repórter do Dia Angola, 21x x21 x12 1x11; O Sorriso da hora do almoço, 11x 221 1x2 2x11; Voz do Casa Pia, 111 122 112 1111; A Voz Desportiva, 1xx 121 212 x11x; A Voz dos Ridículos, 11x 121 212 xxx1.

AÍ ESTÁ O TOTOBOLA!

PREVISTA A CRIAÇÃO DO 3.º PRÉMIO

Num hotel de Lisboa realizou-se ontem a tradicional reunião da Direcção das Apostas Mútuas Desportivas e os represenantes dos órgãos de comunicação social. Falou o dr. Correia da Fonseca, que depois de saudar todos os presentes começou por dizer: **Como já tivemos oportunidade de frisar, tem sido constante preocupação da Mesa da Misericórdia de Lisboa para a gerência do Totobola que se forneça aos apostadores e ao público em geral amplos elementos de esclarecimento, incluindo, nomeadamente, as contas e relatórios anuais, que retratam com minúcia tanto os aspectos económicos como os financeiros da gestão.**

Assim, foi há poucos dia tornado público o relatório e contas das gerências do biénio 1971-1972.

Compulsando aquele documento, impressiona desde logo o volume da receita bruta cobrada durante o ano que terminou em 31 de Dezembro de 1972, o qual atingiu o nível mais alto de sempre, isto é, mais de 780 000 contos!

Este facto, abrindo ao desenvolvimento e ao progresso do Totobola novas perspectivas, repercutiu-se, como não podia deixar de ser na ampliação dos meios postos ao serviço da recuperação de diminuídos físicos e do fomento gimnodesportivo.

Efectivamente, as receitas cobradas durante o ano findo, garantiram um rendimento líquido da ordem dos 311 600 contos, os quais, em linhas gerais, foram partilhados da forma seguinte: Fundo do Fomento do Desporto — 65 000 contos; Federação Portuguesa de Futebol — 29 500; F. N. A. T. — 23 600 contos; Direcção-Geral da Assistência Social — 57 600 contos; Santas Casas de Misericórdia e outras Instituições com serviços de reabilitação de diminuídos físicos — 57 600 contos; Ultramar (Assistência e Desporto) — 53 400 contos; Misericórdia de Lisboa, na qualidade de concessionária da exploração das apostas mútuas desportivas — 21 800 contos.

Como acabamos de ver, a exploração das apostas mútuas desportivas portuguesas constitui fonte de receita com potencialidade crescente, garantia inequívoca de que à esperança dos primeiros tempos da actividade sucedeu radiosa certeza nos dias que vivemos agora. Assim, tanto no campo da assistência na reabilitação de diminuídos físicos, como no que se refere às actividades gimnodesportivas, quer na Metrópole quer no Ultramar, assiste-se a um acelerado desbobinar de realizações, que certamente irão proporcionar mais saúde, mais alegria de viver, mercê da distribuição de cerca de 2 000 000 contos já efectuada pelo Totobola em pouco de mais de 11 anos de actividade.

TOTOBOLA EM TIMOR

Depois de historiar a época de 1972, com especial realce para a participação da equipa do Desportivo da Cuf na Taça «Intertoto», o dr. Correia da Fonseca continuou:

«Passados em revista os factos mais significativos de entre os que caracterizaram o ano de 1972 e a época transacta, impõe-se dizer-vos alguma coisa sobre o futuro, ou, mais precismante, a época que vai começar no próximo domingo, a XIII, já praticamente inaugurada com a distribuição pelas agências disseminadas por todos os recantos do Portugal continental, insular e ultramarino, dos bilhetes de apostas a utilizar no primeiro concurso da nova temporada.

Denominada a «época da sorte» por ir decorrer sob a égide do duplo «13», ficará desde já ligada a um acontecimento de invulgar significado, a constituir mais um passo confirmativo do carácter verdadeiramente lusíada do Totobola. Assim, no início do próximo ano os populares concursos de apostas mútuas desportivas alargar-se-ão oficialmente, satisfazendo pedido do respectivo Governo, à longínqua Província protuguesa de Timor, criando-se, desta forma, mais um elo de ligação com os portugueses da remota ilha do Arquipélado Malaio.

Tal facto insere-se cabalmente na política que desde sempre foi adoptada pela actual Administração do Totobola, de forma a garantir uma expansão oportuna, uma renovação ponderada, uma evolução prudente e cuidada.

Desta forma, o Totobola, que já constituia caso único em todo o Mundo, por processar a sua actividade simultaneamente em dois continentes — a Europa e a África — vê agora reforçada a sua ímpar posição internacional, por enquadrar no seu âmbito territórios de um terceiro continente: a Oceânia.

Resolvidas as naturais dificuldades resultantes da enorme distância geográfica, é já possível anunciar que as apostas timorenses serão recolhidas inicial e semanalmente através de 6 agências domiciliadas em Dili, sendo os respectivos bilhetes enviados para Lisboa, via Baucau (Timor), Port Darwin (Austrália), Hong-Kong, Londres.

Pela primeira vez, serão utilizados bilhetes de apostas especiais, válidos em qualquer concurso. Para tal, o apostador deverá neles assinalar o número e a data do concurso a que se referem as apostas inscritas.

O conhecimento semanal e oportuno dos jogos escolhidos para cada concurso, será obtido através de impresso especial executado na própria Província, a distribuir pelas agências ao público apostador.

A CRIAÇÃO DO 3.º PRÉMIO

Finalmente, não podemos deixar de nos referir a um facto que irá exercer larga influência, em futuro próximo, na expansão e na evolução do nosso Totobola. Trata-se da criação do 3.º Prémio.

Após demorados estudos técnico-económicos, que implicaram algumas visitas a organizações estrangeiras mais evoluídas, foi finalmente deliberado pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para a gerência das Apostas Mútuas Desportivas, em sua sessão de 8 de Agosto de 1972, a introdução de uma terceira categoria de prémios.

A decisão agora tomada culmina um longo processo, pacientemente elaborado, de modo a permitir definir uma posição consciente e fundamentada. Ao assumi-la, a Administração tomou a decisão mais importante de quantas se verificaram até esta data no já longo historial das Apostas Mútuas Desportivas, quer pelos efeitos fomentadores do crescimento acelerado dos movimentos anuais de apostas, quer pelas implicações na indispensável reorganização das próprias estruturas e no funcionamento da complicada máquina do Totobola, emprestando-lhe um tecnicismo ainda maior do que até agora.

Quer isto dizer que a criação do 3.º Prémio supõe a introdução de complexo equipamento de leitura e tratamento automático das informações contidas nos bilhetes, o que se traduz na mecanização integral de todas as operações dos concursos e, levado às últimas consequências, poderá originar a implantação de um sistema totalmente novo para as apostas mútuas desportivas portuguesas. Eis por que está decorrendo um concurso público internacional para o fornecimento do equipamento necessário.

Porque a apreciação das propostas, pela comissão nomeada por despacho ministerial de 7 de Maio do corrente ano, será por certo demorada e tendo presente que a entrega do equipamento, após ter sido autorizada superiormente a adjudicação, fica sujeita ao prazo de pelo menos um ano, não será exagero prever a época oficial de 1975/76 para a entrada em vigor da terceira categoria de prémios.

Efectivamente, a introdução do equipamento altamente especializado e de complexa técnica electrónica, permitirá uma inacreditável automatização das operações dos concursos, emprestando-lhes um grau de rapidez, simplificação, economicidade e segurança nunca antes verificado.

Em face dos ensinamentos colhidos, não só em experiências estrangeiras como até no próprio Totobola, temos como certeza insofismável que a organização portuguesa manterá a paridade com as mais evoluídas do Mundo, qualquer que seja o sistema mecânico que venha a ser adoptado.

O dr. Lino Neto no uso da palavra.

Antes do almoço que se seguiu, e que foi presidido pelo Provedor da Santa Casa, Dr. Lino Neto (que, aos brindes salientou e agradeceu o papel desempenhado pelos órgãos de comunicação social na propaganda do Totobola) o dr. Correia da Fonseca respondeu a algumas perguntas de alguns jornalistas presentes e que buscavam esclarecimentos sobre as divisões de verbas já a cargo de outras entidades.

(continua na pág. 18)

REGISTO

GERÊNCIAS: o Grupo Desportivo da Mouraria tem novo elenco directivo. **Assembleia-Geral:** João Cid Moreira Castelo Branco, Manuel Pinho Garcia, António José Grade Castro e Virgolino Augusto Tomé. **Conselho Fiscal:** André dos Santos Almeida, Agostinho Sequeira da Silva e Fernando Costa. **Direcção:** Américo Rosa Ferreira, Albertino Teixeira Casquilho, Victor da Costa Pereira, Domingos Silva, Fernando Garcia de Almeida, Albino Pina, Victor Costa Novo, Alfredo Teixeira e Leonidio Travassos. **Delegados à Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio:** João Cid Moreira Castelo Branco e Manuel Pinho Garcia.

O mesmo sucede em relação ao Clube Desportivo da Graça. **Assembleia-Geral:** Virgilio Pereira da Costa, Alexandre Oliveira e Silva, Mariano Carrilho Vargas e Gabriel Marques Gama. **Direcção:** Emídio de Freitas Pereira, Augusto Neves, Mário Eduardo Fernandes, Vasco de Azevedo, Estalisnau Lopes, João Roberto, Mário Marques, Fernando Simões, Manuel de Carvalho e Carlos Alberto Vieira. **Conselho Fiscal:** José Manuel Alves, Eduardo Rosa Cardoso e António de Oliveira Atanásio. **Delegados a F.P.C.C.R.:** António de Oliveira Atanásio e Augusto Neves.

TAÇA UEFA: A União Europeia de Futebol aceitou modificações para a primeira volta das Taças da Europa de Futebol. O Belenenses jogará com o Wolverhampton Wanderers, no dia 26 de Setembro em Lisboa e o Vitória de Setúbal defrontará o Beerschot, de Antuérpia, em 12 de Setembro, em Setúbal, e em 26 de Setembro em Antuérpia.

MOÇAMBIQUE: Deterioraram-se as relações, já há muito tensas entre a Associação Provincial de Futebol e a distrital de Lourenço Marques, precisamente as de maior responsabilidade a nivel moçambicano: o problema nasceu quando a Associação Distrital tentou, por todos os meios, que a Associação Provincial levasse a efeito a realização dos Jogos Benfica-América e o Torneio Quadrangular Angola-Moçambique, sem a sua autorização.

Depois da Assembleia Geral extraordinária realizada há dias, surge agora um comunicado oficial, assinado pelo Presidente da direcção da Associação Provincial de Futebol, eng. Camilo Silveira da Costa, do seguinte teor: **Tendo-se realizado em 31 de Agosto findo a Assembleia Gera Extraordinária desta Associação Provincial de Futebol que se reputa ilegal, torna-se público que esta A.P.F.M.** vai requerer ao tribunal judicial a correspondente acção de anulação das decisões tomadas naquela assembleia.

Internacional Sheu, do Benfica, começa a ser problema para o club da Luz.

Mais se comunica que, pelo que disse na mesma Assembleia Geral Extraordinária, se vai requerer procedimento criminal contra o presidente da Associação de Futebol de Lourenço Marques, Acácio Dias Fouto, visto considerarem-se injuriosas as afirmações que o mesmo sr. publicamente produziu contra a direcção da Associação Provincial de Futebol.

TEXTAFRICA: Adelino Monteiro (Catolino), que na época transacta esteve como treinador do Textafrica e que depois de umas semanas de férias na metrópole regressou para continuar à frente das equipas do clube fabril, onde se manteve até há pouco foi afastado daquelas funções, por deliberação da direcção do clube de Villa Pery.

A decisão que motivou o afastamento de Catolino baseia-se, ao que se presume, numa nova orientação e maiores objectivos que o clube tem para a sua secção de futebol.

A BEIRA PROTESTA: A Direcção do Sport Lisboa e Beira vai impugnar junto do Sport Lisboa e Benfica o facto do clube sede não haver cumprido com o determinado no contrato de transferência do futebolista «beirense» Sheu. Ao que parece, no contrato vinha acordada a realização de um jogo na Beira pela primeira embaixada desportiva «encarnada» que visitasse Moçambique, para além do montante em dinheiro referente à transferência do jogador.

E o facto é que a equipa do Benfica esteve há bem pouco tempo em Moçambique, não tendo efectuado qualquer jogo na Beira.

VETERANOS DO ATLETISMO: Os «velhos» do nosso atletismo vão voltar às pistas nos próximos dias 15 e 16 de Setembro (para disputarem os campeonatos Nacionais) e a 30 do mesmo mês (para o Torneio Encerramento).

A.A.AMADORA: Os novos corpos gerentes (presididos por Justino Pinheiro Machado, direcção, doutor Nuno José Gomes da Silva, Assembleia Geral, e João Carlos [illegible] Brito Monteiro, [illegible] Fiscal), tomam hoje [illegible] 21 e 30.

VII LÉGUA DE OVAR [illegible] putada no próxim[illegible] pelas 10 horas, com [illegible] Furadouro e chgada [illegible] da Ovarense.

16 Setembro MOTOCICLISMO no AUTÓDROMO

O dr. Gouveia da Fonseca, quando falava aos representantes dos orgãos de comunicação social. À sua direita estão Alves Teixeira e Artur Agostinho, e à sua esquerda os drs. António Tavares Coureia e Boavida-Portugal

PORQUE NÃO O TOTOBOLA EM MACAU ?

(Continuação da pág. 17)

Algumas perguntas e respectivas respostas:

Comunicou V. Ex.ª o alargamento do Totobola à Província de Timor. Ora, segundo creio, só Macau não se encontra abrangido pelos populares concursos de prognósticos. Pode V. Ex.ª esclarecer esta aparente anomalia?

RESPOSTA — Na verdade, a partir de Janeiro próximo, do Ultramar Português só em Macau não haverá agências do Totobola em funcionamento.

Isto não quer dizer que o alargamento àquele território do Extremo-Oriente não tivesse sido já encarado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Sucede mesmo que em 1966 acompanhei um membro da Administração do Totobola numa visita a Macau, onde então se procedeu ao estudo do mercado local.

A decisão final, porém, está dependente do Governo da Província, ao qual compete definir o momento oportuno para a instalação, ali, de agentes e delegados do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas.

PERGUNTA — Das recentes declarações sobre a nova orgânica que passará a ter o Sporting Clube de Portugal, parece depreender-se que será também nova, possivelmente, a estrutura da sua secção de futebol. Manter-se-á o apoio do Totobola neste e nos outros casos em que os clubes desportivos deliberem tomar novas feições, ainda que inéditas, algumas delas, no nosso País?

RESPOSTA — Como sabe, o contributo do Totobola para o futebol nacional não se concretiza em auxílio directo aos clubes que praticam essa modalidade. Os subsídios, donativos ou comparticipações em encargos, estão-nos absolutamente vedados.

Por imposição legal, o quinhão destinado ao futebol é integralmente entregue, no final de cada exercício, à respectiva Federação. Esta, por sua vez, é que regulamenta a forma de aplicação dos dinheiros do Totobola recebidos e os distribui em conformidade.

Portanto, o problema que a sua pergunta levanta não nos cabe a nós, Totobola, resolver, pois só à Federação de Futebol diz, directamente, respeito.

Não é o Totobola que distribui as verbas, embora não se considere alheio ao assunto.

PERGUNTA — Ultimamente, tem-se ouvido dizer que o Totobola pensa em aumentar o preço da aposta. Pode V. Ex.ª dizer-nos se há alguma verdade nisto?

RESPOSTA — Não custa a crer que um boato desse género se propale, favorecido pelo clima inflacionário que quase em toda a parte se verifica presentemente.

Mas o boato carece, por completo, de fundamento.

Posso garantir-lhe que a Mesa da Santa Casa para a gerência das apostas mútuas desportivas, à qual compete fixar o preço das apostas do Totobola, não tenciona aumentar o preço actual, nem nesta época nem na próxima.

Tranquilizem-se, pois, os fieis adeptos dos populares concursos. O dispêndio semanal, regular ou variável, que representa a sua voluntária contribuição para as grandes finalidades do Totobola, não vai sofrer qualquer alteração.

PERGUNTA — O alargamento das 2.ª e da 3.ª Divisões nacionais irá ter qualquer repercussão na ajuda do Totobola ao futebol português?

RESPOSTA — É evidente que, quanto maior fôr o número de jornadas, maior será o número de concursos com interesse autenticamente nacional e menor o recurso a jogos disputados no estrangeiro com equipas estrangeiras. Logo, cresce o número de apostas, crescem os rendimentos do Totobola e, como consequência directa, maior será a importância das verbas que o futebol, modalidade especialmente contemplada, receberá também.

EXTERNATO NOVO RUMO

PRAÇA LUÍS DE CAMÕES, N.º 6, 1.º, ESQ.º (TELEFONE 361426)

EXTERNATO ACRÓPOLE

RUA DAS CHAGAS, N.º 16 (TELEFONES 327409-323048)

(ENSINO DE ADULTOS)

QUADRO DE HONRA

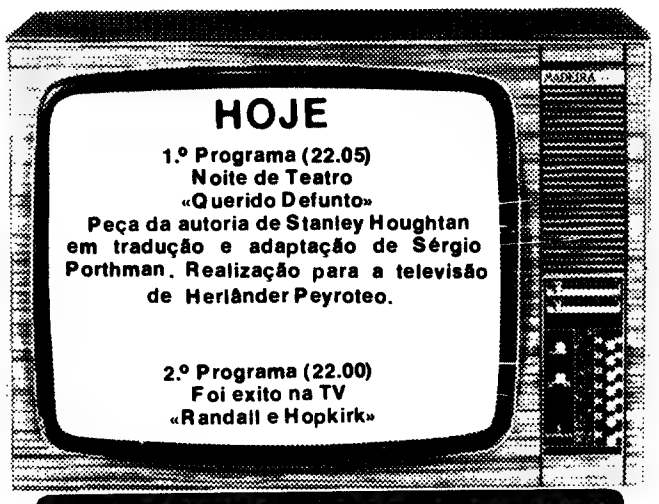
Alunas que no ano lectivo de 1972/73 obtiveram notas de 12 valores ou superiores

CICLO PREPARATÓRIO

QUADRO DE HONRA DAS ALUNAS DO CICLO PREPARATÓRIO 1972/73

NOMES	VALORES	NOMES	VALORES
Maria Lisete dos Santos Coimbra	17	Fernanda da Costa Ferreira	13
Faustina do Rosário Veiga	16	Maria Antunes Barata	13
Filomena de Jesus Mota Agostinho	16	Maria do Carmo Fernandes Lopes	13
Maria dos Anjos Diniz	16	Maria Emília Santos Luís	13
Maria de Fátima Pereira da Silva	16	Maria Manuela Lourenço Silva	13
Maria Fernanda Rodrigues Ferreira	16	Maria da Glória Mesquita	13
Zulmira de Jesus Martins	16	Maria Gabriela Araújo	13
Maria José do Carmo Dias Francisco	15	Maria Odete Fernandes	13
Anabela do Rosário Veiga	14	Alcina Barreira	12
Alzira Santos Martins	14	Isabel Maria Montoito	12
Emília Lopes Pires da Cruz	14	Maria da Eucaristia Barros	12
Maria Alice Monteiro	14	Maria Adelaide Sargento S. Martins	12
Maria Angelina Martins	14	Maria da Conceição Figueiredo	12
Maria José Costa Januário	14	Maria Helena Almeida Santos	12
Rosa Maria Soares	14	Maria Domicília	12
Rosa Augusta Barbosa	14	Maria José Ribeiro Rios	12
Silvéria da Alegria de Jesus Couto	14	Maria do Rosário Farinha Filipe	12
Vitoria da Conceição Figueiredo Ferreira	14	Maria do Rosário de Fátima de J. Pinto	12
Alice Araújo Rodrigues	13	Maria Santos de Sousa	12
Adelaide da Conceição Pestana Oliveira	13	Idalina de Jesus Passarinho	12
Cidalia Ruivo Anacleto	13		

televisão



MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Varia
13.15 Doris em Apuros
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Um dia com o circo
14.15 Logo à noite

2.º Período

18.30 Eurovisão Campeonato do Mundo de Natação. Transmissão directa de Belgrado
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.40 Lassie
20.10 Sangue na estrada
20.20 Em Foco
20.55 Imagens da Poesia Europeia
21.30 Telejornal
22.05 Noite de Teatro «Querido Defunto»
22.55 Museu do cinema
0.05 Telejornal 4.ª Edição
0.15 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
20.45 Um dia com o circo
21.00 Doris em apuros
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Êxito na TV «Randall e Hopkirk»
22.55 Encontro com o passado A arte e o Homem
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Feminino Singular
13.20 Um ano sem Domingo
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Conheça Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

18.30 Eurovisão Campeonato da Europa de Atletismo
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Noite de Estreia «Parabéns, é um rapaz»
23.45 Telejornal 4.ª Edição
23.45 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 Varia
21.00 Um ano sem Domingo
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Eurovisão Campeonato do Mundo de Natação
24.00 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

RESUMO

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco ou moderado predominando de Sudoeste; havia neblina em alguns locais na faixa costeira ocidental.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	19º
P. DOURADAS	10º
COIMBRA	19º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	19º
FARO	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MÁXIMA
RÉGUA 36,5º

MÍNIMA
Viseu 11,0º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	17,7º
Atmosfera	19,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.32	3,1 m	4.36	2,0 m
		17.36	1,9 m
Dia 7			
0.18	3,0 m	6.00	1,9 m
12.42	3,2 m	18.43	1,7 m
Dia 8			
1.17	3,2 m	6.57	1,7 m
13.35	3,4 m	19.29	1,5 m

PREVISÃO GERAL
ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado predominando de Sudoeste; possibilidades de chuva fraca para o fim do periodo para norte do Tejo.

AMANHÃ

NASCER AS 7.11
OCASO AS 19.58

DIA 12 | DIA 19 | DIA 26 | DIA 4

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio-Programa da Juventude
18.05 O convidado de hoje Roberto Lima
18.20 Espectaculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Musica portuguesa
19.10 Selecção das zarzuelas
20.00 Diario sonoro. O conjunto Blue Mink
20.30 6.º Episódio do folhetim «Os Fidalgos da Torre»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Musica, só musica
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr Marques da Costa
22.30 Fados, por Carlos Zel e Edite Guerra
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diario sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Julia Maria
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa
23.00 Radio universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa
16.00 Que quer ouvir?
19.00 O canto e os seus interpretes
20.00 Diario Sonoro
20.30 Musica de Câmara
21.00 Arias de Operas de Verdi, pelo baixo Boris Christoff
21.20 Tempo literario
21.45 A Orquestra de Câmara de Estugarda dirigida por Karl Munchinger Divertimento em ré M K 136 (Mozart)
22.00 História do Teatro Português, pelo dr Duarte Ivo Cruz
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico MF 2
21.00 Musica ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical. 2.ª Tribuna internacional dos jovens interpretes em Bratislava. Intervalo, canções pelo baritono Gerard Souzay
00.00 Sonatas para violino e piano
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
Onda Média
16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento»
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Antiquario
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens Biblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
20.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência
16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiario Programa à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
10.02 Banda sonora Sonipol
03.00 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR
16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 Canções que forma éxito
21.45 Arauto da verdade
22.02 Uma vedeta na noite
22.15 Impacto Evangelistico
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

Rádio Renascença
16.05 Radiorama
18.00 Canções de férias
18.30 Terço e bênção
19.00 Jornal diario
19.30 Pagina 1
21.05 Meditando
2108 Poesia é dialogo
21.15 Poente
21.30 Musica de cinema
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFONICO DE PORTUGAL
Das 6 00 às 10 00 e das 22 00 às 2 00

RADIO VOZ DE LISBOA
Das 10 00 às 12 00 e das 19 30 as 22 00

RADIO PENINSULAR
Das 12 00 as 14 30

RADIO GRAÇA
Das 14 30 as 19 30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (tel 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro 36 (Tel 886126)
ALVALADE
Líbia, Av da Igreja 4-B (Tel 711681). **Celta**, Rua Moura Girão, 3 B (Tel 710621)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres 8-B (Tel 681515)
ARCO DO CEGO
Providência, R D Filipa de Vilhena 9 C (Tel 770324)
AREEIRO
Lusitania, Av de Roma 18-A (Tel 725443) **Pores**, Rua Abade de Faria 22-A (Tel 721965)
ARROIOS
Magalhães, Av Almirante Reis 4 D (Tel 49479)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas Lote 66 (Tel 310172)
BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18 (Tel 30927)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira 38 (Tel 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Tel 703697); **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel 780841)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Tel 687475). **Ronil** R Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel 683438)
CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão 2 (Tel 631330)
ESTEFÂNIA
Délio, Rua Açores 32 (Tel 52388)
LUMIAR
Patoleia Herdeiros, Rua do Lumiar 122-124 (Tel 790332)
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços 30 32 (Tel 610280)
PENHA DE FRANÇA
Europa, Av General Roçadas 27 A (Tel 843880 **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado 20-A Tel 844361)
S. SEBASTIÃO
Berna, Av de Berna 44 A Tel 773568 **Oliveira Viegas**, Rua Viriato 29 A (Tel 48966 e 536011)

TURNO J-2

TODA A NOITE

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda 222 Tel 638256) **Tapada**, Calçada da Tapada 83 A (Tel 63472)
ALTO S. JOÃO
Dalton, Av Mouzinho A buquerque 1 A (Tel 84357)
ANJOS
Antolin, Av Almirante Reis 88-C (Tel 82 773)
AREEIRO
Marbel, Av de Roma 13 A (Tel 776235) **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço 6-B (Tel 7 033)
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa 76-78 (Tel 362687)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A n 82 (Tel 65 840)
BAIXA
Normal, Rua da Prata 220 (Tels 32 342 e 325553-A)
BENFICA
Benfiluz, Est de Benfica 444 A (Tel 782606
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua D Maria Pia 514 (Tel 687949
CAMPO SANTANA
Peninsular, Campo Martires da Patria 7- 8 Tel 553308) (Tels 4 96 e 54672
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica 444 A (Tel 782606)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514 (Tel 687949)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Martires da Patria, 117 (Tel 553308)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade 2 B (Tel 86983)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada da Damaia 64 C (Tel 702226)
ESTRELA
Neves, Rua da Bela Vista 35 (Tel 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres 93 A (Tel 991131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel 382470
OLIVAIS
Simao, Rua Cidade de Cabinda 16-A (junto à piscina) (Tel 810581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justino Padrel 21 (a Calçada dos Barbadinhos) (Tel 832580)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira 140-B (Tel 720703-728395)
S. BENTO
Micael, Rua de S Bento, 380 (Tel 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sa da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel 41961 e 54672)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av Comb G Guerra, 166 (Telef 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R Costa Pinto, 186 (Telef 2432034)
OEIRAS
Oeiras L Henrique Paiva Couceiro (Telef 2430485)
PAREDE
Macau R J Elias Garcia 60-C (Telef 2471785)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro
MONTE ESTORIL
Lopes R Hangar 3 Telef 260008)
CASCAIS
Marginal Av Marginal Telef 280078)
A. Costa R Freitas Reis 24 C (Telef 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P D João I, 46 (Telef 932756)
Central Av Cardoso Lopes 25 (Telef 932210)
Igreja P da Igreja 22 A (Telef 937740)
Jardim Av Conde de Oeiras lo,a X Reboleira (Telef 938424)
DAMAIA
D. João V Av Jurge do Amaral 2-A (TELEF 970461)
VENDA NOVA
Nova, R Elias Garcia, 0 (Telef 972530)
QUELUZ
Gil Av Miguel Bombarda 28 (Telef 950 7)
Simões Lopes Av Elias Garcia 51 (Telef 950123)
CACÉM
Araujo e Sa
MEM MARTINS
Química Est de Mem Martins, 285 (Telef 29100 2)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef 980456)
SINTRA
Marrazes L Rainha D Amelia 20 (Telef 980 55)
COLARES
Abreja (Telef 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L António dos Santos Jorge 15 (Telef 234 00)
ALHOS VEDROS
Portugal Av da Bela Rosa 8 (Telef 224250)
ALMADA
Magalhães, R Capitão Leitão, 8-A (Telef 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est Nacional, 221-B (Telef 22414)
BARREIRO
Soares R da Republica (Telef 2073023)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso P 5 de Outubro 18 (Telef 270254)
MOITA
União Moitense R dr Teófilo Braga (Telf 239025)
MONTIJO
Higiene R José Joaquim Marques 142 (Telef 230370)

SESEIMBRA
Lopes R Cândido dos Reis 57 (Telef 229028)
SETÚBAL
Marques R Arronches Junqueiro (Telef 22783)
Bonfim Av Rodrigues Manitto, 12 (Telef 24558)
SEIXAL
Soromenho R Paiva Coelho, 38 (Telf 218560)

PORTO

5.º TURNO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327 **Pereiro (de)**, Rua da Preciosa, 35 **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636 **Saúde** Av. Com. G. Guerra, 689. **Vaz Teixeira, Sucra**, Rua do Heroísmo 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125. **Costa Lima**, Av da Boavista, 855. **Marques de Mendonça**, R do Ameal, 251 **Monte Cativo**, R do Monte Cativo, 444. **São Jerónimo**, R Santos Pousada 622

COIMBRA

TURNO G

Rodrigues da Silva Ferreira Borges 32 T
S. Jose Arcos (Tel 24697)

cinemas

VOX (Tel 720808)
15 15, 18 30 e 21 45
3.ª Semana! Eastmancolor
Grupo D (18 anos) Ele seduziu as mais belas mulheres e depois... Richard Burton é «BARBA AZUL»

MUNDIAL (Tel 538473)
15 15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
Panavision Technicolor Tom Tayon Romy Schneider e Carol Lynley «O CARDEAL» A obra prima de Otto Preminger (Ar condicionado)

BERNA (Tel 776098)
15 15, 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos) 3.ª semana
Scope Eastmancolor O novo fenómeno do filme em acção Bruce Lee Big Boss «O IMPLACÁVEL»

ROXY (Tel 48560)
14 00 16 30 19 00 e 21 45
10.ª Semana Technicolor
«A FREDO A FREDO» com Dustin Hoffman num filme de Pietro Germi (Metro Intendente

S. JORGE (Tel 54154-54153)
Estreia hoje as 21 30
Grupo C (14 anos)
UM POLICIAL DE QUALIDADE! «O SELO DOURADO» As 15 15 e 18 15 ultimos «OS DIAS ALADOS» Grupo C (14 anos)

CONDES (Tel 322523-326710)
14 15 16 30 18 45 e 21 15
(Grupo D (18 anos) 2.ª Semana «LIÇÃO PARTICULAR» Com Nathalie Delon

TIVOLI (Tel 50595)
15 15 18 30 e 21 45
(Grupo A (6 anos) 2.ª Semana!
Walt Disney Productions apresenta os «101 DALMATAS» - Technicolor

ROYAL (Tel 865037)
15 00 e 21 00
Grupo D (18 anos)
«O HOMEM DA NAVALHA AZUL» Em complemento «AMOR QUENTE AMOR FRIO»

ODEON (Tel 326283)
15 30 e 21 15
Grupo C (14 anos)
... no seu filme mais ... «A RAINHA DO CHATEL» ... Lola ... boemia ... Madrid ...

EDEN (Tel 320768)
15 30, 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos) Color
Alex Gord, Samantha Eggar e Nanja Tiller «O ENTRUSO VOLTA A ATACAR»

EUROPA (Tel 661016)
15 15, 21 30
Grupo D (18 anos) Scope Colorido Ciclo Manlandrice on rock s «ADULTERIO A ITALIANA», Nino Manfredi Catherine Spapak 5.ª Semana!

POLITEAMA (Tel 326305)
15 15, 18 15 e 21 45
Grupo B (10 anos) Technicolor Technicscope 2.ª Semana
«O MAGNIFICO ROBIN WOOD» George Martin e Sheila Rosin As 00 30 h Grupo D (18 anos) Ciclo Terror a meia noite Amanha «O HOMEM MORCEGO» Sabado «AS MULHERES DO BARBA AZUL»

LONDRES (Tel 731313)
14 15, 16 30, 18 45 e 21 45
Grupo D (18 anos) 3.ª Semana Da mulher objecto à mulher pessoa Jane Fonda no filme de Joseph Losey «A CASA DA BONECA»
Snack-bar Pub «The Flag»
(O melhor encontro gastronomico)

ALVALADE (Tel 717480)
15 15 e 21 45 Grupo C (14 anos)
Color Jackie Gleason e Estelle Parsons «NAO METAS AGUA

IMPÉRIO (Tel 551345)
15 15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
Color 2.ª Semana! Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katharine Ross «A PRIMEIRA NOITE» (Metro, Alameda)

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel 763319)
15 15, 18 30 e 21 45
Grupo D (18anos) 4.ª Semana!
Technicolor Um filme de Hal Asbby «ENSINA-ME A VIVER» com Ruth Gordon e Bud Cort Hoje as 24 00 horas Classicos à meia-noite Grupo D (18 anos) «O DIA DA VERGONHA» de Damiano Damiani

ESTUDIO (Tel 55 3 0)
15 30 18 30 e 21 45
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana
Orson Welles «O MUNDO A SEUS PES» Citizen Kane
(Metro Alameda)

ROMA (Tel 727778)
15 30 e 21 45
Maiores de 6 anos 6.ª semana «OS MALUCOS DA CASERNA» Eastmancolor

MONUMENTAL (Tel 55 ...)
15 00 e 21 30
Grupo C (14 anos) ... de Luxe 15.ª Semana! 3 Oscars ... Premios Internacionais «UM ... NO TELHADO»

CINEARTE (Tel 660 ...)
Encerrado temporariamente para beneficiações

AVIZ (Tel 47 63 ...)
15 30 e 21 45
32.ª Semana
«CONTINUAVAM A ...»
...

CINEMA CASTIL (...)
15 30 18 30 e 21 4..
Grupo D (18 anos ...
Gene Hackman ... «O ESPANTALHO» (Estacionamento Parque Castil)

ESTÚDIO 444 (T...)
15 30, 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos
Alain Delon e Monica Vitti «O ECLIPSE»

RESTELO (Tel 60475)
21 30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor «A QUEDA DE UM IDOLO» c/ Richard Harris e Romy Schneider

CASINO ESTORIL (T... 264662-264946
15 30, 18 30 e 21 30
Grupo D (18 anos)
Colorido «O LOIRO DO SAPATO PRETO» c/ Pierre Richard e Bernard Blier

SATELITE (Tel 50595)
15 30 - 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos, Color)
Adriana Bogan ... Bertean «A APAIXONADA

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21 45 (18 anos)
«Um padre à italiana

CASCAIS
CIA Ruth Escolar
18 anos
«Cemitério de Automoveis

MONUMENTAL
21 45 (18 anos)
«Que medo senhor Alfredo

VASCO SANTANA
21 45 (14 anos)
«Cândido»

GIL VICENTE
22 oo (18 anos)
«O Caso Balder»

COMUNA
Teatro de Pesquisa
21 45 (14 anos)
«Brincadeiras

LISBOA/Cinemas

JARDIM CINEMA
21 00 (14 anos
O homem que eu nao matei

OLIMPIA
... (14 anos)
«007 ordem para matar» e «A sombra da forca»

PROMOTORA
... 30 (18 anos)
«Os centuriões do seculo XX»

CINE MOSCAVIDE
... 00 (18 anos)
«Por favor não me gastes o perfume»

PARIS
21 00 (10 anos)
«Latigo»

SACAVÉM
S José
21 00 (10 anos)
«As Pupilas do Senhor Reitor»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21 30 (18 anos)
«Tumulo do Terror»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 00 (18 anos
«Por favor não me gastes o perfume»

PAREDE
Royal-Cine
21 15 (14 anos)
«Gente simples»

ESTORIL
Casino
18 30 e 21 45 (18 anos)
«O loiro do sapato preto»

Palácio
21 30 (18 anos
«O Mecanico»

Esplanada
21 30 (14 anos)
«A louca de Chaillot

CASCAIS
S. José
21 30 (10 anos)
«O homem das mulheres

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (10 anos)
«Patton»

QUELUZ
Queluz Cinema
21 15 (18 anos)
«Desejo de amar

SINTRA
Carlos Manuel
21 30 (18 anos)
«Morte em Amsterdan

OUTRA BANDA

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (10 anos)
«Os sete magnificos»

ALMADA
Incrível
21 15 (10 anos)
«Madame Sim»

Academia
21 15 (18 anos)
«Obsessão de Joel Delaney

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21 45 (18 anos)
«Em Preto e Branco» e «Acto sem palavras»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21 30 (18 anos
«As ... Dracula» «Quero matar ...»

TERÇO
21 30 (18 anos)
«Casa sem fronteiras»

ESTÚDIO
21m30 (6 anos)
«Alice no País das Maravilhas»

PASSOS MANUEL
21 30 (14 anos)
«A luz do Sol

RIVOLI
21 30 (10 anos)
«O Expresso de Van Ryan

OLIMPIA
21 30 (14 anos)
«Os aventureiros de Santa Trinita»

S. JOÃO
15 30 e 21 30 (18 anos)
«A Piscina»

JULIO DINIS
21 30 (10 anos
«Continuavam a chamar-me Trinitá»

AGUIA D'OURO
21 30 (18 anos)
«Big Boss» rebelde»

COLISEU
21 30 (14 anos)
«O magnifico rebelde»

VALE FORMOSO
15 30 (14 anos)
«O Invencivel»

TRINDADE
21 30 (10 anos)
«A Queda do Imperio Romano»

BATALHA
15 00 21 30 (18 anos)
«A vingança do Dragão Negro»

COIMBRA

GIL VICENTE
21 30 (10 anos)
«Alfredo o grande»

TIVOLI
21 30 (14 anos)
«Duelo de fogo»

ESPLANADA
Bombeiros Voluntários
21 45 (18 anos)
«Detective em acção»

AVENIDA
21 30 (18 anos)
«Mais uma vez adeus»

BARS BOITES

ESPADARTE CLUB **Sesimbra** Discoteca c peq progr de fados e musica de folclore as 21's 3 's 4 's e 6 's Encerrado aos domingos **Tel. 229189.**

NINA Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef 34859-365167**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596 264621 e 264946**

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef 48384**

SOLAR DA HERMÍNIA Herminia Silva hoje e sempre **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

TAMILA Matinées com ... Matinees todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117**

SAN-PAYO Bar boite musica constante Aberto até às 5 h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado)

CACO **Dancing** com musica ambiente com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco 23-A**

Exposições

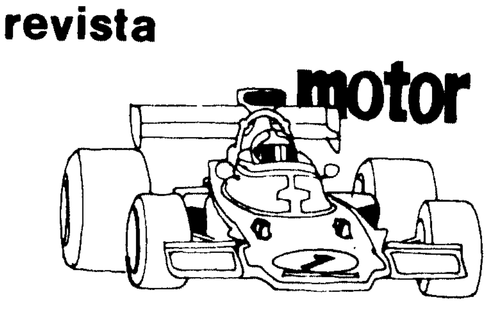
BELAS-ARTES Exposição permanente da organização da Sociedade Nacional de Belas-Artes (das 14 às 20 h)

CASINO ESTORIL Pinturas de Montoro Poza (das 15 às 3 h)

ARCADAS DO PARQUE Pinturas de Juliet Wilson (das 10 as 22 h)

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) Esculturas de Benjamim Luis Lopes (das 14 as 20 h)

revista



DL/GERAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1º 2º E 4º
TELEF 65453 1/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Estendido aos Açores o regime de produção e comercialização do açucar

Foi estendido ao arquipélago dos Açores, com ajustamentos, o regime de produção e comercialização do açúcar em vigor no Continente. Assim, logo que sejam ali montadas instalações de empacotamento automático de açúcar em parcelas de quilograma, deixará de ser permitida a venda a granel.

A Portaria das secretarias de Estado do Comércio e da Indústria determina que passam a ser unicamente permitidas a produção e venda, no arquipélago, de açúcar granulado e de açúcares de fabrico especial, sendo o primeiro destinado ao consumo público e industrial.

Os preços maximos de venda ao público do açúcar granulado, incluída a taxa de salvação nacional, são os seguintes: a granel, 8$50 por quilo; pacotes de um quilo, 8$80; embalagens individuais (cubos ou saquetas), venda livre. São também livres os preços de venda dos açúcares de fabrico especial, bem como as respectivas margens de comercialização.

MORTE DE UM JOVEM NA CHURRASQUEIRA

"A bala fez ricochete"

-afirma o guarda do restaurante à P.J.

«Outro assalto» alarmou-se João Pimenta, guarda do restaurante Churrasqueira, no Campo Grande, em Lisboa, quando, ontem à noite, ouviu ruídos estranhos na cobertura do estabelecimento. Em dezoito meses o restaurante tinha sido assaltado doze vezes. Daí, pois, ter o guarda puxado imediatamente da pistola.

Cá fora, João Pimenta viu que cinco jovens tentavam penetrar no restaurante. Dois introduziram-se na tabacaria da Churrarqueira e apossaram-se de dois mil escudos em dinheiro e de tabaco de igual valor.

«Alto aí!» — gritou João Pimenta, segundo confessou esta manhã na Judiciária.

Mas os jovens fizeram-lhe frente, pelo que o guarda disparou cinco vezes para o ar. Um dos rapazes, então, ficou estendido no solo. Os outros escaparam-se.

«Não atirei sobre ninguém afirmou João Pimenta na P.J. O moço foi atingido certamente por uma bala que fez ricochete.»

O corpo do assaltante encontrava-se ainda por identificar, às 10 da manhã, no Hospital de Santa Maria.

VIAGENS EXCURSOES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp, 11/Telef 563401/Lisboa
obtenção urgente de passaportes

NOVOS CURSOS
cial
LISBOA * COIMBRA
T. 533733 T. 20569

LONDRES
3 VIAGENS EXTRA
De 24/9 a 1/10 - 8 dias 3.490$
De 1/10 a 4/10 - 4 dias 2.490$
De 4/10 a 7/10 - 4 dias 2.590$
AVIAO - HOTEL DE LUXO - PEQUENOS ALMOÇOS VISITA DA CIDADE
VIAGENS RAWES
LISBOA Correspondencia R Bernardino Costa 47
Expediente Trav do Corpo Santo, 15 Tel 370231
FARO — Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel 23195/6

Jornalistas e fotógrafos rodearam o ministro alemão ocidental dos Correios Tecnologia e Investigação, Horst Ehmke, quando este chegou otem ao edifício do Parlamento de Bonn, para testemunhar sobre o caso Steinar, o Watergate alemão. Ehmke, antigo ministro da chancelaria, levantou exactamente a mesma quantia que o deputado oposicionista Julius Steiner afirma ter recebido como suborno para votar contra o seu partido numa ocasião crucial. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

A rainha Juliana não abdica

HAIA, 6 (F. P.) — Quando dos festejos que assinalaram o 25.º aniversário do seu reinado, a rainha Juliana declarou na terça-feira à noite que não tenciona reformar-se "pois o exercício da monarquia exige longa experiência".

A princesa herdeira Beatriz, que provocou grande descontentamento popular ao desposar, em 10 de Março de 1966, o diplomata alemão Claus Von Armsberg, suspeito de ter tido na juventude simpatia pelo regime hitleriano — exprimiu a esperança de que o momento de suceder a sua mãe esteja ainda muito longínquo.

Alguns observadores crêm que a rainha Juliana quis, com esta declaração, tranquilizar o povo holandês, que receia nova crise governamental. Com efeito, o país esteve este ano cinco meses sem governo, o que constitui a mais longa crise da sua história.

O acordo SALT não travou a corrida aos armamentos

LONDRES, 6 (F.P.) — O acordo SALT de Maio de 1972, não reduziu os esforços dos Estados Unidos e da URSS no sentido de aumentarem o arsenal das suas forças estratégicas ofensivas. Sucedeu precisamente o contrário, segundo consta do relatório sobre «o equilíbrio de forças 1973/74», publicado hoje pelo Instituto de Estudis Estrategidos (ISS) de Londres.

Paralelamente a esse esforço quantitativo, as duas superpotências continuaram com o seu programa de aperfeiçoamento técnico (qualitativo) dos arsenais existentes.

Segundo o ISS, Moscovo e Wasgington «parecem decididos a alcançar o mais importante possível os limites fixados no seu acordo».

Os Estados Unidos dispõem actualmente de 65 mísseis mar-terra, «SLBM», embarcados em 41 submarinos, enquanto a URSS tem 628 dessas armas em 66 submarinos.

Os Estados Unidos possuem 65 mísseis intercontinentais terra-mar, «ICBM», em 516 bombardeiros estratégicos, enquanto a URSS possui 1527 «ICBM» (mais cerca de 600 MRBM» e «IRBM», de alcance médio e intermediário) e 840 bombardeiros.

Os Estados Unidos estão em via de:

Primeiro: aumentar para 350, actualmente, e para 550, em 1975 o número dos seus mísseis «MIRV» terra-terra, do tipo Minteman-3, dotados cada um deles com três ogivas dirigíveis independentemente umas das outras. Os Minutemen-3 disporão assim, de 1650 ogivas. Além disso, os 1000 silos de Minuteman estão a ser reforçados.

Segundo: modernizar a sua frota estratégica de submarinos Polaris. Onze submarinos modificados para dispararem mísseis Poseidon MIRV (mísseis de ogivas múltiplas, orientáveis independentemente) virão juntar-se, daqui até 1975-76, aos 20 actualmente em serviço. Nessa altura, não haverá mais do que 10 submarinos armados com Polaris de ogiva única.

Terceiro: mísseis mar-terra, Tridente-1 (Alcance: mais de 7300 km.) poderiam entrar ao serviço em fins de 1978, a bordo dos submarinos Poseidon, ou de novos submarinos Tridente.

Com base num artigo do acordo SALT que permite substituir numericamente os «ICBM» (terra-terra) Titã-2 por «SLBM» (mar-terra) Tridente, os Estados Unidos «poderiam dispor, antes de 1980 de mil «ICBM» (1973-54) e de 710 «SLBM» (1973-65 armados com mais de 8000 ogivas, graças ao sistema «MIRV».

Quanto á URSS:

Primeiro: prosseguiu com a construção de três novos tipos de «ICBM», os SS-16, os SS-17 e os SS-18. Os soviéticos experimentaram nestes dois últimos mísseis os sistemas de «ogivas múltiplas e independentes» (MRV) e estariam a preparar-se para os dotar com ogivas múltiplas dirigidas independentemente (MIRV). Os Estados Unidos continuam a ser os únicos a possuir essas hidras estratégicas. A produção do SS-18 (sucessor do SS-9 gigante), aumentaria para 313, isto é para o limite autorizado pelo acordo de Maio de 1972, o número dos ICBM pesados. O instituto acha, além disso, que os SS-17 são provávelmente destinados a 70 outros silos em construção. Assim, no total, a URSS atingiria, com 1618 ICBM (de todas as categorias) o nível máximo fixado pelo acordo SALT.

Segundo: no mar, a URSS contínua mais afastada dos limites máximos fixados pelos acordos SALT apesar do lançamento de 31 submarinos da classe «Y» e de três da classe «B». Mesmo que a URSS, como autoriza o acordo SALT decida substituir alguns mísseis ICBM por SLBM modernos, talvez não atinja, antes de 1977, os limites máximos fixados em Maio de 1972.

Em contrapartida, o Instituto não nota qualquer pressa, nem do lado soviético, nem sobretudo do lado americano, na conclusão das duas redes defensivas de mísseis anti-mísseis «ABM» que foram autorizadas.

Os dois países estão a construir super-bombardeiros estratégicos (O B-1 americano e o «Backfire» soviético. Mas os americanos estão em vias de reduzir de 30 para 28 esquadrões a sua frota aérea estratégica, que se mantém quatro vezes mais poderosa que a da URSS.

NOTAS VÁRIAS

MEDALHA DE OURO PARA O CHEFE DO ESTADO

O presidente da Câmara Municipal da Praia, acompanhado pelo secretário-geral do Governo de Cabo Verde, entregou ao Chefe do Estado a medalha de ouro daquela cidade ultramarina. O chefe da edilidade, no acto da entrega, acentuou que a iniciativa «tem a justificá-la a gratidão que a cidade e o arquipélago sentiram pela visita do almirante Américo Thomaz em Fevereiro de 1968. «o Chefe do Estado agradeceu, em breves palavras, a gentileza.

Também o secretário de Estado da Administração Ultramarina, comandante Sacramento Monteiro, foi igualmente galardoado com a medalha de ouro da cidade acima referida. Assistiu à cerimónia o ministro do Ultramar. Sacramento Monteiro (recorde-se) foi governador do arquipélago de Cabo Verde.

ENG.º PIMENTEL DOS SANTOS

Por ter terminado a missão de serviço que o trouxe à Metrópole, regressa a Moçambique esta noite o governador-geral daquele Estado ultramarino, eng.º Pimentel dos Santos.

TRABALHO

Inaugurado ontem às XI Jornadas Médicas da Figueira da Foz, dedicadas à medicina do trabalho, o secretário de Estado dr. Silva Pinto anunciou a elaboração dum diploma legal sobre prevenção de acidentes, a preparação da cobertura estatística da sinistralidade e a revisão das disposições legais sobre segurança no trabalho.

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência recordou a projectada realização, em Dezembro, das I Jornadas do Emprego, com que se encerram as comemorações das dos 40 anos do Estatuto do Trabalho Nacional.

SINDICATOS

Seguindo da Figueira para Aveiro, o secretário de Estado encontrou-se com vários responsáveis de departamentos relacionados com a sus pasta. Na delegação do INTP recebeu, em audiências separadas, as direcções dos Sindicatos dos Metalúrgicos, dos Profissionais da Indústria Hoteleira, dos Empregados de Escritório e dos Caixeiros do distrito.

DESCARRILAMENTO NO ALGARVE

O comboio que seguia de Faro para Olhão, rebocado por uma Diesel, descarrilou ontem (13 e 10) a escassos metros do apeadeiro de Bom João. Mão de registaram desastres pessoais. Parece que o descarrilamento se deve ao peso da máquina.

DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS

JOÃO ABEL MANTA

Lopes do Souto.....
Gutenberg.....

SUPLEMENTO LITERÁRIO

INTERVENÇÃO CRÍTICA

FERNANDO LUSO SOARES

"ALENTEJO DESENCANTADO" de Mário Ventura

Creio bem que o descricionismo puro constitui um vício literário, aliás vulgar. Quantas vezes o escritor se mostra extraordinariamente preciso e diligente no retrato material ou naturalístico de determinada região, ou de um centro urbano, e todavia não logra mais nada do que isso. Lembra-nos a carência que no seu livro «Por Tierras de Portugal y España» Unamuno encontrava em Pereda, o «novelista montanhês» espanhol. Tal defeito residia na constante dificuldade que Pereda tinha para converter os estados de consciência em paisagem e a paisagem em estados de consciência.

Em casos como este, quer o sentimento estético da Natureza, quer o espírito de observação dos factores que representam o trabalho das gentes — factores que vieram contrapor-se àquela, dominando-a e transformando-a — primam pela ausência da marca de um determinado tempo. De um tempo humano, entenda-se. A paisagem limita-se então a ser um apanhado de formas, uma perspectiva de graus, de lados poligonais, de volumes — enfim, de coisas em si mesmo consideradas, nunca porém uma reportagem de existências específicas. Dir-se-ia uma «escola do olhar» de vistas curtas: as formas estão lá, mas não o Homem.

O sentimento estético e o espírito de observação carecem, naquela hipótese, de se poderem dizer completos. E até mais do que isso. Nem sequer colhem a lição que veio de muitos dos escritores antigos, para os quais a paisagem não era senão um pretexto ou meio destinado a dar relevo aos factos típicos do homem. Um texto qualquer, cujo objecto parta do sentimento estético relativamente a um país ou a uma região concretamente considerada, só se poderá dizer moderno e actual na medida em que aquele objecto se enfoque no complexo de todas as suas relações humanas. Sendo assim, escrever **hoje** sobre o Alentejo **de hoje** significa não poder o escritor afastar-se do seu drama mergulhado em estratos sociais que persistem a caracterizá-lo. Daí o motivo das palavras com que Mário Ventura abre, comparativamente, o último capítulo do seu livro, intitulado «O plano de Badajoz face ao Alentejo».

Ao longo das páginas claras e incisivas de **«Alentejo Desencantado»**, Ventura procura com efeito (e consegue) transmitir-nos sobriamente — isto é, sem acessos que pecariam por se mostrarem românticos ou demasiado subjectivos — os aspectos predominantes do circunstancialismo socio-económico daquela vasta região. Aí vemos, no extenso quadro das suas andanças de repórter-escritor pela «mancha imensa do território nacional cujas estruturas remontam aos alvores da nossa história», «província simultaneamente rica e pobre que persiste em furtar-se a todas as categorias de desenvolvimento», desfilarem os singularismos da gente alentejana que ainda nos nossos dias de hoje se mantém a enfrentar «os pólos extremos da emigração e do subemprego» (págs 225).

A caminhada de Mário Ventura pelos desencantos do Alentejo é uma prova ao mesmo tempo de carinho e de espírito culto e investigador — neste caso, das ansiedades sociais de todo um povo. Numa época de pretensiosismos viajeiros diluídos até ao máximo do banal, época como esta nossa, não se poderá deixar de assinalar ou vinoar uma palavra de louvor pelo seu trabalho de contraponto constantemente estabelecido, ao longo das páginas deste livro, entre uma apurada intenção estética e a tarefa directamente útil da descoberta humana e do desencantamento sociológico. **«Alentejo Desencantado»**, de Mário Ventura, é (perdoe-se-me a vulgaridade do adjectivo) um livro belo enquanto cheio de apontamentos onde ressuma sempre, como fulcro, o tema daquele inesquecível soneto de Florbela, o da angústia sôfrega da árvore implantada no ávido plaino quente das terras alentejans. E vai-se uma pessoa tantas vezes a ver a Europa e o mundo, a fazer — na expressão desse excelente Unamuno que não deixo de citar — «el oso» nos boulevards de Paris, a entediar-se talvez em sítios encomiaticamente célebres, enquanto para trás da consciência deixa ficar esquecida toda a paisagem da casa que nos pertence.

Eis onde se justifica a tal palavra de louvor a que me referia. Eis, em suma, onde o livro de Mário Ventura trabalha eficazmente para a nossa consciencialização, na sua achega (que modestamente o escritor apelida de «modesta») à análise urgente e indispensável de uma situação que só a prática colectiva dos homens poderá alterar da raiz ao caule e deste ao extremo mais alto da copa. E a importância do seu livro têmo-la no próprio fulcro da escolha temática. Cumprirá, sem dúvida, lembrar a este propósito — na sequência das notas com que Urbano Tavares Rodrigues abre, com muita inteligência e notável espírito de síntese, a rubrica «Alentejo» do «Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária» que as Iniciativas Editoriais vêm publicando sob a direcção de João José Cochofel — que se trata da província portuguesa que deu ao neo-realismo o mais clamoroso e detonante material para o seu sistemático e reivindicativo levantamento antropológico (ou análise dialéctica) do homem português no contexto das relações de produção.

Será curioso reparar no facto cronológico de esta nova edição (aliás ampliada) de **«Alentejo Desencantado»** aparecer entre nós no primeiro trimestre deste ano de 1973. E porquê? Porque — pelo menos isso a mim, que não conhecia o texto de 1969, me aconteceu desde logo — a sua leitura se viu vivamente alertada por um outro livro de publicação poucos meses antecedente. Vivamente e portuguesmente, acrescento.

Refiro-me ao volume **«La Raya de Portugal»**, de António Pintado e Eduardo Barrenechea, no qual os «Cuadernos para el diálogo» nos puseram ao alcance a compilação dos artigos publicados por aqueles jornalistas ao longo de 1972 no diário madrileno «Informaciones». A primeira parte deste livro é uma «crónica viajeira», como os autores a qualificam, e a segunda, «La frontera del subsedarollo», pretende ser uma descrição mais técnica, de índole económico-social, de todo um vastíssimo campo de análise, o qual abrange os distritos portugueses de Faro, Beja, Évora, Portalegre, Castelo Branco, Guarda, Viseu, Vila Real e Bragança e as províncias espanholas de Huelva, Badajoz, Cáceres, Salamanca, Zamora e Orense. E é impossível, acho em boa verdade, não aproximarmos os dois livros (o espanhol de Pintado e Barrenechea e o português de Mário Ventura) no tecido conjuntivo, paramétrico, de todas estas partes do território ibérico.

O livro de Unamuno, que velho agora referir pela terceira vez, também era uma viagem **«Por Tierras de Portugal y España»**. Decerto. Mas comprazia-se, aliás muito ao estilo e à maneira do seu autor, em desfasamentos de ordem puramente intelecutal, tais como as referências a um «sebastianismo científico» de que ironicamente lhe falara Guerra Junqueiro, ou a pretensa natureza suicida do povo português, que ele concluiria (com base numa carta ultra pessimista de Manuel Laranjeira) do facto de a si próprios se terem dado a morte escritores e artistas com Antero de Quental, Soares dos Reis, Camilo — e até Alexandre Herculano, que se teria suicidado «por el aislamiento».

Ao contrário, o volume de crónicas **«La Raya de Portugal»** não é um acto de desespero, mas de reflexão crítica. Nisso se aparenta com o de Mário Ventura. E também, curiosamente, na sua estrutura íntima, com as suas duas partes de índole diferente e distintas naturezas. E ainda naturalmente no conteudo, já que o objecto da visita, do exame e de referência é o mesmo. Assim, e a título de exemplo, solicitaria a atenção do leitor para veirficar a aproximação analógica entre os textos de **«Alentejo Desencantado»** e de **«La Raya de Portugal»**, entre o total do volume português e alguns dos capítulos aludentes à parte portuguesa do segundo. Nesta ordem de ideias recordaria o capítulo de António Pintado «Um fidalgo português» a demonstrar a sobrevivência alentejana de uma «balayure» de estrutura feudal, e este outro de Eduardo Barrenechea, «Algarve y Alentejo: del turismo al latifundismo», que nos coloca face a um quadro em que a agricultura, apesar dos tractores e das máquinas que lavouram o plaino, constitui o único «motor» da vida económica da região, marcando um certo tipo de relações sociais.

Mário Ventura

O leitor consciente depara, no livro de Ventura Henriques, com todo um processo que diria situar-se cruamente (como não pode deixar de ser) nos antípodas do Alentejo «irracionalizado» já pelo Manuel Ribeiro de **«Planície Heróica»**, já não menos ainda por José Régio na sua peça **«Benilde ou a Virgem Mãe»**.

Eu situaria, antes, este **«Alentejo Desencantado»** — de uma sociedade bolormente tradicionalista, de uma subeconomia latente, de uma persistência de estilos de vida recebidos do passado, hermético (?) e impermeável (?) às capacidades que absorvem e difundem o progresso — na linha daqueles textos do conde de Ficalho, de Brito Camacho, de Fialho de Almeida, os quais instituíram, não obstante a sua estrutura mental burguesa, as bases do processo ideológico capaz de preparar a chamada do «povo» como personagem (não como subfigurante ou pano de fundo dramático) de narrativas e de poemas de apurada tipificação e crítica dissolvente das falsas aparências. Processo, evidentemente, que viria a denunciar as impotências de acção realística da maioria dos empresários alentejanos, baseada — como escreveu o engenheiro agrónomo Carlos Martins Portas, na revista «Estudos Eborenses», 1967, n.º 3, págs 51 e seguintes — no receio de que qualquer modificação da chamada «paz dos campos» jogue demasiadamente a favor das classes assalariadas. E ainda processo que, como se sabe, viria, no domínio literário, a dar-nos as obras de Fernando Namora, Manuel da Fonseca, Urbano Tavares Rodrigues, Antunes da Silva e Almeida Faria entre outros, sem esquecermos por exemplo certos poemas de Armindo Rodrigues no **«Romanceiro»** e **«Em cada Instante se morre»**. Todo um processo literário que, enfim, traça os quadros da alienação dos povos do Alentejo, recolhendo como pretexto temático o sistema estagnado e humilhante em que se «desenvolvem» (!) as suas relações socio-económicas.

Neste livro de épica, de análises crítica, de dialogia entre o jornalista-escritor-viajante e as gentes dos sítios revisitados, Mário Ventura reafirma-se o eco comprometido dessas mesmas gentes. Deste modo, guardando a distância do observador que ressalva a objectividade (objectividade que, na felicíssima expressão de Joaquim Namorado, não aspira a ser neutral), ele é o reflector do «entre optimismo e o pessimismo» que faz permanecer como homens a turma ao mesmo tempo quérula e briosa dos camponeses sem terra. Repare-se nesta atitude dos homens de Aguiar, que Mário Ventura nos situa assim a págs 16: «Os homens continuam silenciosos perante os estranhos. Silenciosos e dignos, levando a mão ao boné mas nunca se descobrindo, respondendo com um gesto distante às perguntas sobre o fim que ali nos leva».

O verbo «desencantar» tem, decerto, vários significados — um deles o acto (difícil, sim, mas o acto) de descobrir. Ora este livro é precisamente um dos que está nas encruzilhadas dos elementos culturais e sociológicos que, apurando essa dignidade natural dos homens do povo alentejano, tendem a quebrar-lhes as cadeias do seu silêncio.

AS CAPAS DO "SUPLEMENTO LITERÁRIO"

Com a capa de hoje, João Abel Manta conclui (mas não garante que conclua definitivamente...) a sua série de «Diálogos Confidenciais», onde risonhamente foram retratadas muitas figuras a vários títulos conhecidas. Não consta que alguém se tenha zangado... Por uma ou duas semanas, João Abel Manta não estará na capa do «Suplemento Literário», mas logo voltará, com outra ideia e o inconfundível traço do seu desenho e da sua personalidade. Ficamos todos à espera, o «Suplemento» e os leitores...

"COMENTE O SEGUINTE TEXTO:"

«O silêncio muito cheio de respirar cheio de movimento e objectos que se agarram No silêncio de repente instalado começando a voz tão lentamente Primeiro. A pausa da voz agora O ó pequeno depois do l encadeado na ponta das carretas sobre as linhas. Cada um para si lendo «Primeiro» Continuando a escrever ao som lento da voz «Havia o cheiro a plasticina». O i e ênc o à rápidamente desenhados quando o João ainda escrevia o ésse o tê e a Mariana muito atrás começava ainda o pê e éle e a Margarida parando relia ao mesmo tempo que o professor a letra pequena preta que mal enchia a linha «1.º Havia o cheiro a plasticina».

É com essa exacerbada minuciosidade descritiva, concretizando-se em uma insólita linguagem, que tem início (e prossegue...) o romance inaugural do Eduardo Dionísio recentemente lançado em Lisboa pela Plátano Editora. Seu título, COMENTE O SEGUINTE TEXO: já expressa o fulcro geratriz da narrativa que dura exactamente as três horas de uma «prova escrita» para exame, realizada em uma Faculdade. Prova essa que vai fazendo aflorar à superfície do pensamento e da palavra os vários dramas que se ocultam em cada um dos que estão ali debruçados sobre certo «texto a comentar».

Espírito lúcido e dinâmico, esta ficcionista de vanguarda oferece-nos em COMENTE O SEGUINTE TEXTO um dos mais expressivos frutos da transgressão, que a literatura desta segunda metade do século vem exigindo dos novos escritores. Desde que a ficção contemporânea, em suas múltiplas diretrizes, fez explodir as regras tradicionais de dizer narrativo, a palavra tradicional transformou-se em «escritura», isto é, em palavra que não é apenas veículo de ideias ou emoções mas um fim-em-si: o do universo da ficção. A palavra transformou-se em uma linguagem que é a própria imagem do mundo que o escritor pretende criar. É este o fenómeno que, desde o início, ressalta no romance aqui enfocado: a «escritura» é o próprio tema da obra. Daí a especial significação que nele assumem todas as suas peculiaridades linguísticas: a quase ausência de pontuação (mesmo antes das maiúsculas); o registo fonético da camada acústica de certos vocábulos; a aparente elogicidade das frases, onde fenómenos diversos se mesclam e como que se atropelam no acto de serem registados; a morosidade «camera lenta» do ritmo, provocada principalmente pela escrupulosa minúcia na descrição das coisas aparentemente mais insignificantes, etc. etc.

Se na leitura e compreensão do livro, todas essas «e muitas outras) particularidades formais forem desprezadas (ou superadas pela preocupação de perseguir a «estória»), o leitor permanecerá diante de um romance mudo. E é essa, sem dúvida, a marca definidora da ficção contemporânea, na linha de transgressão a que Eduarda Dionísio aderiu. Em seu romance não encontramos, pois, a progressiva «representação» de determinada realidade (igual a três horas de «prova escrita», etc., interpretada por uma voz narradora), como era comum à narrativa tradicional; mas sim, o próprio «acontecer» dessa realidade e sua instauração estética em uma palavra opaca, — uma palavra que perdeu a transparência antiga, de quando era apenas veículo.

Aqui se revela à sociedade aquilo que vem sendo repetido há muito: o objectivo último da ficção (em qualquer de suas formas) mudou. Deixou de ser a progressiva expressão de uma «estória» (argumento, conflito, célula dramática...) através de um «estilo» altamente elaborado em função de uma riqueza sempre maior na «representação-de-mundo» ali buscada, para tornar-se uma «recriação verbal da realidade» que pretende «transtornar» a imagem convencional do mundo tal como o conhecemos e transformá-lo a longo prazo.

É esse a nosso ver, o mais alto sentido deste COMENTE O SEGUINTE TEXTO, — uma «crítica» inteligente, corajosa e impiedosa a um sistema cultural desasado mas ainda vigente, que se realiza de maneira essencial no «plano do discurso». O que ele tenta, de maneira visível, (para quem o souber ler), é a «libertação da linguagem» desde suas raízes, no sentido definido por Roland Barthes, em «Grau Zero da Escritura». O que se revela na matéria verbal, aqui forjada por Edurarda Dionísio, é o fenómeno apontado por Barthes (ao analisar a crise da linguagem literária em nosso século) na presença de uma «escritura branca, liberta de qualquer servidão a uma ordem fixada»; escritura onde predominaria uma «ausência», — a dos pressupostos dados pelas relações irredutíveis entre Literatura e História. Portanto, uma de suas intenções básicas seria instaurar novas e essenciais relações entre a Literatura e o Real (preenchendo o abismo que hoje os separa), a partir do «grau zero da escritura», isto é, a partir do silêncio da literatura tal como existiu tradicionalmente.

Tornando evidente que «o impasse da escritura é o impasse da própria sociedade» (Barthes) este singular romance de Eduarda abarca, com sua consciência crítica, problemas dos mais sérios em nossos tempos: cultura, linguagem, literatura, pedagogia, política... todos decorrentes de um único fulcro: o «texto a comentar», — objecto da «prova escrita» que se transforma na «acção» do romance.

Afora o duplo problema linguagem/literatura (presente da primeira à última linha) este romance denuncia (já a partir do título) um outro da mais alta significação nos tempos que correm: a crise do sistema actual de ensino (no caso, limitado ao ensino de Letras). Não se trata, evidentemente, de um romance de «professora», no sentido pejorativo de preocupação didática rasteira, mas de obra que tece juntamente uma das críticas mais sérias e lúcidas a certos equívocos pedagógicos dos nossos dias. Atente-se nesse sentido para as circunstâncias que rodeiam o texto dado para comentário e o «tema para desenvolvimento»: uma absoluta «ausência de origentação» objectiva, com relação à aferição de aprendizagem pretendida. Para o primeiro houve apenas a ordem: «comente o seguinte texto»; para o segundo, apenas o enunciado:

. **A voz mais forte agora** Segundo Desenvolva o seguinte tema O tema da infância em três autores do século XIX. (...) **E em aparte à vossa escolha Claro». (p.15)**

. Dessa falta de objectividade na colocação das questões, decorre o desnorteamento geral dos personagens-estudantes, que a narradora vai fixando de maneira extremamente viva, ao detectar as perplexidades iniciais e as labiríntica associações que cada palavra e cada frase do «texto a comentar» vão desencadeando no espírito de cada um. Essas caóticas reacções dão bem a medida da ambiguidade e subjectivismo que alicerçam tais práticas didácticas (sem falarmos na vacuidade provável do próprio texto e tema propostos), resultantes sem dúvida do desnorteamento geral em face da crise do ensino a que nossa época assiste. Particularizada ao

---

Por NELLY NOVAES COELHO

---

ensino de Letras, vê-se aqui, nesta narrativa experimentalista, a crítica às tentativas de modernização que aderiram à imposição mágica do Texto, como instrumento ideal e absoluto do novo ensino, sem que haja nenhum discernimento acerca do que (como e por quê) se pretende atingir como tal TEXTO. Ausência de orientação que se deve, via de regra, à desorientação do próprio professor que, sem saber exactamente o que seria válido apontar ou extrair de um Texto, prefere esconder sua perplexidade e escudar-se na necessidade de não tolher a liberdade do aluno; dando evidentemente uma interpretação destorcida a essa exigência da moderna didáctica: estimular a criatividade do educando. Exigência que não visa naturalmente que o deixem inteiramente entregue a si mesmo, mas que lhe dêm condições para desenvolver suas aptidões.

Quer-nos parecer que é dessa situação didáctica dúbia que nascem no romance as ordens vagas que acompanham «texto» e «tema» dados para aferição de conhecimentos e que imergem os examinandos num mar de interrogações, vacilações e angústias.

«Só comentário? Para averiguar dos conhecimentos gerais e finais duma pessoa? E tendo entrado com um pavor nos olhos A promoção suspensa por um fio de prata baloiçando-lhe sobre a cabeça». (p.139)

. **«E a vontade de levantar e gritar cá do fundo para ver Senhor Doutor De quem é este texto do comentário ou Senhor doutor o autor deste texto? E ele sairia dos versos das escritas e dos blocos muito atrapalhado e vermelho e então com aquele ar duro distante e frio Não tem que saber o autor do texto. Não os quero influenciar no comentário». (p.57)**

. A crítica está evidente nesses dois fragmentos: a falta de orientação decorrente da insegurança do mestre, revelado aqui como um poeta.

«O professor escrevendo agora num papel pequeno certamente os versos que publicava às vezes». (p.57)

Portanto, ele próprio um criador, e não um orientador (que é a condição «sine qua non» da tarefa docente), o professor revela-se aqui tão perdido quanto os seus alunos. Eis aí um dos aspectos que merecem ser analisados pelos leitores que porventura estejam ligados à área do ensino. Transfigurando a realidade, a arte faz vir à tona o essencial que por vezes nos passa despercebido.

Simultaneamente, e para além desse aspecto pedagógico, em COMENTE O SEGUINTE TEXTO, prova-se até a exaustão a extraordinária plurivocidade inerente à palavra. Cada vocábulo, cada frase inteira ou mutilada faz emergir do fundo nebuloso do pensamento de cada estudante ali presente, fragmentos do mundo vivido fora da classe. Fragmentos do mundo real que, vindos de um tempo longínquo ou próximo, se imiscuem no «texto a comentar», fundem-se com este e acabam superando-o.

Se essas vivências puramente impressionistas, desencadeadas pela vivência de cada espírito que ali está debruçado sobre o texto», pudessem ser registadas na «prova», o professor teria obtido resultados surpreendentes do exame. (Afinal, o resultado obtido por Eduarda Dionísio ao registá-las e assim criando um romance sui-generis). Porém registados no papel apenas os possíveis comentários objectivos que vão semeando a narrativa, vê-se que a análise dos alunos ficou circunscrita unicamente ao «plano do discurso», à forma impessoal e neutra, sem ter condições para atingir o essencial: a significação fundamental do texto. E aqui podemos rastrear um outro aspecto da crítica implícita no romance, as inevitáveis limitações de um comentário de texto, estreitamente limitado à sua forma. Observe-se, nesse sentido os «comentários» esparsos logrados pelos estudantes e que a «escritura» de Eduarda Dionísio nos revela de maneira insólita. Todos eles se restringem à objectividade descritiva do discurso: as peculiaridades de sua estrutura linguística e as sensações que as associações de palavras provocam no espírito do analista; a localização e classificação dos tempos verbais; o registo das categorias gramaticais; a natureza cromática do texto; o tema aparente; os valores da pontuação; a repetição de certas palavras numa busca inútil de razões para isso: «Paralelismo»? «Repetição»? «Monotonia»?; a estrutura sintáctica; o registo de «Ausência de verbos de acção predomínio dos substantivos concretos» e de «Frases longas a Robbe-Grillet»; o registo da «escrita fónica» com sua massa acústica de onomatopeias, sons graves e agudos, etc.; utilização de sinais diferenciadores para delimitar os vários aspectos do texto, transformando-o assim num verdadeiro mapa (isto é, submetendo a massa fónica e/ou significativa das palavras a um verdadeiro levantamento topográfico através das «redondelas triângulos elipses, rectângulos, segmentos paralelos, segmentos e traços entrecortando-se na estranheza das letras afastando-se num grafismo preto inesperado distanciado cada vez com menos significado»); etc., etc.

Mesclados a esse registo concreto de aspectos formais do texto, e provocado por este, a imaginação e a memória vão criando uma nova realidade que se funde à textual. Todo um amálgama de recordações pessoais e culturais vai-se enovelando em torno do «comentário», onde outros textos vêm-se inserir: frases do teatro de Racine, lembranças de autores, livros, épocas históricas, ou mais amplamente expressões definidoras de vários fenómenos culturais (= fragmentos de quadros; poemas; autores; terras; heróis; música; etc). Aliás a cultura intelectual e artística entra neste romance (como em certa linha de ficção actual), com uma força energética comparável à do sangue nas veias: dinamiza o espírito.

Como índice desse fenómeno apontamos, por exemplo, a «inversão» do processo mimético peculiar à literatura tradicional. Aqui, em lugar do «real» servir como elemento expressivo para a transfiguração do «ideal» em arte, o que temos é a «arte» servindo como elemento expressivo do valor ou significação do real. Concretizando:

. **«foi ontem o princípio da tarde «como um ramo de flores vermelhas de Chagall» num fundo azul e liso ou o contrário um fundo azul e liso onde houvesse um ramo de flores vermelhas pintadas pelo Chagall»**

. Como vemos, a beleza do poente (= real) expressa pela cor rubra, lembrou um «ramo de flores vermelhas de Chagall» (= arte). Na alternativa que aparece nesse trecho afloram dois fenómenos: por um lado a «desconfiança» do escritor contemporâneo com relação à sua apreensão do real e por outro a consciência de que a «mudança de perspectiva» do olhar (através da qual se vê a coisa) altera a significação do enfocado. Assim, temos primeiro o enfoque da vermelhidão da tarde como um ramo de flores num fundo azul do céu; e em seguida o inverso, — o fundo azul no qual se destaca o ramo de flores de Chagall.

Entre as várias implicações dessa «inversão» do processo mimético tradicional, destacamos a que se liga à valorização da «arte» como criadora de «formas de vida», — exactamente uma das descobertas mais importantes do nosso século: é a arte que cria o real e não ao contrário, como o pensava a estética clássica. Veja-se outro exemplo dessa consciência, no momento em que uma luna levanta os braços para ajeitar o cabelo e é vista pela colega como o eco de uma obra de arte:

«Agora levantando os braços como numa pose de modelo nu de grande «baigneuse» de odalisca em Ingres ou em Renoir de qualquer quadro em que as mão atrás da nuca se uniam». (p.87)

Iniciado rigorosamente no «plano do discuros», o romance vai deslizando para o «pla-

Continua na pag nove

MORREU NUNO GUIMARÃES

. Em Maio saiu da tipografia o segundo livro de Nuno Guimarães, «Os Campos Visuais». Em 15 de Agosto morreu o autor. Tinha 31 anos de vida de homem, e três anos de vida de poeta, como costumam contá-los os leitores: entre a data do primeiro livro e a hora de ir embora... Sobre a morte dos poetas não faltam tropos retóricos avalizados por um uso que ainda não desanimou de todo, mas a morte (de um poeta, de qualquer homem) é grave de mais para usar de faltas de respeito que tanto mais o são quanto por mais respeito querem passar. Digamos apenas que morreu um poeta novo, que era professor e tinha dois livros publicados (dois livros inovadores), que o levou uma doença que começou por parecer leucemia aguda e depois se duvidou que fosse, mas que talvez fosse mesmo. Um mês lhe bastou para morrer. E poucos foram os que se deram conta do súbito silêncio, porque as notícias

da necrologia preferem a explicação dos factos do registo civil e das servidões profissionais, calando quem sejam, realmente, os mortos.

Aqui fica a notícia e a imagem de um rosto que não voltará a ser visto, enquanto o «Suplemento Literário», pela voz de um seu colaborador, não vem dizer de Nuno Guimarães e da sua poesia alguma coisa do que desde já importe saber-se melhor. Porque nestas poucas linhas apenas fica confirmado o que «Os Campos Visuais» disseram em sua página 23:

Nos dias revelados, na posse do que dita
o pó, e as vigílias, nessa lenta
profusão de imagens e de rostos
traídos, roídos de beleza
. um dorso decomposto, deitado
sob a treva. E a cabeça inclinada
cada vez mais no seu lençol.

ITINERÁRIO DA GUERRA CIVIL

REVOLUÇÃO: PRÓ E CONTRA

1. **Primeiro pró: opinião de um burguês sobre a posição dos grupos sociais na Revolução demoliberal de 1820.**

No exílio europeu (Portugal não era Europa cronologicamente: tinham estado, no tempo dela e nas ideias desse tempo tão só mais ou menos a minoria de portugueses «estrangeiros» do século XVIII, no exílio interno, no exílio externo, aqui mais velozes que os braços da Inquisição, na longa e desejada permanência — diplomatas — em cortes estrangeiras, súbditos dos senhores João V, José I, Maria I — e depois os do século XIX a contas com as contas de Pina Manique (também na centúria anterior), dos Governadores do Reino, interinos da Corte no Brasil, mais realmente de Junot, depois de Beresford, e lá para o Norte — Porto, Braga, por exemplo — na trela de Soult, os nobres e clero que lhe ba-beijam a mão, soprando a demagogia que assassinará ao ar livre, em patuscadas campónias e freiráticas, certos **franchinotes** jacobinos, recorde-se Bernardim Freire de Andrade, o grande general das Guerras de Libertação, primo de Gomes Freire — arrastada mutilação do corpo pelas ruas de Braga, a Santa (17 de Março de 1809) no exílio europeu — tomemos fôlego, leitor — pondo agora entre o corpo e as sortidas perseguições da contra-revolução de 1823 o desafogo do canal da Mancha, um anónimo e paisano (presume-se que Francisco Simões Margiochi, lente de Matemática, ou José da Silva Carvalho, desembargador, homens evidentes na política entre (1829/23) traçou, em **«Revlução anti constitucional de 1823, suas verdadeiras causas e efeitos»**, o quadro dos grupos sociais em 1820.

O quadro revela apenas aquele rigor aproximado que a aparelhagem portuguesa mental da época permitia; ainda, por outro lado, não existia, não se teorizara, a noção de classe xocial;

Ouçamos, pois, o depoimento do exilado em Londres, o qual é também testemunha de defesa da Revolução:

«Sem a mais leve sombra de exageração se pode também afirmar que este movimento, inteiramente público e geral, apenas teve por adversários a alta nobreza, o alto clero e a alta magistratura: e ainda mesmo ante estas classes (apesar da ruína dos seus privilégios e regalias, que as reformas da revolução necessariamente haviam de trazer) se contavam indivíduos que se distinguiam pela adesão aos bons princípios, e por patriotismo nobremente desinteressado.

Os fidalgos de Portugal verdade é que munca tiveram feudos; mas sempre tiveram, e ainda hoje têm, certos carácteres muito piores que os da nobreza dos tempos feudais, porque ao menos esta fundava os seus privilégios nas suas grandes possesões e se recebia, também prestava serviços aos seus vassalos, os quais nem estavam sujeitos às circunscrições militares, nem às alcavalas e aos impostos dos reis absolutos. Porém a nobreza de Portugal, desonerando-se da maior parte dos encargos públicos, monopoliza todos os encargos do Estado, ou sejam de emolumentos ou sejam de pura distinção.

Que muito era pois que esta nobreza fosse adversa a uma alteração, que lhe apresentava tantos candidatos no concurso destes cargos e destas prerrogativas, com cujos candidatos ela se devia medir em talentos e em virtufes, cabedal de que esta classe está totalmente exausta!

. Uma excepção se deve fazer a respeito da nobreza das províncias. Esta, tirados os Silveiras de Trás-os-Montes, e alguns outros, toda abraçou a causa constitucional, com mais ou menos fervor.

O alto clero, isto é, os bispos, os cónegos e os grandes dizimadores sinecuristas, **viam num Governo representativo a próxima redução das suas rendas; mas em compensação o baixo clero, isto é,** a milicia militante, **que serve o altar, e que é só o** dignus mercede sua, **estava unido com a causa da constituição e da liberdade.**

A alta magistratura, vendo que com a teoria dos direitos iguais não podia deixar aos filhos o morgado da sua beca, e não enxergando no fim da sua carreira, nem as comendas, nem os foros de fidalgo, nem os privilégios de desembargador, forçosamente se lhe devia antolhar na convocação das cortes, pelo sistema de representação efectiva, só o delírio do jacobinismo e o contágio das opiniões filosóficas; **mas em compensação a magistratura local foi a que desenvolveu mais enregia nas últimas ocorrências, e foi a que mostrou mais carácter e mais decisão a favor da causa constucional.**

Da classe dos negociantes e proprietários não falemos. Eles foram, principalmente nos primeiros períodos da revolução, estrénuos defensores dos dogmas da liberdade civil e política, e se podem ser arguidos é só por algumas exagerações a este respeito.

Dos literatos pode dizer-se o mesmo, exceptuando somente os da universidade. Nesta corporação certamente há alguns homens de bons e sólidos princípios, mas são raros, e daqueles poucos, quos oequus amavit Jupiter...

Em tal estado se achava a opinião pública em Portugal, quando se juntaram as cortes constituintes em Lisboa».

Apesar destes (e ainda mais complexos, diferenciados) antagonismos económico-sociais, nos meses em que a Revolução, aberta em 24 de Agosto de 1820, se desenvolve, irradia um fenómeno **aparentemente** estranho ocorre: a débil resistência oposta ao movimento revolucionário (a Revolução não derramará pingo de sangue, numa anti-cirurgia de gente educadíssima: **a crítica das armas** só terá palavra a partir de 28).

A explicação do facto reside numa inicial convergência de factores propícios que os meses a seguir começarão a deslaçar.

Creio que o leitor concordará em passar-lhes uma daquelas visitas que chamamos de médico.

Pois bem: veja, logo à primeira vista (é o que mais avulta), um reino sem monarca (pior: com aquele rei, sintético mas virulentíssimo — Beresford —, que a nossa gente designa por filho da canhota); repare que em grandes camadas sociais há o receio de que João VI, por conselho dos **iulácos** (o termo define o cortesão absolutista, sem raizes de pátria, devorista, trincando na mangedoura do privilégio, inimigo da **vontade geral**, intriguista — e fechemos o balanço), há pois o receio de que João VI monte casa para sempre no Rio: e a nossa burguesia comercial marítima que perderá, com o tratado de 1810 imposto pela Inglaterra (assinado no Rio), o exclusivo e o não exclusivo (como pode a burguesia portuguesa competir com a britânica, senhora dos mares e dominadora pela revolução industrial?) do trato com a ex-colónia sul amreicana (comércio que era, a um tempo, sua força e miséria material, sua agudeza e covardia ideológico-política) — a nossa burguesia mercantil, junto com a sua parceira dos homens de leis (proeminentes na Revolução) traduzirá a ausência da Corte e os seus efeitos pela expressão que anda de boca em boca: Portugal, «colónia de uma colónia» (duplicadamente, pois há-de acrescentar-se a colonização eucuménica pela Grã-Bretanha); converse agora, leitor, com os oficiais cá da terra: além do pré-atrasadíssimo (meses corridos), há neles a humilhação permanente da gauleiteragem dos graduados britânicos no Exército português e, simbolizando-os a todos, lorde Beresford a quem atribuem, num concubinato com os senhores do Rossio, o assassínio de Gomes Freire e dos enforcados do Campo de Santana; se em passeio pela terra prestar ouvidos ao que se diz ou murmura, o leitor notará que ódio pela Inglaterra abrange amplas camadas da população (para quem as classes dirigentes haviam criado o provérbio subalterno: «mal com toda a Terra, mas bem com a Inglaterra»); sinta (é feio não o experimentar, leitor!), comendo, bebendo, vestindo-se, calçando-se e tudo o mais (fitando ruas, casas, transportes, etc.), a crise económica profundíssima e geral (avolumada pela sangria do dinheiro e de homens com destino à guerra expansionista da corte joanina no Rio da Prata, exigindo de Lisboa a contribuição anual de 600 milhões de réis, fora homens, munições, etc.).

Crise inquietantemente sombria: com efeito à exaustão da agricultura (que depois do aniquilamento das invasões, da falta de braços delas resultante continuava a declinar em ritmo de catástrofe) juntava-se a ruína da já débil indústria manufactureira (que sofrera, sobre os golpes dos franceses, as destruições científicas das tropas britânicas, conforme confessou, em correspondência, Wellington seu general, decerto em Homenagem fervorosa ao tratado de Metwen) indo a estagnação agrícola e manufactureira reflectir-se na miséria do comércio exportador (decisivamente atingido, como vimos, a partir do tratado de 1810): e esta procissão de defuntos rematava com a bancarrota do Estado.

Os próprios governadores do Rossio, em relatório, a 2 de Junho de 1820 (relatório que era também, sem o desejar, um documento pró-revolução) procurou meter pelos olhos de João VI a decadência exangue do País:

. «Em 1818, importando as despesas correntes **em 10 186 000$00 rs., somente se pôde pagar a quantia de 8 310 846$593 rs., entrando nela a quantia de 398 840$593 rs., recebidos à conta de empréstimo de 4 000 000$000 cruzados (...) e no ano de 1819 importando a despesa em 9 612 000$000 rs., somente se pagou a quantia de 7 677 400$083 rs.».**

E atingindo a crescente dívida pública 16 000 000$00 rs., as receitas governamentais, sempre em decréscimo, chegavam agora apenas a 6 milhões de réis.

As dívidas do Estado para com os seus funcionários eram a ladaínha de guisos de um País de fogueira e cantochão.

No mesmo relatório os governadores queixavam-se:

«A grande despesa do Exército provém dos imensos oficiais generais e seus estados maiores, da multiplicidade de governadores, tenentes-reis, e estados-maiores de praças ou fortalezas que nunca os tiveram; das gratificações, aumento de rações e forragens e outros artigos novamente introduzidos; dos imensos e dispendiosos estabelecimentos das secretarias; do ajudante general, do secretário militar e das diversas repartições de hospitais, comissariado, auditores, etc., em que se ocupam centos de empregados com grandes soldos e muitos com forragem para cavalgaduras; da consideravél soma a que montam o soldo, gratificações e ajudas de custo que recebe o marechal general, marquês de Campo Maior, além dos criados da casa real, bestas e carruagens das reais cavalariças que tem a seu serviço».

Um quadro de costumes! Este rei-marquês, mais propriamente um conselho de administração com espada à cinta, cheio de alforges, armazéns para o soldo, as ajudas, as gratificações — um montepio ambulante — montando o reino-besta (o reino, suas reais cavalariças), já se terá suspeitado que é Beresford.

Em redor aquela fleugma administrativa no dispêndio (à custa de outrem), nos rigores, detalhes contabilísticos, secretarias, auditorias, feitorias, comissários — o reverso da guarda pretoriana, ou seja a civil, funcionária, um orçamento britânico a pagar todos os meses.

A isto chamava o jovem Garrett numa obra ignorada, de exílio (disse um espanhol: «pienso, luego exílio» que é o cartesianismo peninsular), chamava Garrett «a fantástica independência».

Mas havia também a «dependência», a da Corte na margem de lá e ao sul do rio Atlântico: eram as rendas ordenhadas pelo trono e a nobreza apêndice, num jeito antigo e pontual, outra espécie de Aliança duma Aliança. Lamentavam os governadores esse desfalque:

«A importância dos rendimentos dos bens patrimoniais e da coroa e ordens pertencentes aos fidalgos, para formar uma soma avultada que falta aqui numa circulação interior».

Os governadores sugeriam que «se as coisas continuassem» seria de temer que «desaparecesse brevemente do mar a bandeira portuguesa».

Tinham, porém, uma fé: sentiam-se todos (quatro: o cardela Carlos, o marquês de Borba, o conde de Peniche e João António Salter de Mendonça) filhos de João, servos dele e iam rogar-lhe, como filhos de:

«Vossa majestade é um grande pai de família e os servos a quem fez a honra de encarregar de uma parte da administração da sua casa seriam indignos desta confiança se se atrevessem a ocultar a vossa majestade as verdades expostas o receio de que alguma conspiração, quando as circunstâncias exigem imperiosamente que vossa majestade, sendo de tudo exactamente informado, haja por bem acudir com as enérgicas e imediatas providências que forem do seu real agrado, à próxima ruína que ameaça, não só a prosperidade, mas até mesmo a existência dos estados de vossa majestade na Europa».

Todavia Sua Majestade preferia atrasar ou parar o relógio. Em relação à Europa, ante os queixumes dos governadores, aumentava ainda mais os poderes de Beresford — plenos poderes; ou então, sendo tratado como lacaio, pelo Beresford da outra banda, lorde Strangford, embaixador britânico na sua corte do Rio. Ele ia com humildade rastejar ao príncipe regente inglês a sua queixa descalça:

«Quis dar mais uma prova da minha consideração a vossa alteza real comunicando ao seu ministro a minha intenção sobre este objecto» (nomear interinamente ministro da Guerra e Estrangeiros o conselheiro Araújo). **«Lorde Strangford opôs-se a esta nomeação... As conversações a este respeito prorrogaram-se alguns dias. Assegurou-me que tinha antigas instruções que lhe proibiam tratar com ele: gabava-se até desta oposição em diversas reuniões: resolvi então nomear Araújo para ministro da Marinha e colónias.**

Logo que Lorde Strangford teve conhecimento desta nomeação apresentou-se perante mim e, num tom que ultrapassava toda a decência, disse-me que ia dar parte desta novidade à sua corte e que contribuiria quanto pudesse para que vossa alteza real quebrasse todos os vínculos de amizade comigo; que dentro de seis meses não haveria aqui senão um cônsul britânico e que não me entregaria uma carta de vossa alteza real, que já me fora anunciada por ele... Confesso a vossa alteza que me foi difícil conter a minha indignação».

O monarca não acudiu com as «enérgicas e imediatas providências» requerimentadas pelos governadores do Rossio. E a «conspiração» que eles lhe suspeitavam para os «estados da Europa» rebentou fatalmente em 24 de Agosto de 1820, quase não deparando, como vimos, resistência em classes de interesses antagónicos.

AUGUSTO DA COSTA DIAS

FERNANDO ARRABAL: "MESMO COM VANTAGENS, UM EXÍLIO É SEMPRE UM EXÍLIO"

Entrevista conduzida por JOSUÉ DA SILVA

Fernando Arrabal, o autor de «Cemitério de Automóveis», actualmente a representar-se em Cascais sob a direcção de Vitor Garcia, esteve entre nós. Talvez o mais discutido dramaturgo da actualidade, surrealista dissidente, um ods criadores do movimento «Pânico» e que conta no seu activo cinquenta peças de teatro e quatro novelas, na sua maioria publicadas ou representadas em duas dezenas e tal de países, chegou e partiu em dia e meio, trazido pela mão amiga de Ruth Escobar. Deu muitas entrevistas e assistiu a uma das representações da sua peça em Cascais. Este diálogo que mantivemos com ele por cerca de duas horas e que aqui reproduzimos em parte refere-se mais ao homem do que ao autor, director teatral e realizador de cinema. Na intenção, deliberada, de mostrar o que é possível mostrar da personalidade de Arrabal, uma vez que a apreciação da sua obra cabe a outros domínios.

Considero que a minha posição é exemplar. Um homem que realmente não faz política e não é, na verdade, um homem de partido, mas que ao mesmo tempo vê a sua obra rigorosamente proibida no país onde nasceu, dentro das circunstâncias que se conhecem, pode permitir-se pensar que fez alguma coisa de útil. Pelo menos, tão útil como aquilo que tenham feito os tais homens de partido. Pelo menos, a nossa posição é concordante. Se em Espanha se diz — se o dizem alguns, porque outros pensam de mim algo de diferente — que a minha posição política nunca foi muito clara, creio que estão a agredir-me injustamente. Eu não pactuo. De tal maneira, que continuo a ser um exilado. Poder-se-á dizer que o meu exílio é um alegre exílio, que me trouxe não sei quantas vantagens. E eu direi que um exílio é sempre um exílio e que preferia ter-me ido a França por outras razões...

São palavras de Arrabal. De um momento em que ele perdeu o seu ar de menino travesso, para nos encarar com uma certa gravidade, quase diríamos que com uma ponta de emoção. Naturalmente que esta declaração não surgiu por mero acaso. Foi o resultado do longo diálogo que estabelecemos, um autêntico diálogo de velhos amigos, no qual a formalidade da costumeira entrevista nunca chegou a esboçar-se. A formalidade vem depois, quando temos de alinhar o que foi dito — e nem tudo — para que possa tornar-se coluna de letra de imprensa.

Recordamos os motivos da sua saída de Espanha. Decerto bem vivos na memória do escritor-director-de-teatro e realizador-de-cinema que é Arrabal, assim mesmo polifacetado e parece que dando perfeita conta de si nas **aventuras** artísticas em que se mete. E Arrabal relembra a história que neste mesmo jornal dele escrevemos um dia: a pobreza e o escárneo que o perseguiram na sua terra, a doença, o desespero desses dias sem nada, nem um pouco de tranquilidade. A doença que o ia vitimando. E finalmente a chegada a Paris. A cura num sanatório — a expensas do seu actual editor — e, mais tarde, uma quase meteórica subida para o universalismo. As suas obras começaram a ser editadas e representadas não só em França, Alemanha, Itália, Inglaterra e países do Leste, como em África, nas Américas e no Oriente.

— É muito difícil alcançar a audiência que tu alcançaste?

..Arrabal dá uma das suas gargalhadas de «enfant terrible».

— Não, Chico, não é assim tão difícil...

Agora fica de novo sério. A face cortada por uma súbita sombra de amargura? Não o sabemos bem.

— O que é difícil, muitas vezes, é ser-se escritor na nossa terra, o que não deixa de ser triste. A minha ida para França foi a passagem da noite para o dia. Em Espanha, não podia viver, nem escrever. Em França pude escrever e viver. É a vantagem que temos, nós os que estamos fora, seja eu ou Picasso ou Buñuel ou outros. O podermo-nos exprimir livremente em todos os domínios, talvez seja, afinal, o segredo dessa universalidade de que tanto te admiras. **Ao contrário, dos que se deixaram ficar e digo-o com muita mágoa não se conhece nada do que verdadeiramente valem, do que produzem à custa sabe-se lá de quantos sacrifícios. Nesse aspecto, considero que a minha situação talvez tenha o seu quê de injusta: porque há, em Espanha, muitos outros autores de grande valor para quem o sol não brilha. Pergunte-se qual a razão desse anonimato e a resposta logo nos vem clara e límpida.**

— Há quanto tempo não vais a Espanha?

...— **Desde 67, como sabes.**

— Queres falr dos motivos desse divórcio?

...— **Hombre!** (Nova gargalhada) **Es que yo prefiero no tentar al diablo.**

Entrámos a conversar sobre o que foi (e é, segundo Arrabal) o movimento «Pânico». (Antes, porém de prosseguirmos, queremos adiantar que a nossa conversa era uma espécie de contra-relógio, duramente cronometrado por Ruth Escobar: **«Só tens mais dez minutos para falar com Arrabal».** E explicava: **«É que eu quero-o em forma para logo à noite, em Cascais, e le já deu não sei quantas entrevistas hoje.)**

Do movimento «Pânico» ... explica o autor de «Cemitério de Automóveis» — **não existe uma obra. Existe um movimento, inegavelmente. Um movimento de que nós nem sonhávamos as consequências quando, à margem do surrealismo de que fomos seguidores, eu o novelista Tupor e o Alexandre Federowsky, decidimos dar-lhe vida. Escreveu-se então a filosofia pânica, escreveram-se manifestos pânicos, mas exactamente pela ausência de dogmatismo existente no «Pânico», nunca se fez uma obra que, como tal, houvesse tido raízes nesses manifestos. Simplesmente... as coisas da vida às vezes rolam como as bolas de neve e quando menos se espera, cresceram de tal forma que já não as podemos esconder aos olhos de ninguém? E ao Movimento Pânico aconteceu assim. Apesar de nós, além de o termos criado, nada termos feito por isso, a verdade é que houve pessoas que se fizeram** «pânicas», **escrevem-se teses universitárias sobre ele e ainda quando o atacam estão a dizer-nos que existe, é vivo, actuante e percutante.**

— Arrabal: sempre que se pergunta a um homem de letras o que pensa da posteridade, vemo-lo tornar-se repentinamente grave e teremos muita sorte se não nos cair em cima uma onda de conceitos e de sofismas raras vezes entendíveis. E tu, que pensas da posteridade?

..O Arrabal que conhecemos em Madrid, o Arrabal liberto, ostensivamente colocado diante dos «tabus», impertinente e reverbativo, coerente em corpo inteiro com o revolucionarismo não dogmático da sua obra, ressurgiu nesta resposta:

Como se diz em Espanha: a burro morto, cevada ao rabo. É isso o que eu penso da posteridade.

Temos que alinhar esta entrevista, temos que a dar em termos inteligíveis que nem sempre são os termos duma conversa de amigos. Procuramos, não só o que supomos que mais interessará ao leitor, como o que possa não ser complicativo. De maneira que é natural que alguma coisa de importante fique na sombra. Como é natural que se **sintam certos saltos** bruscos no entretecer do tema:

— Conheces o actual teatro português?

...— **Infelizmente, não. Dos autores de teatro da vossa terra, conheço um: Gil Vicente. E um grande poeta: Fernando Pessoa. O que não será muito actual** — acrescenta a rir — **Sabes, nos países da Europa central e do norte, como a França, a Alemanha, a Inglaterra, aceita-se muito mal a literatura vinda de outros países. Em França, por exemplo, é muito difícil encontrar a literatura grega dos nossos dias, como a turca, a espanhola, a portuguesa, a hindu, a chinesa, a sul-americana. Trata-se de um fenómeno tremendamente desagradável, visto que nos priva de conhecermos grandes obras que, inevitavelmente, cada uma dessas literaturas contém. Inclusivamente, a literatura árabe, que é riquissima, ninguém da por ela em França. Portanto, o caso português não será um caso de excepção. Faz-se um** «boicote» **terrível, não só em França, mas nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra, etc., a tudo o que seja oriundo de países que não estejam engrenados nesse eixo de primordialidades...**

— E no entanto — intervimos — em contrapartida, os autores desses países... segregacionistas, se me permites o termo, são acolhidos e publicados com grandes parangonas, nas terras dos autores que eles desprezam. Mesmo quando são muito maus...

— **É isso** — concorda Arrabal. — **Os egípcios, sei-o eu, acolhem com certa facilidade as obras dos autores franceses. Ao contrário, em França, ninguém pensa em publicar os autores egípcios... que vivem no Egipto, claro. Digamos que os editores dos países de que falamos, se dão ao luxo de considerar que uma estreia teatral ou o lançamento de um livro que não leve o rótulo** «made in» **Paris, Nova Iorque, Londres ou Hamburgo, esta condenado ao fracasso, não virá a ter nunca repercussão mundial. E eu creio que isto é uma política errada e que os autores e editores dos países assim prejudicados. deviam rever toda a sua manobra de entendimento editorial com os tais** «centralizadores». **Porque a atitude deles é injusta em relação a todos vocês. E há sempre maneira de lutar contra os monopólios, ainda quando se trate de monopólios da cultura.**

— Achas que o «Cemitério de Automóveis» te criará um embrião de público afecto no nosso País?

...— **Não sei. Gostaria sinceramente que isso acontecesse. Infelizmente, esta é a minha primeira obra representada em Portugal, embora me tivessem dito que houve já uma pequena tentativa anterior. De qualquer modo, uma representação é pouco para se criar um público, apesar da garantia que é para mim a genial direcção de Vitor Garcia.**

— Consideras-te um homem de cinema?

..Arrabal pensou muito bem a resposta:

... **Creio que sim. Os meus textos, muitos deles, fazem adivinhar uma certa tendência para a linguagem cinematográfica.**

Além disso o cinema fascina-me.

— Mais que o teatro?

...— **Não sei. Talvez por igual.**

— Que gostarias que acontecesse para que a vida do escritor se tornasse menos dura, sobretudo em determinadas latitudes de que já falámos?

...— **Pois... que o escritor fosse olhado, não como um animal raro, mas como um homem que procura dar de si o que melhor tem para dar. E que todos os escritores se vissem protegidos, honrados na sua profissão e livres. E que todos pudessem sempre ter ao lado deles** (esta última parte veio no meio duma gargalhada) **um homem como tu, capaz de ir ao fundo duma piscina ou dum mar buscar-lhes os óculos, para eles poderem ver com claridade onde estão os seus inimigos.(1)**

Fernando Arrabal disse muito mais. Acerca da sua obra em representação em Cascais, não somos nós quem se pronunciará. Para apreciar o que ele vale ou não como dramaturgo, tem a palavra a crítica especializada. Nós tínhamos um encontro marcado e fomos lá. E tínhamos prometido uma entrevista, o que cumprimos. Quanto mais não seja, para marcar o acontecimento.

Arrabal com Artur Ramos e Bernardo Santareno

Reportagem fotográfica de JOSÉ TAVARES

OS ÓCULOS DE ARRABAL

..1) Creio dever uma explicação acerca daquela **piada** do Fernando, na sua última resposta, em que falou de mim, de uns óculos e do fundo duma piscina. É que um par de óculos e uma piscina com seis metros e quarenta de profundidade, foram a origem da nossa amizade.

Ano de 1967. Arrabal encontrava-se de férias em Madrid e por acaso hospedado nos arredores, num hotel com piscina. Todas as manhãs, eu via aquele homem de longas barbas e cabelos sobre os ombros, vestido à «hippie», a matraquear nas teclas duma máquina, à beira da piscina, sob uma ramada.

Acabei por saber que se tratava de Arrabal, mas não me aproximei. Sempre detestei forçar a minha presença. Fazia calor. Arrabal, de vez em quando, largava a máquina, tirava os óculos, e lançava-se à piscina, para volver em seguida ao seu trabalho. Um dia, porém, esqueceu-se de tirar os óculos. Deu o mergulho e... adeus óculos. Eram uns óculos caros, o proprietário da piscina, que já me tinha visto ir buscar objectos à parte mais funda da mesma, pediu-me se eu poderia tentar recuperar os óculos do Arrabal. É difícil procurar-se um objecto destes sob um lençol de água de seis metros e tal. Mergulhei não sei quantas vezes. Andei lá pelo fundo a tactear e, por fim, consegui agarrar os pânicos óculos. O Arrabal veio agradecer-me e... convidar-me para jantar com ele. A nossa amizade tinha começado. Graças a uns óculos de verdadeiro pânico.

Os Problemas da Or

JORGE PEIXINHO DIRIGE-SE DIRECTAMENTE AOS LEITORES DO "DIÁRIO DE LISBOA"

I

O Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian fez conhecer publicamente, no passado dia 23 de Agosto, nas colunas do «Diário de Lisboa», um extenso documento no qual pretendia (?) elucidar a sua política cultural no domínio da música. Eu teria ficado surpreendido com o teor do referido documento, não fosse conhecer de sobejo o «estilo» caro dos responsáveis da dita Fundação, bem como a pobreza lamentável da argumentação, sintomas de um estado de coisas muito grave: uma acção em grande parte reaccionária na vida musical portuguesa e uma auto-suficiência doutoral que ultrapassa os limites do ridículo tolerável.

Este documento levanta-me, desde logo, um dilema: responder ou não responder? Esta questão tornava-se particularmente pertinente, na medida em que, a despropósito, o Conselho de Administração me lançou a mim pessoalmente à baila e mais o grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Se hesitei em responder, foi apenas por considerar que o referido documento já se respondia a si próprio, de tal modo abundantes eram as contradições, as inexactidões e os argumentinhos de «autoridade».

Como resolver o dilema? Optei pela seguinte solução: não responder aos responsáveis pela Fundação Gulbenkian, mas sim dirigir-me directamente aos leitores do «Diário de Lisboa», a fim de os esclarecer sobre várias inexactidões, contradições e lacunas do referido documento, no que se refere ao Grupo de Música Contemporânea de Lisboa.

II

1 — O Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian afirma, logo de início, que é «inexacto que a Fundação haja negado o seu concurso ou comprometido o futuro do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa» (sic). Lá se a Fundação vai ou não comprometer o futuro do Grupo não o sei, pois não sou profeta, mas já comprometeu razoavelmente o seu passado e o seu presente.

E verdade que a Fundação convidou o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa para realizar vários concertos nas suas instalações, desde a fundação deste, é verdade também que a Fundação patrocinou exclusivamente a ida do Grupo ao Festival de Royan de 1972 (facto este que eu nunca deixei de enaltecer), mas tudo isto não passou de casos esporádicos, sem um objectivo autêntico de promoção do Grupo no âmbito da vida musical portuguesa e revelando ainda uma não-consciência da importância ímpar que o Grupo poderia e deveria assumir no contexto cultural e social do país.

A prova mais gritante do que acabo de expor reside no próprio documento da Fundação Gulbenkian, onde, a alturas tantas, explicitamente se pretende defender uma teoria particularmente aberrante: o condicionar a actividade artística, a iniciativa criadora e a liberdade de expressão dos músicos à sua condição burocrática de membros da Orquestra Gulbenkian. E o raciocínio seguido é, como assinala Mário Vieira de Carvalho, tipicamente o de uma empresa lucrativa (com a agravante que, se esta visa apenas o lucro, a Fundação tem, estatutariamente, uma função eminentemente cultural).

Tudo se passa como se o Serviço de Música concentrasse a sua acção musical em volta de um núcleo polarizador e centrípeto: a Orquestra Gulbenkian. Ora não interessa aqui discutir se a referida orquestra é boa ou má, até é a menos má das orquestras portuguesas; isso não vem para o caso. O que está em causa, fundamentalmente, são duas coisas:

. a) a subordinação dos interesses artísticos e culturais à dominação burocrática, a que eu já me referi;

. b) a confusão de valores reinante no Sejrviço de Música, para quem o programa de rotina imposto à Orquestra Gulbenkian deve prevalecer **sempre** sobre a actividade livre e criadora dos seus músicos, sem atender, não só à autêntica realização humana e profissional destes, como também à importância e significado das suas realizações e iniciativas, mesmo se estas constituem (ou

poderão constituir) o mais sólido contributo histórico para a nossa cultura viva no domínio da música. (1)

Tudo isto foi, aliás, já denunciado, lúcida e lapidarmente, por Mário Vieira de Carvalho, ao pôr em relevo que «nada se afirma sobre os planos daquele Serviço quanto às medidas concretas, que tomou ou está disposto a tomar para assegurar ou impulsionar o futuro artístico do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa».

2) Em 1971, o Director do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, esposa do Presidente do Conselho de Administração, «ouvido o administrador do respectivo Pelouro» (sic), que por sinal é também o Presidente do Conselho de Administração, resolve suspender cinco dos componentes do Grupo, membros da Orquestra Gulbenkian, de todas as actividades exteriores à orquestra. Como estes músicos constituíam a grande maioria dos elementos do Grupo, este via-se constrangido a uma suspenção «sine die» das suas actividades, facto esse que podia ter acarretado a sua própria condenação à morte.

Não me interessa discutir tal pois o que deve preocupar uma Fundação mecenática é, em última análise, o fomento de uma acção cultural arrojadamente criadora num meio social e num momento histórico determinado, e não mesquinhos regulamentos contratuais (em si mesmo manifestamente antidemocráticos) ou medidas de retaliação para «impor respeito» (sic) — terminologia bizarra que não pode deixar de surpreender quem medite um pouco na necessidade da liberdade de expressão e de cultura.

Continuando a descrição acima, foi por essa altura que esses cinco colegas, vítimas de pressões por parte do Serviço de Música, a elas se submeteram tristemente e decidiram publicar um «comunicado» em resposta a um artigo de Mário Vieira de Carvalho, decisão autocrática no plano dos «argumentos jurídicos», publicado no «Jornal do Comércio» em 27 de Maio de 1971.

O documento da Fundação Gulbenkian faz referência a esses factos de maneira tendenciosa e omite deliberadamente a contra-resposta que Clotilde Rosa e eu assinámos, dessolidarizando-nos dos nossos colegas e dando todo o nosso apoio a Mário Vieira de Carvalho. Não me alongo em mais detalhes, pois o leitor estará já decerto informado dos factos, através do depoimento de Mário Vieira de Carvalho no «Diário de Lisboa» de 30 de Agosto último.

3 — Poderia ainda citar muitíssimos casos concretos ao longo das atribuladas relações entre o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e a Fundação Gulbenkian, a qual, diga-se de passagem, nunca atribuiu ao Grupo o mais pequeno subsídio.

Limitar-me-ei a assinalar dois exemplos:

. a) Após o concerto inaugural do Grupo com a sua designação definitiva no Festival de Sintra, em Agosto de 1970, e não obstante havermos solicitado repetidamente à Fundação Gulbenkian a concessão de uma sala para ensaios nas suas instalações, esta instituição só nos concedeu sala e instrumentos para preparação exclusiva de concertos organizados pela própria Fundação (além do concerto do Festival de Royan, é claro, em que a Fundação estava empenhada), obrigando-nos a uma actividade episódica e intermitente, incompatível com um trabalho constante, em profundidade e de verdadeiro profissionalismo que seria necessário e essencial para o Grupo, sob pena de nos acabarmos de afundar no anquilosamento ou na desagregação (perigos esses que rondam bem de perto a nossa porta, é bom confessá-lo).

Entre parêntesis, convém elucidar o leitor que um Grupo com as características do nosso não necessita apenas de uma sala para ensaiar, mas também de um conjunto de instrumentos instalados no mesmo local (piano, harpa, celesta, percurssão, etc.).

b) O facto de o contrato de exclusividade, que a Fundação impõe aos músicos da sua orquestra, e a que já me referi, não permitir suficiente autonomia dos mesmos, forçou-nos a renunciar a uma actividade mais intensa, sobretudo no que se refere a digressões ao estrangeiro. No passado ano, o concerto de Royan proporcionou-nos vários convites: um concerto no Festival de Veneza, uma série de concertos no Museu de Arte Moderna de Paris e uma digressão pela Grã-Bretanha, integrados num festival itinerante, conjuntamente com outros agrupamentos de vários países da Europa: o ICES. Nada disto se realizou, é claro. Igualmente tivemos de pôr de parte quaisquer veleidades de «tournées» na Bélgica e na Jugoslávia.

c) Por último, o caso porventura mais flagrante: por ocasião do último Festival de Royan, realizado nesta cidade em Abril deste ano, e no qual eu estive presente, o Senhor Maurice Fleuret, director artístico das «Journées de Musique Contemporaine» do Festival de Outono de Paris, dirigiu-me pessoalmente na presença de Mário Vieira de Carvalho, enviado especial do «Diário de Lisboa», um convite para o Grupo de Musica Contemporânea de Lisboa participar com um concerto no âmbito das «Journées», no qual seriam apresentadas duas obras minhas: «As Quatro Estações» e «Ma fin est mon Commencement». Eu sugeri-lhe então dirigir-se à Fundação Gulbenkian, com o fim de solicitar desta instituição, não só uma comparticipação nas despesas do concerto, mas também a autorização para os músicos pertencentes à Orquestra Gulbenkian poderem deslocar-se a Paris. Esperei alguns meses e há poucos dias recebi uma carta do senhor Fleuret, na qual ele me informava do seguinte:

. «Há já bastantes meses, eu tinha falado com a Senhora D. Madalena de Azeredo Perdigão sobre a colaboração do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa nas próximas «Journées de Musique Contemporaine» que se irão desenrolar entre 18 e 28 de Outubro próximo. Como não tinha tido resposta, levantei ainda a questão durante a minha breve passagem em Lisboa por ocasião dos concertos Xenakis. Além disso, tendo sido reduzido o subsídio do Ministério francês dos Assuntos Culturais para as «Journées de Musique Contemporaine», solicitei, uma vez mais, a ajuda da Fundação Gulbenkian e enviei um «dossier» completo dos meus programas. Apesar de numerosas cartas e telex, não recebi até à data (10 de Agosto) nenhuma resposta».

4 — Penso que estes exemplos bastam para dar ao leitor uma ideia do género de «auxílio» que a Fundação Gulbenkian tem concedido ao Grupo. No entanto, não posso deixar de fazer ainda uma referência especial a uma misteriosa declaração que o Maestro Joly Braga Santos teve o cuidado pressuroso de depositar no Serviço de Música, movido sabe-se lá por que recônditas razões.

A isso dois pequenos comentários apenas:

. a) O Maestro Joly Braga Santos nunca pertenceu, nem pertence, nem pertencerá ao Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. E portanto alheio à vida e às atribulações do Grupo, e eu contesto-lhe simplesmente (tal como decerto todos os meus colegas) o direito de intervir nos nossos assuntos internos.

b) E falso que o Maestro Joly Braga Santos tenha alguma vez assistido a uma entrevista entre mim e a sr.ª dr.ª Madalena Perdigão sobre assuntos respeitantes ao Grupo de Música Contemporânea de Lisboa.

III

Contesto igualmente ao Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian o direito de se imiscuir na vida interna do Grupo. Mas, uma vez que o dito Conselho o fez, («aberto o precedente», como se diz em gíria burocrática), eu reservo-me também o direito de intervir nos assuntos internos da Fundação Gulbenkian, circunscrevendo-me no entanto à parte porventura mais grave do documento do Conselho de Administração: as considerações tecidas, com mal escondido despeito, sobre a demissão dos quatro ex-membros da Orquestra Gulbenkian. Não vou entrar em grandes pormenores, pois a plena denúncia dos factos que rodeiam as respectivas demissões compete exclusivamente aos músicos em questão. Mas não posso deixar de denunciar, eu pessoalmente, um tipo de linguagem bastante inquietante, género: «o mesmo (Alvaro Machado) ofendeu, grandemente (sic), por palavras, um seu superior hierárquico da mais elevada categoria», ou ainda: «reiteradas demonstrações de provocação e falta de respeito e consideração pelos superiores hierárquicos», a propósito de António Oliveira e Silva, etc.

(Por coincidência, ambos os músicos citados são actualmente dirigentes sindicais...)

. Mas em que mundo e em que século vivemos, Santo Deus? Será que uns tantos não poderão passar de músicos (não deixa de ser curiosa a concepção pejorativa do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian em relação à nossa classe), enquanto que uma elite está fadada para os mais altos desígnios da vida nacional, como, por exemplo, ser-se Administrador da Fundação Gulbenkian?

Esta inversão de valores é sumamente ridícula, e dispensaria mais comentários. Apenas me permito acrescentar o seguinte:

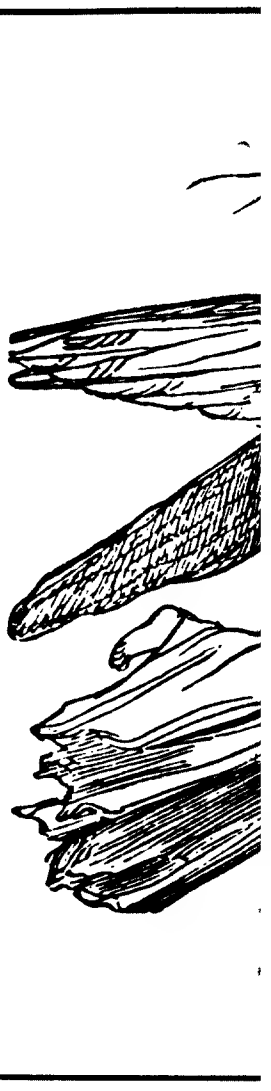
. Em 1971, escrevi uma carta ao Serviço de Música da Fundação, que terminava com uma citação do eminente compositor Igor Stravinsky: «músicos há poucos, burocratas há muitos». Poderia agora desenvolver esta permissa, aplicando-a ao caso presente: Músicos de qualidade em Portugal (da craveira de um Alvaro Machado, de um António Oliveira e Silva ou de um Manuel João Afonso) há poucos — e o próprio Conselho de Administração o reconheceu no seu documento; mas indivíduos com possibilidades (reais ou potenciais) de acesso aos variadíssimos Conselhos de Administração que por aí há, são muitos, muitos mesmo!

. E se alguém ainda quiser estabelecer hierarquias na sociedade, faça-se-lhe a vontade, mas por amor de Deus: então inverta as posições!

. Ainda uma coisa para terminar:

. O que é mais grave, revoltante mesmo, é o facto de esses «argumentos» de autoridade não se limitarem a uma simples tomada de posição (bem reveladora da ideologia comum à classe mas sim constituirem pretexto para sanções tão arbitrárias quanto nada abonatórias para aqueles que as sancionam: despedimento de músicos processos disciplinares, etc.

JORGE PEIXINHO



1) Estes dois pontos são, aliás, bem definidos na carta que a Directora do Serviço de Música dirigiu ao «flauta» (sic) Carlos Franco, datada de 17 de Maio de 1971, e citada no referido documento do Conselho de Administração.

rquestra Gulbenkian

ANTÔNIO DE OLIVEIRA E SILVA RESPONDE À NOTA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

. . Tendo tomado conhecimento através de uma nota do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian dirigida ao Senhor Director do «Diário de Lisboa», e publicada no «Suplemento Literário» do mesmo jornal no dia 23 de Agosto p. p., referências menos exactas a factos relacionados com a minha demissão compulsiva de membro da Orquesta Gulbenkian, impõe-se por minha parte, e na medida do possível, a reposição da verdade naquilo que directamente ou indirectamente me diga respeito.

Quanto às questões de fundo, já o crítico musical deste jornal, Mário Vieira de Carvalho, a elas fez referência de forma brilhante, lúcida e desassombrada no Suplemento Literário» do dia 30 de Agosto.

Por comodidade de resposta, seguirei a ordem por que na dita nota aparece o meu nome e referências que comigo se relacionam, sem estabelecer portanto nenhum tipo de hierarquização em relação às mesmas.

1) Assim, lê-se no 2.º considerando: «Nenhuma das acusações que os referidos ex-membros da Orquestra Gulbenkian fazem a quem nela superintende foi, até hoje, submetida à apreciação e censura do conselho de administração da Fundação ou, que se saiba, do Sindicato dos Músicos...»; com efeito, e no caso particular, à pergunta feita ao senhor chefe do serviço do pessoal que assina a minha nota de despedimento, sobre se me cabia recurso gracioso da decisão do processo disciplinar para o Conselho de Administração, foi-me respondido que seria inútil qualquer recurso, pois, da Comissão encarregada de julgar esses casos é o presidente o mesmo senhor administrativo que ordenou o meu despedimento, senhor dr. Sá Machado, sendo, por sua vez, o senhor presidente do conselho de administração o administrador do Pelouro da Música.

Quanto a uma possível queixa nos Tribunais de Trabalho, os distintos advogados e professores de Direito que integram o conselho de administração não ignoram decerto que ainda não expirou o prazo que a Lei prevê para tais participações: a título informativo posso referir que através do meu advogado foi já mandado instaurar pela Polícia Judiciária um processo-crime de difamação em que é arguido o maestro Werner A. Albert, titular da Orquestra Gulbenkian até há poucos dias, por matéria difamatória contida numa carta que o mesmo senhor escrevera à directora do Serviço de Música. Esta carta deu origem à elaboração do processo disciplinar, no entanto (in)explicavelmente não me foi facultado o acesso aos seus termos. Foi também oportunamente dado o devido conhecimento ao Sindicato Nacional dos Músicos, sobre cuja actuação ou ausência dela não me compete aqui pronunciar-me.

Por outro lado, se não nos tivéssemos servido da Imprensa como meio de chamar a atenção sobre certas arbitrariedades e injustiças, tudo leva a crer que por parte da Fundação não teríamos mais do que a secura duma «decisão oportunamente tomada» sem apelo, género «manda quem pode»...

2) Dificilmente se vislumbra como o conteúdo desta nota, hierarquicamente dirigida ao sr. director do jornal, «esclarece, invalida ou desvaloriza as acusações constantes dos depoimentos por nós prestados», se na mesma nota não há a mínima referência a factos concretos, contestando-os ou rectificando-os, os quais constituem quase exclusivamente a matéria desses mesmos depoimentos.

3) No que se refere ao meu processo, «nele se demonstra, de maneira iniludível, a existência de factos graves» (sic), Mas quais? Mesmo «as reiteradas demonstrações de provocação e falta de respeito e consideração pelos superiores hierárquicos, geradores de um clima de desagregação» (sic), não parecem ser mais que uma tentativa para «legalizar» a irradiação dum «empregado», considerado «persona non grata» por motivos dificilmente explicáveis.

Aliás, e isto apesar de ser uma impressão pessoal não deixava de ser partilhada pelos meus colegas que mais de perto acompanharam a evolução do meu processo, desde o início fiquei com a certeza de que havia a intenção de me afastar: o que era preciso era forjar uma causa. As contradições entre o conteúdo da nota de culpa e a decisão final do processo são tão flagrantes que facilmente se concluirá pela inconsistência da primeira e pela elaboração artifical da segunda, o que será devidamente apreciado em Tribunal.

Circunstâncias muito estranhas e misteriosas rodearam sempre o desencadear do processo: desde uma «conversa surrealista» em que amigavelmente sou aconselhado a pedir a demissão (ainda não havia processo), até, posteriormente, à confirmação de que o mesmo tinha sido arquivado. De resto, a única maneira de fazer luz e esclarecer pontos obscuros, seria o conhecimento tanto da carta do sr. Albert, como o teor dos testemunhos de acusação (seis), alguns dos quais, segundo o inquiridor, até depuseram em meu favor. Mas parece-me que basta o que acima fica dito para provar a existência de nuvens cinzentas sobre um céu que deveria ser diáfano. Aliás, só quando pretendi saber as razões por que não tive aumento de vencimento em Março passado, o que sucedeu com a maioria dos meus colegas, e o desencadear de uma crise levou o meu colega Álvaro Machado a pedir a demissão, é que tomei conhecimento de que tinha sido suspenso: três meses depois da instauração do processo, e seis meses depois dos pretensos factos invocados para a sua elaboração; no entanto, entre a suspensão e o despedimento não chegaram a mediar três semanas: tornara-me subitamente perigoso?! Além disso fui informado publicamente por uma colega que tinha sido contactada para me substituir numa «tournée» a Espanha, de que já não pertencia à Orquestra Gulbenkian, cinco dias antes de receber a carta oficial de despedimento. Não são precisos comentários!

4) Quanto às condições de trabalho, da orquestra, só verdadeiramente um inquérito livre a cada um dos músicos, se isso fosse possível no actual contexto, poderia objectivamente provar que, decerto por desconhecimento ou deficiente informação, o conselho de administração não toma na devida conta certas situações de facto. No meu caso (e só no meu caso é que posso falar) senti-me sempre discriminado em relação aos músicos estrangeiros durante os sete anos que permaneci na Orquestra Gulbenkian.

5) A Necessidade de uma Comissão eleita fez-se sentir a partir de determinados problemas criados pelo facto de um único elemento da orquestra, denominado «secretário» e nomeado pela directora de serviço, dever ser o porta-voz dos interesses da Orquestra junto da direcção e vice-versa. É tácil concluir que este regime não poderia ter êxito, pois o dito «secretário» parece que até auferia, embora a título precário e particular, um subsídio pela ocupação desse cargo.

Nessa altura foi aprovado pela orquestra um regulamento para a comissão (não um regulamento da orquestra — que nunca existiu) onde não constam as alíneas invocadas na nota da Fundação, particularmente a que diz: «zelar pela disciplina e pontualidade dos músicos nos ensaios e concertos» (sic). É uma das múltiplas, porventura nem das mais importantes questões que deveriam constar dum regulamento da orquestra, aprovado por esta, perante o qual constassem as responsabilidades e direitos que aos músicos assistem. Que sejam atribuídas funções policiais a colegas, e que estes aceitem, é uma coisa; mas que sejam eleitos para tal, seria um absurdo! A exorbitância das funções expressamente prescritas no regulamento da comissão por parte de um membro e a demissão de outro, determinaram a dissolução pura e simples da mesma.

6) O tipo de sondagem de opinião proposto à orquestra pelo serviço de música para escolha de um maestro, «que não implicava nenhuma obrigatoriedade por parte do mesmo serviço em relação ao resultado da votação» (cito de memória nota de serviço afixada), suscitou alguma controvérsia entre os músicos: a tal ponto que um dos «concertinos» e membro da comissão chegou a arrancar da tabela de serviço a nota anunciativa das percentagens, por não concordar com o sistema de contagem utilizado.

A carta dirigida recentemente à directora (a que na nota se faz referência) já depois da minha demissão, e assinada por 16 músicos entre os 44 que compõem a Orquestra, a provar alguma coisa, só provaria que o sr. Albert era repudiado pela maioria, e que a orquestra, pelo menos neste ponto, se encontrava dividida; para além de permanecerem obscuras as razões que levaram cada um desses 16 a assinarem a referida carta, cujo autor se desconhece. Sei de um que disse, em conversa, tê-lo feito «só para despistar»...

7) Em relação ao «Grupo de Música Contemporânea de Lisboa», não posso deixar de afirmar que, a partir de certa altura, e por motivos indecifráveis, muitas dificuldades nos eram criadas sempre que ao grupo se oferecia uma possibilidade de actuação fora e sem o concurso da Gulbenkian. As autorizações tinam de ser pedidas com trinta dias de antecedência (o que nem sequer era contratual), e antes do anúncio dos concertos na Imprensa. Ora, se por razões óbvias, um concerto era planificado com vinte dias de antecedência, ou se era anunciado na Imprensa pela entidade organizadora antes de nos dar a conhecer a data da sua efectivação (por condicionalismos do meio) já estava criado o pretexto, quando não para a recusa formal da autorização, pelo menos para uma alegada falta de cumprimento das cláusulas contratuais. Isto em relação aos músicos que faziam parte do Grupo de Música Contemporânea: porque em relação a outros faziam eles próprios gala de nunca terem pedido autorização alguma para tocarem onde quer que fosse. (poderia citar nomes...).

No entanto, pesa-me a consciência, isso sim, por ter sido um dos signatários do comunicado referido na nota da Fundação e publicado no «Jornal do Comércio» de 1 de Junho de 1971. Explico-me: Depois da publicação da crónica sob o título «O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e a Fundação Gulbenkian» da autoria de Mário Vieira de Carvalho, foi-nos sugerida pela directora de serviço a publicação dum «desmentido», caso não achássemos a crónica justa; além de que, se o fizéssemos (os cinco presentes), ser-nos-iam concedidas todas as facilidades para prosseguir com a actividade do GMCL. Decidimos fazer algo que impedisse a morte certa do Grupo, cuja existência era essencial para todos nós. Elaborou-se um texto, o «desmentido», o qual, no caminho para a fotocópia, até foi misteriosamente alterado; foi-nos indicado o chefe do gabinete de imprensa da Fundação para nos elucidar do caminho a seguir para a publicação do «desmentido» em todos os jornais de Lisboa e Porto, na Rádio e até na Televisão. Está visto, queria-se mesmo uma reparação à escala nacional! Só nos dirigimos, porém, ao «Jornal do Comércio», periódico onde tinha vindo a lume a crónica de Mário Vieira de Carvalho. Quando nos demos conta do logro já era tarde de mais... (Estranha coincidência o facto de o compositor Joly Braga Santos ter entregue, na mesma data, e decerto «espontaneamente», a declaração transcrita na nota da Fundação.)

. Como corolário, e talvez por o «desmentido» não ter sido mesmo feito à escala nacional, surgiu logo a proibição de actuar-mos no concerto seguinte do GMCL, depois de o serviço de música se ter assegurado que o mesmo não tinha sido anunciado na Imprensa. Suspensão por período indeterminado de autorizações e todo o tipo de obstáculos burocráticos silenciaram o Grupo durante seis meses, isto é: até que nos dispusemos (dois de nós), quaisquer que fossem as consequências, a tocar mesmo sem autorização. Perante esta posição de força, a autorização chegou nesse mesmo dia. Tudo isto prova que o serviço de música teve sempre uma relação aoGMCL recorrendo a todos os pretextos para dificultar a sua existência.

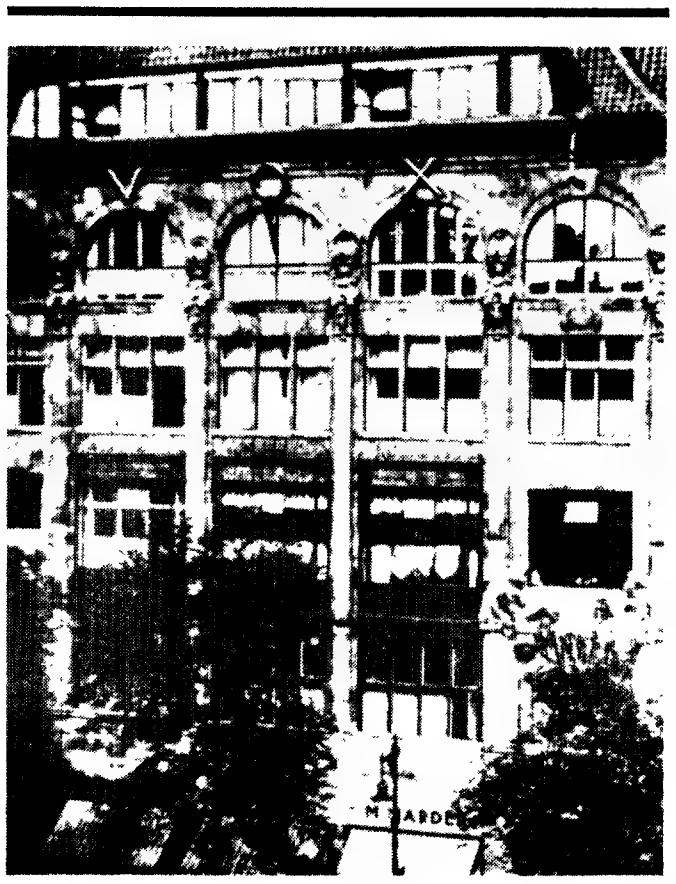
Esperando que estas rectificações possam contribuir junto do conselho de administração da F.O.G. para um esclarecimento sobre situações reais, e quantas vezes dolorosas, solicito e . Ex.ª sr. director, a publicação desta resposta.

•ANTÓNIO DE OLIVEIRA E SILVA

A POSIÇÃO DO SINDICATO DOS MÚSICOS

. Dirigida ao nosso Director, recebemos do Sindicato Nacional dos Músicos a seguinte carta:

. Tendo vindo a público no jornal que V. Ex.ª dirige determinados problemas que se levantaram no âmbito da actividade musical da Fundação Gulbenkian, o Sindicato Nacional dos Músicos dá o seu apoio a um debate público sobre o assunto, e coloca-se desde já à disposição de todos os músicos interessados. a) Leão d'Almeida.



Vista parcial da fachada do velho prédio de Berlim, o «Vox-Haus», onde nasceu há 50 anos a rádio na Alemanha.

COM PROVÉRBIO

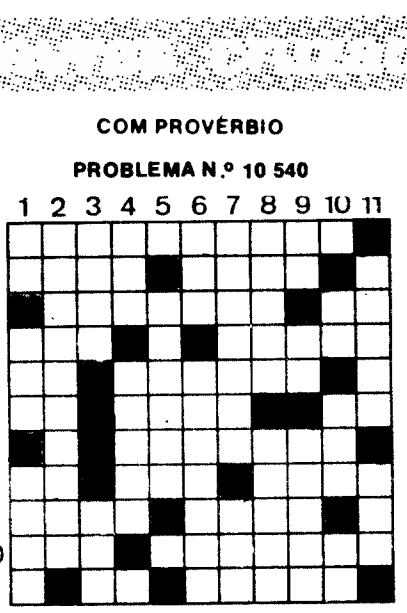
PROBLEMA N.º 10 540

HORIZONTAIS

1 Empecilho aparato (pl)
2 Subido para conduzir água Cidade do estado de São Paulo (Bras)
3 Relativo a Nesse lugar
4 Pele de Velha
5 Tempo do verbo ser Espécie de choupos
6 Manuscrito Rabino O mesmo que uma (ant e pop)
7 Arborizas
8 Prefixo de negação Tempo do verbo ir Nome de letra (pl)
9 Prega Ruga na pele
10 Pega Pertenças
11 Soltar-se Primeira parte do nome de uma vila e sede de concelho (Vila Real)

VERTICAIS

1 Aparência Caminha para cá Levantar
2 Padecessemos
3 Nome de letra (pl) Pelos de certos animais
4 Grande quantidade Lavra-va
5 Menciona
6 Irmã da mãe Chegam a beira
7 Vexar Voz usual entre os índios e caboclos da Amazónia e que exprime espanto alegria e mofa
8 Transpirado Refegos
9 Em partes iguais Osmio (s.q) Toma nota de
10 Artigo definido Empregue Preposição e artigo definido
11 Bando de animais correndo Catedrais



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

— Vá, Luisa, já para casa e sem resmungar.

NOVA MODALIDADE

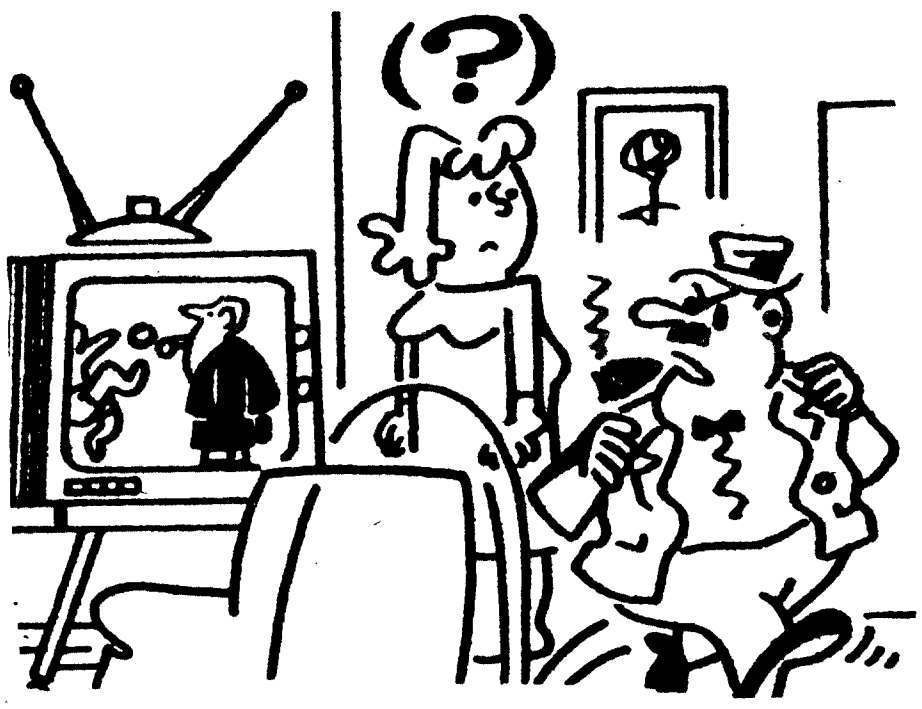
PROBLEMA N.º 6 697

HORIZONTAIS:

1 Obrigação Moeda asiática.
2 Levar à sirga. Aguçar
3 Vais para fora Queima
4 Cálcio (s.q) Filtra. Átomo
5 Rádio (s.q) Guarnece de arames Autores
6 Composição poética. Ilha do estado da Baía
7 Expulsais Aparte mais grosseira da farinha, que fica na peneira depois de peneirada
8 Aleia Barriga da perna.
9 Ler
10 Prendera com elos Cai a cama
11 Rústico Tempo do verbo ser

VERTICAIS

1 Cabelos brancos. Debelar
2 Acomete O mais. Lutécio (s.q)
3 Ratava Oprimir
4 Fluido aeriforme Transfere para outro dia Batráquio
5 Sufixo que designa estado Acreditas Forma apocopada e proclítica de vale
6 Corda de reboque Berilo (s.q)
7 Basta O mesmo que emir Freguesia do concelho de Penafiel
8 Azafama Aniversário Cerro (s.q)
9 Antiga cidade da Capadócia, Ária Menor Arrendar
10 Consome Aparência Cânhamo de Manila
11 Arara Ficar assoberbado



Mudei de opinião, vou mesmo ao estádio pois tenho necessidade de dizer umas coisas «ao vivo» ao arbitro...

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 539

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Estar Mac	1 E Clamosa
2 Sam Calava	2 SS Arido AS
3 Lapas Nio	3 Tal Mãe Adi
4 LA VAI Cais	4 Amavam Ibo
5 Armão. Sãs	5 Pão Pai
6 Miam Portal	6 Cai Pescou
7 Ode. Pelarei	7 Mas Sol Ais
8 Ro las Sara	8 Al. Caras As
9 O Abica Sem	9 CANASTRAS
10 Sado Oia Ao	10 VII. Aéra.
11 Asi RUSSO.	11 Laos Llamos

Provérbio: LA VAI O RUSSO E AS CANASTRAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 696

HORIZONTAIS	VERTICAIS:
1 Formosa	1 Namur Parto
2 Ab Saida Ma	2 Bali El Si
3 Mal Moi Mel	3 Laparo SS
4 Ulano. Adoro	4 Os Nato Ano
5 Ripas Varas	5 Ramosa Aves
6 Ata Aro	6 Mio Adi.
7 Pero Asas	7 Odiava Asso
8 Aló Ada Are	8 Sa Dara Air
9 Avisa	9 Morosa Ag
10 Tisne Siara	10 Mera Ar Rã
11 Ossos. Orgão	11 Galos Serão

"COMENTE O SEGUINTE TEXTO:"

Continuação da pagina três

no do real» ao infiltrar-se subtilmente nas tragédias ocultas em cada um sob palavras e gestos bem comportados. Como disse Augusto Abelaira na apresentação do livro:

«Quarenta jovens (...) prestam as suas provas comentando um texto, sob a vigilância do professor, também jovem, de resto. Não só. Porque, tanto para os alunos como para o professor, o mundo não deixou de existir (aquele exame é um simples parênteses) e esse mundo que ficou lá fora vem ter com eles através das janelas, transforma-se ele próprio num texto (o tal livro da natureza de que falava Galileu), exige também um comentário».

É esse comentário implícito do «mundo que ficou lá fora» o que se vai descobrindo pouco a pouco mesclado a um «texto a comentar» (e um «tema de desenvolvimento» mais vago e subjectivo do que o primeiro). O que a «escritura» vai desvendando é o idealismo impulsivo e desnorteado de jovens estudantes que oscilam entre a «evolução» (através do Saber e da conscientização objectiva dos Problemas), a «acomodação» (cedendo às vantagens da integração voluntária no sistema) e a «revolução» (acção frontal), agressiva e por vezes suicida). O que vai emergindo à superfície da palavra caótica ali inscrita é a desfasagem entre os anseios interiores de cada um (no desejo de ajuste à vida social/profissional e de fidelidade à sua verdade autêntica) e as oportunidades da vida exterior. Desfasagem que acarreta inevitavelmente as mais díspares reacções: perplexidades, indiferença, paixões, revoltas, angústias...

Literatura de transgressão que funde o «compromisso» e o «jogo», este COMENTE O SEGUINTE TEXTO escrito entre 1968 e 1969 (época extremamente conturbada na área universitária de todo o mundo, a partir da eclosão «Maio 68» na França), é entre outras coisas o registo lúcido e pungente do aturdimento de um punhado de jovens idealistas, cujos sentimentos de frustração se mesclam com as tentativas de «comentário» do texto imposto para exame.

«Flávia escrevendo palavras enganadas com outros significados com certeza pessoas mortas ideias mortas antigas novas ideias feitas Tão do outro lado incompreensíveis O que é preciso é mentalizar a malta Escrevendo numa folha muito longa de papel Escrevendo letras A forma deste trecho harmoniza-se bem com o seu conteúdo Trata-se aliás dum conteúdo saudosista e por isso mesmo reaccionário O autor em vez de analisar a sua ingância e de ver nela o que há de positivo ou negativo compraz-se na recordação dum tempo que não pode voltar de maneira nenhuma Por isso não posso deixar de dizer que me desagrada uma prosa como esta com laivos de formalismo e decadentismo...» (p.132)

. Evidente denúncia das distâncias que podem separar escola e vida (ou sociedade e indivíduo) este romance vai, num crescendo sem vazios ou lacunas, do registo global de várias mentes reagindo a um só estímulo (o «texto» e o «tema») até ir-se concentrando em uma só: nas reacções de uma estudante («Ela»), __ alguém que divaga ou escreve imaginárias cartas a um Jorge muito amado e a outros amigos ou amigas, suprindo o seu próprio vazio mental diante de um «texto mudo» a comentar.

(...um texto vazio escrito por quem por quem? onde ela via tudo e donde não conseguia tirar mais nada porque lá via tudo porque lá não via nada Um texto mudo que ela não conseguia abrir»

. Fragmento de um parágrafo repetido quase uma dezena de vezes no decorrer do romance (verdadeiro «leit-motiv»...) esse trecho revela uma reacção que, entre suas múltiplas conotações, denuncia o abismo que, via de regra, separa aquilo que o aluno é obrigado a conhecer (ou a expressar) nos vários estágios de seus estudos e aquilo que é necessário e real para cada um. Daí, nos vários fragmentos de «comentários», encontrarmos a presença de frases feitas e vazias que apenas continuam a farsa do convívio social, onde quase tudo se mascara em fórmulas convencionais. Farsa, aliás, de que bem poucos têm consciência e que se mostra nítida e cínica em um certo Carlos evocado por «Ela»:

«Carlos

Tudo o que escrevias era igual Disso te rias Enquanto fazias pontos de exames frequências provas várias te rias porque aquele não era tu Alinhavando como com cordel com guita grossa alinhavando mal umas palavras quaisquer que desprezavas que escolhias por desprezar Delas te rindo nos intervalos delas sorrindo Ó pá o que interessa é inventar uma terminologia que pegue o resto são tretas e então partindo por esses cafés por lá andando certo certíssimo de que ao sair da prova dele seria senhor doutor Marcando encontros reuniões esquecendo os exames» (p.172)

. As divagações que fluem ininterruptamente das várias mentes ali concentradas no «texto a comentar», ao fim e ao cabo nos vão revelando os anseios bloqueados daquele grupo jovem que sentindo a necessidade de mudar a sociedade; que percebendo confusamente as falhas e lacunas de um sistema de ensino ultrapassado; que, incapaz ainda de distinguir as novas coordenadas a serem traçadas, se perde naquele momento de crise em planos e acções frustradas.

É o que se depreende das imaginárias cartas ao Jorge «prisioneiro», que «Ela» tece em lugar do «comentário» que deveria aptová-la nos exames. Nelas se vê claramente a oscilação em que se debatem todos eles, entre o compromisso e a alienação, ou melhor, entre a «luta» pelo ideal renovador e a sensata «acomodação» às regras vigentes e castradoras.

«Não sei mas há qualquer coisa em mim que me faz tratar as coisas como pessoas Sussurrando baixo estas confissões nocturnas que ali tinham de dia. E depois parece que o importante era conscientializar as massas. Frigoríficos, transistors e mesmo automóveis já se têm quantos se querem Ninguém quer porque isso é o mais difícil e ninguém sabe. Ninguém imagina...) E há tanta coisa bela. Mas á noite chorava com vergonha dos adjectivos hipócritas que empregava sem saber se acreditava ou não nas enormes e pesadas palavras que ouvia e dizia às tardes nos pinhais adormecidos onde todas as tardes se encontravam» (p.133)

. Para além de seu alto nível experimentalista com a palavra, COMENTE O SEGUINTE TEXTO expressa uma inequívoca consciência política, __ não no sentido vulgar de partidarismos estreitos, mas no superior conceito do termo: a consciência das estreitas relações de inter-dependência, existentes entre o comportamento individual e os sistema de valores que visa manter o equilíbrio dinâmico/progressista da vida colectiva.

Daí decorre o amálgama (pedagogia/ emotividade/ cultura/ /política) que oferece corpo á escritura aqui forjada, mostrando de maneira inequívoca (principalmente através do enfoque pedagógico/ político) a interdependência dos fenómenos que tecem a vida da nação. Entre inúmeros índices desse amálgama destacamos quase ao acaso o momento (remomorado por alguém) em que um grupo de estudantes resolve organizar um ciclo de conferências para trazer a debate os problemas que os angustiavam.

«À volta duma mesa enorme comprida estreita em cadeiras largas todos sentados com papéis pequenos e cadernos à nossa frente Alguém falando falando Alguém desenhando pássaros e flores (...) Levantando alguém o olhar dos desenhos de flores automáticas que fazia e exclamando. Isso não porque Explicando-se explicando as tarefas que haveria e gritando Porque o que antes de mais é preciso é Não porque qualquer acção pedagógica envolve uma política é neste momento retrógrada e reaccionária é necessário politizar a malta. Nas escolas a politização deve fazer-se através dos problemas pedagógicos Atentar nos problemas pedagógicos é ficar de braços cruzados e colaborar com eles Mas se quer fazer política é provocar e provocar é uma colaboração ainda maior. Ficando o resto da gente calada a olhar os gestos grandes que cada um deles fazia». (p.75)

. E o registo prossegue nesse caótico fluxo de lembranças que sobem à tona da memória, denunciando nitidamente os anseios dispersos num mar de interrogações e dúvidas, por falta de uma definida (e impossível?) linha de conduta objectiva.

Realmente, em poucos livros de adesão ao experimentalismo, encontramos fundidas de maneira tão essencial as duas atitudes imprescindíveis à criação literária actual: a do «gesto lúcido» que trabalha com forma e a da «consciência compromissada» que manipula as ideias. Dessa fusão resulta o nível criativo e provocante atingido aqui por Eduarda Dionísio na manipulaçãp da «escritura», onde uma incrível multiplicidade de camadas se superpõem a partir de um simples «texto a comentar»...

É das leituras que o leitor interessado não pode ignorar.

EXAMES DE 2ª ÉPOCA
(2º e 3º CICLO)
preparação intensiva,
a partir de 1 de Agosto
-pequenos grupos
-preços acessíveis
EB Externato Bocage
(próximo de Sete-Rios, frente ao 325 da Estrada de Benfica)
Tel. 78 24 64 e 78 40 24

HOTEL CASTOR PORTO
AR CLIMATIZADO
TEL. 28691
R. DAS DOZE CASAS, 17

■ ARTEL 4
PHILIPS
música para férias!
OFERTA TEMPORÁRIA NA COMPRA DE UM RADIOGRAVADOR PHILIPS
A MÚSICA QUE V. PREFERE, NOS LOCAIS QUE MAIS LHE AGRADAM. A GRAVAÇÃO DAS HORAS MAIS ALEGRES DAS SUAS FÉRIAS
RADIOGRAVADORES PHILIPS
3 MUSICASSETTES
2 CASSETTES
5+1* APENAS PELO PREÇO DE UMA MUSICASSETTE
*CASSETTE INCLUÍDA NO APARELHO
225$00

OPORTUNIDADE DE POUPAR MAIS DE 500$00
PHILIPS

LIVROS RECEBIDOS

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A FORMAÇÃO CONTÍNUA DOS ADULTOS
Pierre Goguelin
Tradução de Hermano Neves
Colecção Saber — n.º 30 SE

A ESTRADA DE SÃO CARLOS
Eduard Klein
Tradução de Maria Teresa de Sousa Beirão
Colecção Europa-América Juvenil — n.º 34

AVERSÃO À ESCOLA
Marie Gabriel
Tradução de Ivone Coutinho
Colecção Biblioteca dos Pais — n.º 6

FILHOS DE TORREMOLINOS
James A. Michener
Tradução de João Guerreiro Boto
Colecção Século XX — n.º 118

TENDA DOS MILAGRES — 3.ª edição
Jorge Amado
Colecção Obras de Jorge Amado — n.º 1

A MORTE DO CÃO (2)

. Se a constante referência a cães, ao cão, em **Nítido Nulo e em Alegria Breve** não pode ser gartuíta nem inconsequente, também a antipatia por eles (ou a simpatia que haverá nessa antipatia) não poderá deixar de falar de quem lha vota, o narrador. Até porque ela é abundantemente «justificada» em qualquer dos textos. Fiquemo-nos, por exemplo, no de **Alegria Breve**.

A primeira referência, que surge logo na primeira página, dá bem o tom de todas as outras:

. **«Dois cães assomam à porta do quintal, chupados de ódio e de fome. Ainda há cães pela aldeia? Babam-se e uivam sinistramente. Tomo uma pedra, disparo-a contra um, desaparecem ambos a ganir»** (pág. 9).

Sempre do ponto de vista do narrador-protagonista, o professor Jaime Faria, que «começa» (espacialmente falando) por estranhar que ainda haja cães (onde quase todas as pessoas já morreram), os cães vão sendo definidos de modo inequívoco:

— chupados de ódio e de fome (p. 9)
. — cães de morte (p. 122)
. — cães passadistas (p. 160)
. — cães vadios (pp. 223, 244, 250)
. — corridos à pedrada (pp. 9,244, 273)
— babam-se (p. 9)
. — ganem (p. 9)
. — sangram (p. 244)
. — engalfinham-se (p. 244)
. — esmordaçam-se (p. 244)
. — podem assaltar (p. 13)
— podem despedaçar às dentadas (p. 14)
. — podem comer cadáveres (pp. 123,198, 251)
. — têm o olhar angustiado (p. 35) ou rendido (p. 211)
. — esperam o impossível (pp. 12, 20)
. — choram (pp. 160, 273)
. — metem medo (p. 244)
. — prolongam o desespero (p. 252)
. e, sobretudo, uivam — não **ladram** —, uivam, uivam
— sinistramente (p. 9)
. — longamente, angustiadamente (p. 12)
. — como um gemido fundo (p. 25)
. — prolongadamente (p. 35)
. — cruzadamente (p. 123)
. — incessantemente (p. 124)
— nos fundos da serra (p. 12)
. — longe (pp. 12, 25, 122)
. — no vento (p. 35)
. — no horizonte da vida (p. 120)
. — perto (pp. 12, 122)
. — na porta do quintal (p. 241)
. — pelo céu (p. 252)
. — no escuro das matas (p. 260)
— na noite (p. 264)

— Os uivos dos cães, que só muito raramente deixam de se ouvir (**«Os cães sossegaram»**, p. 13; **«Nunca mais ouviste os cães»**, p. 160) sobem, ressoam, ecoam no ar:

. — Vem dos fundos da serra, serpeia à sua volta, sobe ainda por cima de mim, em espiral (p. 12)
. — ondeou pelo ar (p. 20)
. — Embate no céu de cinza, depois desce pela encosta, desfaz-se no horizonte (p. 25)

. — Prolongam-se nele (no vento)(p. 35)
. — Passa o uivo sobre a casa (p. 36)
. — sobe direito pelo ar (p. 58)
. — sobem em espiral até à imensdão escura do céu. Enovelam-se na música, arrepiam-se nela com volúpia (pp. 90, 91)
. — Estriados de desespero, enrodilhados sobem em mim, os uivos além dos astros, embatem no vazio dos céus (p. 207)
. — Uivam pelo céu, prolongam o desespero dos confins da terra (p. 252)
. — O que se passa com dois cães (p. 9, 272), cães (p. 9), os cães (pp. 12, 13, 21, etc.), um cão (pp. 20, 25, 58, etc.), a cainçada (p. 244) é mais ou menos exactamente o que se passa com os dois cães que têm direito a um nome em **Alegria Breve**: a cadela **Lira, «velha cadela de caça»**, que em pequena mordeu o narrador-protagonista — do que ele guarda a marca (p. 128) — viu morrer o pai dele (p. 145), e que **«uivava desesperadamente»**, a ponto de ter de ser fechada num barracão (p. 146); e, sobretudo, **Médor** que, como já sugerimos, ocupa um lugar especial no pensamento do narrador-protagonista ou no romance, embora, curiosamente, pareça esquecido ou desprezado na sua primeira parte. Com efeito, só é identificado ou nomeado pela primeira vez na p. 92, e por causa do seu uivo, embora também ele **uive** desesperadamente (só por duas vezes é dito que ele **ladra**: **«Ladras a quem passa»**, p. 132; **«ladrou à porta do quintal»**, p. 220). Mas, até às últimas páginas do romance, **Médor** não mais sairá da sua acção, ou da memória do narrador-protagonista, que em três das 21 sequências que lhe consagra no-lo descreve com precisão:

. **«Magro, pernilongo, surrado de miséria. O inglês adoptou-o, depois foi-se, deixou-o para aí. Humilde, passou a esmolar às portas de toda a gênte. Corriam-no a pontapé, ele perdoava, resignado. As casas iam fechando, ele reduzia o seu giro. Por fim, como um maníaco, andava de minha casa para a casa de Águeda, num vaivém de lançadeira sem tecido para tecer. Um dia morreu»**. (p. 120).

«É um cão reles, surrado a fomes e abandono. Tem o pêlo amarelado, não de um amarelo de origem, mas do das coisas que envelheceram. Pende-lhe o focinho para a terra. Pende-lhe tudo para a terra, mas as pernas abertas estacam-no ainda no ar». (pp. 131-132).

«Uma vez apareceu com um cão — não sei onde o arranjou. Deu-lhe um nome rico, chamava-lhe Médor. Creio que é um nome literário — onde li já este nome? Era um cão passivo, suponho que o capou. Era um cão feio, da cor das coisas velhas». (p. 185).

A **Médor**, porém Jaime Faria já não dá simplesmente, como aos outros cães, a sua tolerância, o seu desprezo ou o seu nojo. (Uma vez deu a um cão também a sua piedade — mas logo se arrependeu: **«Um dia, por fraqueza, chamei-o, dei-lhe um osso. Foi um acto imprevidente»**, p. 20). E já não se limita a atirar-lhe uma pedra, como fez aos dois cães (um deles, aliás, talvez o próprio **Médor**) do início (p. 9) ou do fim (pp. 172-173) do romance (porque o episódio parece o mesmo). A **Médor** Jaime Faria mata-o. Quando diz, na segunda sequência em que dele fala, **«um dia morreu»** (p. 120), quer dizer: «um dia matei-o».

Porque, páginas adiante, é ele próprio que se encarrega de descrever pormenorizadamente como matou **Médor**: numa tarde **«nítida e árida»**, um uivo do cão (**«pequeno ganido, recolhido choro»**) parece perturbá-lo: vai à janela, reconhece-o, chama-o, ele mostra-se receoso, chama-o de novo; vendo que não reage, tenta atraí-lo com comida, mas ele escapa-se; persegue-o (**«Temos de decidir tudo antes que seja noite»**), guia-se pelos seus ganidos, reencontram-se, trá-lo para o pátio já quando **«a noite cresce»**, amarra-o com uma corda a uma oliveira, pede-lhe para comer e, num momento em que ele deixa de mastigar, alinha os canos, toca no gatilho, **«um estrondo pavoroso abala o ar»**: o tiro **«acerta-lhe no crânio»**, o corpo **«tomba de lado sobre a neve»** (pp. 131-137).

Se as referências insistentes a cães em **Alegria Breve** já nos deixavam, só por si, algumas suspeitas sobre a sua importância na acção ou no significado desse romance, o episódio da morte do **Médor** só pode apoiar essas suspeitas e sublinhar essa importância. Até por que ele ocupa no romance as dimensões de um capítulo — mais de seis páginas —, e ocupa exactamente o lugar central: as páginas 131-137 de um livro que tem 276, o capítulo XVIII de um romance que tem XXXV.

Assim, parece óbvio que o estudo do que representa o cão em **Alegria Breve** não é de modo nenhum um estudo marginal; não se pode entender esse romance se não se entende a função que nele desempenha o cão. Mas também parece óbvio que o episódio da morte do **Médor** só pode entender-se quando se têm em conta as outras referências — e vice-versa.

VILAMOURA

TROTE ATRELADO E GALOPE

com o patrocínio da COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE

quinta feira 6, sábado 8
e domingo 9 de Setembro de 1973,
às 15 horas
no Hipódromo de Vilamoura

HAVERÁ APOSTA MÚTUA "BETTING"

PRÓPRIO PELA
SOMOTEL - Sociedade Portuguesa de Motéis, SARL
Rua Vitor Co[illegible] n. 37-5º Dto - LISBOA Telef. 362708

através do seu
CENTRO HIPICO DE VILAMOURA Boliqueime-Algarve-Telef. 66108/66271

Agência Geral de Relações Públicas

Rua de Pereira Forjaz, 167-1.º, Esq. Salas AI, AN e AO
Endereço Telegráfico: ARMAL Tel. 36720 — Luanda-Angola

TRATAMOS EFICIENTEMENTE DE:

Legalização de prédios rústicos e urbanos ★ Cobrança de dívidas ★ Empréstimos nas instituições de crédito ★ Compra e venda de propriedades ★ Administração de prédios ★ Alvarás comerciais e industriais ★ Trespasses ★ Contactos comerciais ★ Bilhetes de identidade ★ Passaportes ★ Licenças de uso e porte de armas (caça e desporto) ★ Empregos e colocações ★ Matrículas nos liceus, escolas preparatórias e técnicas

TODOS OS SERVIÇOS QUE SE RELACIONEM COM REPARTIÇÕES PÚBLICAS, BANCOS, COMPANHIAS DE SEGUROS, ETC.

DISPOMOS DA COLABORAÇÃO E ASSISTÊNCIA JURÍDICA DE ADVOGADO DE RECONHECIDA COMPETÊNCIA

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

EXCURSÕES CP

Carruagens de grande conforto (1.ª classe); autocarros de grande turismo e Hotéis seleccionados

Fim-de-semana em 8/9 de Setembro

«COMBOIO HISTÓRICO»
VIAGEM NO VALE DO TÂMEGA

- Um passeio inesquecível, por entre o Douro e Terras de Basto, nos mesmos luxuosos salões onde viajaram El-rei D. Carlos e os Presidentes da República, Marechais Carmona e Craveiro Lopes.
- Visitas ao Porto, Amarante e Guimarães.
- Alojamento em Hotel de 1.ª classe, no centro do Porto.
- Almoços em restaurantes típicos da cidade-invicta e em Amarante.

PREÇOS (TUDO INCLUÍDO)

Lisboa	850$00	Santarém	820$00
Évora Beja	960$00	Coimbra	690$00
Faro Lagos	1.050$00	Aveiro	650$00

Redução para grupos de 10 ou mais pessoas e para crianças

RESERVAS E DISTRIBUIÇÃO DE PROGRAMAS COMPLETOS:
— Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e T. Paço
— Centrais de Caminho de Ferro de Lisboa
— Rua do Arsenal 124-1.º — Lisboa

Organização — Telef. 36 75 29
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

VERÍSSIMOS SALDAM

GRANDE SORTIDO EM CASACOS E BLUSÕES DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA, TODO O RESTO DA COLECÇÃO DE VERÃO DE PRONTO A VESTIR — CENTENAS DE CAMISAS DE PADRÕES RECENTES, CALÇÕES DE BANHO, MALHAS, CALÇAS, BLUSÕES, ETC.

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

EXTERNATO GIL VICENTE

RUA GENERAL GARCIA ROSADO, N.º 10, R/C.
Telefone 56 27 58 (à Estefania)

PREPARATÓRIO E LICEAL

★ Professores diplomados e experientes
★ Biblioteca para uso dos alunos
★ Laboratórios de Letras e Ciências
★ Mensalidades muito acessíveis
★ Aulas: manhã, tarde e noite
★ Bolsas de estudo aos alunos que se inscreverem até ao dia 16

Folhetim-artístico

José-Augusto França

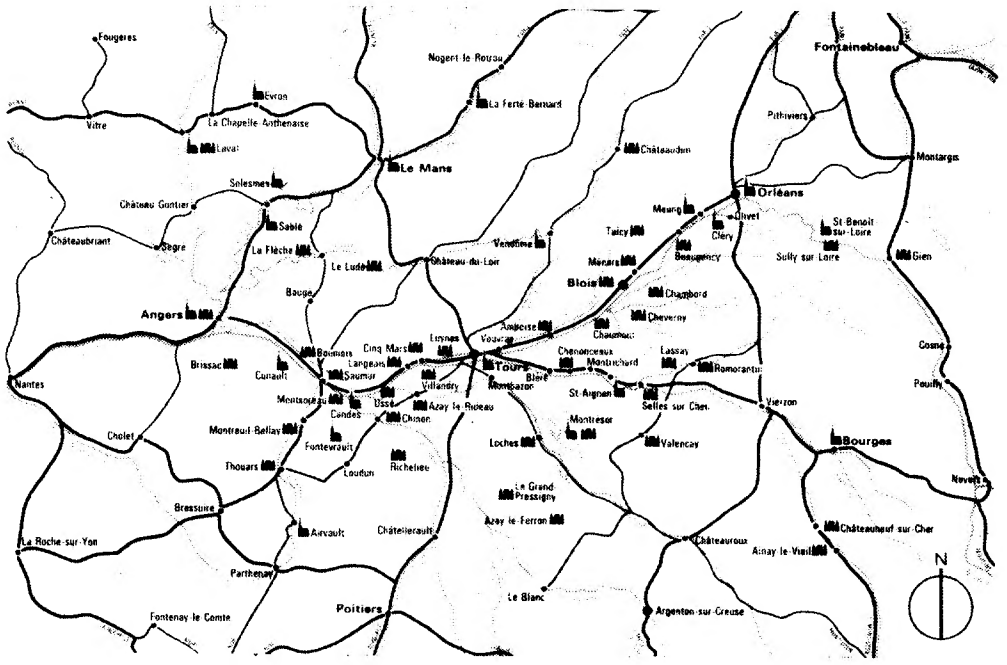
TRÊS PALÁCIOS DO LOIRE

Entre as muitíssimas coisas ilustres que não conheço estão os «châteaux de la Loire» — prestigiosas coisas de uma civilização francesa que, construindo-os, se definiu. Há não sei quantos anos que adio a viagem por preguiça parisiense e horror do turismo, mas agora, meio angevino de adopção, tenho-os a cem quilómetros de casa e em três ou quatro expedições darei conta deles. Para começar, contarei como, ontem mesmo, fui a Amboise, a Blois e a Chambord, deixando outros castelos pelo meio, entrevistos apenas entre árvores ou ao fundo de relvados — Cheverny, Chenonceaux, um ainda na família que o fez, outro, que foi da bela Diana de Poitiers, na posse actual da família dum chocolateiro, prestigioso tmbém, o Menier. E muitos mais — sem falar do castelo de Angers, que é outra coisa, fortaleza de São Luís e do «bon roi René», o qual aliás construiu o belo castelo de Baugé, com as suas «tourelles» e suas grandes lucarnas «à gâbles», aqui ao pé da porta.

Amboise só tem duas estrelas no guia Michelin, Blois e Chambord (como, de resto, Chenonceaux) são os únicos a merecerem as três da classificação máxima. Mas Amboise possui um interesse especial, apesar das destruições sofridas no tempo. Obra de Carlos VIII, ali a Itália se introduz no gosto francês, ou o Renascimento francês começa. Foi de Itália que o jovem rei trouxe arquitectos, escultores, jardineiros, decoradores e alfaiates também — e, em 1496, a campanha de obras, começada quatro anos atrás, mudou de rumo, subtilmente, ainda hesitante. A fortaleza medieval casa-se com o palácio italiano; Amboise é o primeiro sinal dessa mutação de cultura e de mentalidade.

Na capela de Santo Huberto, escultores flamengos, anteriores à equipa italiana, rendilharam a pedra num gótico flamejante que não tem par: é o fim esfuziante de um gosto e de um código. Leonardo da Vinci (que Francisco I faria vir de Itália e morreria no pequeno palácio du Cloux, o Clos-Lucé de hoje, ao pé do castelo) está enterrado ali, ligando os dois mundos imaginários de que o seu génio participou.

Francisco I elevou-se, ou terminou, a grande fachada do palácio que dá sobre o Loire, ao alto da muralha — e é um cenário prodigioso, no entendimento do sítio. Ao lado, ligada a ela, a torre circular cuja rampa interior leva os cavaleiros da margem do rio ao alto da esplanada e aos seus jardins e aposentos. Funcional e simbólica ao mesmo tempo, e elemento festivo, a torre do castelo de Amboise liga, por seu lado também, duas épocas do mundo francês.



Mapa do vale do Loire

No interior do castelo, Carlos VIII e sua mulher Ana de Bretanha deixaram profusamente as suas marcas heráldicas — ela as «cordas» franciscanas, como preito à Ordem Terceira a que pertencia. E do círculo do famoso cardeal Georges d'Amboise, ministro das Finanças de Luís XII e obreiro também, vieram para Portugal alguns dos primeiros escultores do tardo-gótico manuelino. (A quem se deverá o cordame de sugestão marítima que definiu este estilo — na genealogia das formas decorativas cuja vida tem uma lógica sempre circunstancial?)

. No interior ainda, uma galeria de retratos dos Orleans que ainda são hoje os proprietários do castelo — e é uma vasta representação da obra do famoso Winterhalter, princesas e príncipes do manso romantismo luis-filipino, em elegância dançarina...

No interior de Blois (horrivelmente decorado com o gosto «kitsch» do mesmo Luís Filipe), são as pinturas «salonnardes» do assassinato do duque de Guise que, no próprio local do crime, animam os visitantes... Charles Comte pintou a cena da falsa reconciliação real, Paul Delaroche o assassinato propriamente dito — num quadro que, como se sabe, havia de inspirar o célebre filme de 1913. E felizmente que Alexandre Dumas assistiu à cena para nós sabermos que o triste Henrique III achou o duque ainda maior depois de morto que em vida!

. Amador de interiores de palácios e castelos, onde há sempre coisas inesperadas, e se colhem informações preciosas e inéditas, apesar de estarem à vista de toda a gente, desde já digo que o interior de Chambord é mais interessante ainda — com o museu do conde do mesmo título, o último do ramo maior dos Bourbons, Henrique V dos seus partidários legitimistas. Unico neto de Carlos X, era filho póstumo do duque de Berry o qual teve outro filho ainda mais póstumo, dada a liberalidade da viúva que, dando-o à luz na prisão onde as suas actividades políticas a tinham lançado, fez rir a França inteira, lançando uma sombra cómica sobre a causa realista. Henrique (V), recusando, em 1871, a bandeira tricolor e teimando em impor a branca do seu oitavo avô Henrique IV, não mostrou menos humor que a mãemãe...

Em Chambord, cem retratos, gravuras, objectos recordam o pretendente — e, entre eles, gravada em prata, a sua famosa declaração é oferecida aos turistas indeferentes e esfalfadoss...

Mas Blois é outra coisa, e Chambord também.

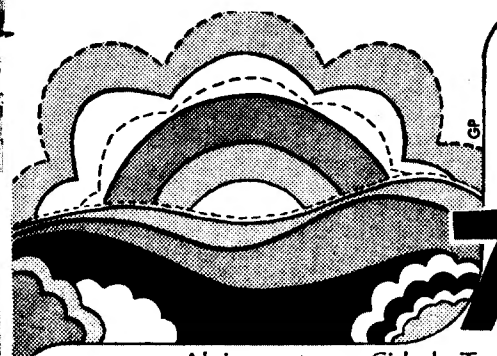
Blois é esta sucessão histórica de estilos, que vão desde o século XIII a meados do século XVII, em campanhas sucessivas de obras — desde uma época medieval expressa numa rotunda torre defensiva e na «Sala dos Estudos», ou do Conselho (enorme sala senhorial dos antigos condes feudais de Blois em permanente luta contra os de Anjou, os Plantagenetas), até à época em que se opera a transição entre o gosto gótico e o da Renascença (e as duas alas, do príncipe-poeta Carlos de Orléans e de seu filho e primeiro rei do seu ramo, Luís XII, em meados e fins do século XV, representam essa tímida transformação que se acelera, ao exemplo de Amboise: os arcos abatidos, já, e uma decoração que se afina em torno das lucarnas, e, sobretudo o casamento da pedra e do tijolo que parece ter sido feito pela primeira vez em Blois), e até ao Renascimento francês de Francisco I, com a admirável fachada de «loggias», meio italiana mas com uma organização um tanto fantasista, que mascara a muralha medieval — e, sobretudo, sobre o pátio interior, a célebre escada octogonal, aberta para o pátio, formando janelas sobrepostas, de aparato, para assistir a festas, como tribunas finamente decoradas, cuja inclinação (este movimento de viés que é atributo maneirista, quase emblemático...) lhes fornece um encanto suplementar e necessariamente ambíguo.

Mas já, fechando o pátio, outra fachada se impõe, traçada por Mansart para o irrequieto irmão de Luís XIII. Um palácio volumoso e grandioso, com uma admirável escadaria interior em que o espaço ordenado desafia as amplidões barrocas que outro gosto contemporâneo simula. Sobre o exterior, é uma fachada imensa — e tudo isso obra inacabada.

Olhando em volta, a história da arquitectura francesa desenrola-se aos nossos olhos, vivamente compendiada — e, mais do que isso, ali em parte nascida. Mentalmente, um gosto modifica-se e exprime ou afeiçoa maneiras de viver e de sentir de quatro séculos sucessivos. Por além dele, na sua fase final, perfila-se já a França do «Rei-Sol».

Em Chambord, outra obra de Francisco I, anuncia-se Versalhes, pela imponência, pela vastidão das suas 440 salas. Visto subitamente, para além do parque — é como uma aparição, massa luminosa de pedra, com o coroamento negro dos multiplos telhados de ardósia. Entre as gravuras e as fotografias que se possam ver e a realidade, há uma grande distância de surpresa, que Versalhes afinal não oferece.

Depois é a grande escadaria central que faz pensar nas lucubrações de Leonardo, em duplo lançamento, aberta sobre os andares e levando à cenografia fantástica do terraço entre torreões, «gâbles», pináculos que são como «tempietti» da Itália querida do rei que (lição para muitos!) tão bem soube assumir um cativeiro de batalha perdida, que dele fez renascer a grandeza de uma civilização ocidental...



Férias na MADEIRA

7 dias 3250$

Alojamento na Cidade Turística da Matur em moradias e apartamentos independentes. Viagem de avião a jacto, Transfers. Dormida e pequeno almoço. Excursões e visitas.

Informe-se sobre as facilidades de pagamento concedidas na sua Agência de Viagens ou no Departamento de Relações Públicas da Matur, Avenida Infante Santo 56a tel.661036 Lisboa

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS ATÉ 22 DE SETEMBRO

Ano lectivo 1973/74

No presente, o seu filho tem que estudar muito. Ajude-o dando-lhe artigos de superior qualidade. Prefira Pelikan

Pelikan

Para uma crítica de artes plásticas

JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

PARA QUÊ A CRÍTICA ? (3)

Nas duas semanas que se passaram, depois de ter abordado alguns dos tipos fundamentais de crítica e de ter abordado uma possível definição provisória para esta actividade (1), tentei uma aproximação da crítica na sua função nas sociedades ocidentais, chegando assim (2) ao limiar do que mais me interessava, porque muito mais urgente e necessário: Como, para quê, o que é a crítica em Portugal de 1973? E esta página, que ocupa num suplemento literário, que poderá significar?

Quatro críticos portugueses à mesa de um café. Quadro de Nikias Skapinakis, actualmente na Brasileira do Chiado

AQUI

Em primeiro lugar, temos um jornal que julga necessário reservar um importante espaço semanal a uma actividade designada por «crítica de artes plásticas», actividade essa que se tem resumido em ver e comentar algumas das muitas exposições lisboetas. Ver dando a ver, isto é, trazendo elementos de informação possivelmente adicionais àqueles que possuem os leitores da página em questão, o que os habilitará, senão a ver melhor, pelo menos a ver diferentemente. Mas quem será esta gente? Ou, formulando melhor a pergunta, para quem é a crítica de artes plásticas desta página?

A resposta será meramente empírica, dado que em Portugal, para além de uma sociologia da arte já amplamente divulgada e que pode encontrar aplicação sobretudo no campo da história da arte, fazem muita falta disciplinas que estudem uma sociologia do público, que seria um primeiro passo para uma sociologia da «vida artística» na qual a crítica se encerra e se cumpre, ou não, com uma consciência mais ou menos infeliz. O facto de o jornal ser de grande tiragem em nada altera o problema, até porque a informação e a crítica culturais nele se vêem reunidas num suplemento especial, o que ao mesmo tempo facilita a busca dos leitores interessados e neles pode tender a reforçar o sentimento de pertencerem a um outro mundo, do qual todos os outros ficam excluídos ou se excluem voluntariamente.

Claro que qualquer jornal, em qualquer país, reflecte, na sua estrutura, outras estruturas, nas quais se encontra obrigatoriamente inserido. A cultura é uma delas, e até há pouco tempo das menos imediatamente rentáveis, mas das mais prestigiantes, pois significava uma nova aristocracia, dita do espírito, que o século XIX e a burguesia tinham inventado.

AGORA — PORTUGAL DE 1973

Valerá a pena distinguir, neste comentário, os problemas maiores que actualmente se põem à actividade crítica, derivados até de uma evolução de estéticas que não foi só estética, e a actual situação da vida artística em Portugal, sobretudo nos seus aspectos de encomenda e de consumo que tendem a ser esterilizantes.

1. A CRÍTICA EM PORTUGAL. DIFICULDADES

É coisa recente, pouco mais de vinte anos, a crítica de artes plásticas em Portugal. Tudo quanto lhe fica para trás limita-se a actividade de literato, ou de jornalista, ou de plástico escrevinhador, mais ou menos metido no «meio» e companheiro dos artistas. Foi a luta pela arte moderna, ou melhor, pela imposição da arte moderna à sociedade portuguesa que deu a primeira crítica a Portugal, isto já ao nível do aparecimento da terceira geração, quando a modernidade portuguesa se cindiu em propostas e projectos vários: neo-realista, surrealista e abstracto, que pediam discernimento e ponderação, pois já não se tratava, apenas, de uma querela «antigos contra modernos», morto de velho que tinha ficado o século XIX durante os anos 20 e 30.

Esta actividade tremenda, que foi a de explicar aos portugueses, a alguns portugueses, toda uma geração de artistas, e não mais um punhado deles, empenhados em actividades e pesquisas que pressupunham dezenas de anos de evolução da arte moderna, no cadinho parisiense, pelo menos — foi, de certo modo, uma luta permanente por um vanguardismo, embora português, que mesmo epigonístico em grande número de casos, ia servindo a causa da introdução de novas formas na cultura nacional, na esperança de que essas novas formas criassem novas maneiras de ver, novos hábitos perceptivos.

Apoiada numa terceira geração e reforçada, ao longo dos anos 60, pelo aparecimento de uma quarta geração de artista modernos portugueses, essa actividade teve claros frutos numa nova orientação do público mais interessado pelas coisas de artes plásticas, isto é, por aquele do qual a encomenda directamente depende. Teve, pois, de certo modo, pleno êxito essa luta de anos pela modernidade e pela vanguarda.

Mas qual modernidade? Qual vanguarda?

As que se conhecem, aceitam, negoceiam em Portugal, que são de há dez, quinze, vinte anos ou mais? Um novo formalismo (subdivisível em quantos ismos particulares quisermos) parece querer dominar, no todo ou em parte, a cena internacional, impondo estruturas antigas (quadros de cavalete, escultura, gravura) com formulários visuais aparentemente novos, numa espécie de Estilo Moderno Internacional, como outrora houve, à escala europeia, um gótico internacional para consumo cortesão e cavalheiresco. Em Portugal isto pode significar, da parte de camadas novas que forem surgindo, a adopção rápida de fórmulas ou de modas vazias já de toda a atitude, correspondendo apenas a um gosto renovado, e internacionalizado da classe dominante portuguesa, ou de parte dela.

Assim o que há anos era introdução de formas, e com elas de novas atitudes e intenções, pode tornar-se hoje, embora levada a cabo por um mesmo espírito mimético e até desejoso de informação, importação de novos figurinos apenas para o consumo artístico interno, depois de lhes ser dado cá um certo toque pessoal, o que tem tudo a ver com a história do gosto, e nada com a história da arte como «sucessão de rupturas» e invenção constante.

Enfim, para cada geração de críticos ou de artistas, são bem diferentes as opções a tomar e as propostas a fazer, e bom é que assim seja, não nos servindo em 1973 o que era óptimo dez anos antes, com a certeza de que daqui a dez anos muito terá mudado.

Mas, mudar o quê? e para quê? já que não se pode tratar simplesmente de mudanças de formas, mas de mudanças de função de mudanças de estética para mudanças de éticas.

2. «A «VIDA ARTÍSTICA»

A evolução recente da vida artística portuguesa mostrou, ao longo dos anos 60, primeiro o aparecimento de novos mecenatos a continuar o da Gulbenkian, sobretudo da iniciativa de empresas privadas, que se traduziram em salões com prémios e compras obrigatórias, em prémios atribuíveis pela crítica, movimento que começou a ser acompanhado nos dois «centros artísticos» do país, Lisboa e Porto, por um desenvolvimento sem par das galerias comerciais com os seus primeiros artistas contratados e exclusivos em Portugal e com as primeiras importações comerciais de artistas estrangeiros: o comércio seguindo a cultura (isto é, as exposições de divulgação cultural, realizadas normalmente pela Gulbenkian).

Curiosamente, algumas das galerias que apareceram são antigas casas comerciais especializadas na venda de antiguidades e já com um público muito seguro neste último ramo, passando assim do antigo ao moderno e em muitos casos ao moderno-histórico. Assem, esta ou aquela fase determinada de um pintor, por mais rara ou interessante, tem uma cotação especial, bem como determinadas etapas históricas da moderna pintura portuguesa, como o surrealismo ou o neo-realismo dos anos 40-50.

Estas novas condições do mercado e da encomenda artística, preparadas ao longo de vinte anos de desinteressada luta por uma modernidade, têm que fatalmente produzir importantes alterações sobre a produção, e não falo apenas das «alterações das cadências» dos produtores para satisfazer apetites aparentemente insaciáveis, mas também de um autocomprazimento perante as cotações obtidas no mercado, que levem, sobretudo os mais jovens, a desinteressarem-se de contactos e problemas a nível internacional. A emigração não é já hoje o único meio de viver exclusivamente da pintura, bem pelo contrário...e ainda bem, para alguns.

Epocas houve em que a encomenda e o mecenato desempenharam não só a importantíssima função que é a sua, mas também tiveram um aspecto criador de novas atitudes da arte e do artista perante o mundo que o cercava. Actualmente, a difusa encomenda em que vivemos pode rapidamente tornar-se no culto de uma habilidade pessoal, que através de uma biografia e de uma personalidade «bem vincada» lança mais uma «imagem de marca» de pintor, escultor ou gravador.

Actualmente, o papel da crítica já não é o de fazer mansamente o jogo do consumo artístico. Trata-se antes do mais, de uma actividade de pesquisa slidária e companheira da de alguns artistas em busca de novas propostas.

UMA PROPOSTA: «OLHAR ALGURES»

Foi com grande alegria que nos dias 5 e 12 de Julho, neste mesmo suplemento, li os dois folhetins de José Augusto França, assim intitulados («Regader ailleurs»), e mais ainda o segundo, que o primeiro mais não era que um interessante «compe-rendu» de uma exposição vista em Bordéus, em que ao espaço ambíguo da pintura-pintura da escola de Paris se contrapunha o **«espaço equivoco** que medeia entre a vida e a arte». O segundo folhetim partia já para uma proposta de «deixarmos, por um parêntese histórico consciente e calculado, a «pintura» aos «marchands» e aos coleccionadores, aos especuladores e aos museus de velha definição, com seus meios cada vez menos úteis»...Corajosa proposta esta, a de um homem que toda a vida lutou pelo que agora, mesmo metodologicamente, propõe suspender, corajosa e exemplar esta proposta que se articula numa dupla actuação ou tarefa:

a. **Recuperação cultural...** de um modo de formas e sintaxes de teor académico oitocentista ou «salonnard», ou seja, no estudo de como a história do gosto pode, evoluindo, recuperar, em parte pelo menos a história da arte que no nosso século se veio fazendo:

b. **Invenção cultural ligada** a uma «estética selvagem» que se processe no intervalo entre a arte e a vida.

Equívoco sim, mas fora também do «ghetto» central onde se vem definindo a «vida artística, que tanto e tão pouco tem a ver com a vida de cada um de nós.

O pior não está em aceitar o programa, mas sim em cumpri-lo!